

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

**Estrangeiros e Modernização:
a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**

Marcos Hallal dos Anjos

Dissertação elaborada sob a orientação da
Professora Doutora Núncia Santoro de Constantino
e apresentada como requisito parcial e final para obtenção
do grau de Mestre em História/Área de História do Brasil

Porto Alegre

1º/1996

| | |
|-----------|--------------------|
| Classe: | Dissertação |
| Registro: | 069 |
| Data: | 17-02-2009 |
| Depósito: | Geotag - Ana Lopes |

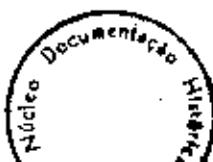
D-069

Dear Derby,
Please accept my cordial regards
to Stevenson & Mr. Blackman.

16/03/34

Yours truly,

A Ana Carolina



Agradecimentos

À Professora Doutora Núncia Santoro de Constantino, por me socorrer nos momentos difíceis e por partilhar comigo sua inspiração e suas conquistas intelectuais.

Ao amigo Professor José Plínio Fachel, pelo empurrão inicial.

À Professora Beatriz Loner e ao Professor Mário Osório Magalhães, pelas informações precisas e observações críticas ao trabalho.

Ao Professor José Rubens Acevedo, mestre que me auxiliou a "descobrir" a História.

À Professora Eva Maria dos Santos, incansável e eficiente na busca e compilação das fontes, além de estar sempre atenta às minhas lamentações.

À Professora Maria Ricardina Coelho Recuero, pela revisão gramatical e sugestões ao original.

À Carla Pereira e Rosana Sanches, funcionárias do Curso de Pós-Graduação, pela amizade e pela eficiência no trato dos assuntos de meu interesse.

À Marta Cabreta, funcionária da Junta Comercial do Estado, pelo auxílio imprescindível quando de minha estada em Porto Alegre.

À Sônia Tavares Garcia, encarregada do Museu da Biblioteca Pública Pelotense, por sua atenção contínua a meus problemas e por seus 'chás quentinhos' nas tardes de inverno.

À minha família, que sempre acreditou em mim.

À minha esposa, por TUDO.

Muito obrigado!

Abreviaturas utilizadas neste estudo

BPP = Biblioteca Pública Pelotense.

Jornais de Pelotas:

CM = Correio Mercantil.

JC = Jornal do Comércio.

DP = Diário Popular

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Resumo | 07 |
| INTRODUÇÃO | 09 |
| CAPÍTULO 1 - UMA CIDADE ATRAENTE | 14 |
| Formação Histórica | 15 |
| Segunda Metade do Século XIX | 23 |
| Malha urbana, acessos e população | 24 |
| Obras públicas | 29 |
| Saúde e educação | 33 |
| Cidade europeizada | 36 |
| CAPÍTULO 2 - A PRESENÇA ESTRANGEIRA | 38 |
| Imigração no Brasil e no Rio Grande do Sul | 40 |
| Colonização em Pelotas | 42 |
| Política imigratória | 52 |
| Números da imigração pelotense | 53 |
| CAPÍTULO 3 - ATIVIDADE ECONÔMICA E OCUPAÇÃO | 59 |
| Atividade fabril | 62 |
| Fábricas de fumos | 66 |
| Cervejaria Ritter | 68 |
| Fábrica Lang | 71 |
| Profissionais liberais e serviços | 73 |
| Comerciantes | 77 |
| Desafortunados | 82 |
| Atividade hoteleira e italianos: uma singular relação | 83 |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 4 - ATUAÇÃO CULTURAL | 87 |
| Estrangeiros e ação associativa | 88 |
| Unione e Philantropia | 93 |
| Mostres e escolas | 98 |
| Pintores e fotógrafos | 104 |
| Estrangeiros e a imprensa | 111 |
| Espaços de Sociabilidades | 115 |
| CONCLUSÃO | 119 |
| Fontes | 123 |

Resumo

O presente estudo analisa a participação do elemento estrangeiro no processo de modernização da cidade de Pelotas, no último quartel do século passado.

Segundo o historiador pelotense Mário Osório Magalhães, entre os anos de 1860 e 1890, Pelotas conseguiu unir boas condições econômico-urbanas e sócio-culturais, caracterizando um período de apogeu.¹ Essa afirmação, somada à dificuldade de acesso a fontes relativas ao período anterior a 1875, foram responsáveis pelo corte temporal realizado. O privilégio dado ao ambiente urbano, como espaço de análise, está em sintonia com o grande debate que este tema vem proporcionando nos últimos anos.

... Segundo a definição de Simmel² a respeito do estrangeiro, e entendendo a modernização como o conjunto de fatores, fontes e determinantes que alimentaram as grandes transformações pelas quais passou a cidade no período, demonstrou-se que:

Pelotas recebeu excepcional impulso em direção a um processo de modernização no último quartel do século XIX. Identificou-se, nesse período, o incremento da iluminação pública a gás hidrogênio, o início do fornecimento de água à população, a inauguração do serviço de saneamento projetado pelo engenheiro francês Gregório Houyan e o início do trânsito de carros de passageiros da 'Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas'. É desse período, também, a desobstrução da foz do São Gonçalo, permitindo a entrada em Pelotas de navios de grande calado; a construção da estrada de ferro, ligando Rio Grande a Bagé com estação em Pelotas; a inauguração da Biblioteca Pública Pelotense e a presença de grandes jornais como o Correio Mercantil, A Pátria, o Diário de Pelotas, o Jornal do Comércio, o Onze de Julho e A Discussão.

Tais inovações e a existência de um ambiente citadino impregnado por valores culturais europeus fizeram de Pelotas uma cidade atraente àqueles estrangeiros desejosos de satisfazer as mais variadas ambições pessoais. Quanto a representatividade numérica destes, observou-se que o português foi preponderante, fixando em segundo lugar o italiano, seguido de perto por uruguaios e espanhóis.

O elemento estrangeiro foi um agente social capaz de atuar nas mais variadas áreas do ambiente urbano. Marcou presença nas atividades econômicas como industrial, profissional liberal

¹ Ver MAGALHÃES, Mário Osório. *Oralidade e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1800-1890)*. 2^a edição, Pelotas, Ed. Fid / Co-edição - Centro Municipal, 1993.

² Ver SIMMEL, Georg. *Estudos sobre as formas de sociabilidade*. Rio de Janeiro, 1986.

e mestre artesão, sendo relevante seu papel como proprietário de estabelecimentos comerciais, estando presente em 70% das firmas identificadas no período.

Culturalmente sua atuação foi variada, indo desde a participação em sociedades de natureza benéfica, cultural ou esportiva até uma marcante atuação na formação educacional dos jovens pelotenses, passando pela influência de artistas plásticos, fotógrafos e jornalistas na construção de uma cultura urbana.

Portador de novas ideias e práticas sócio-económicas transformou a cidade de características predominantemente luso-brasileiras em uma cidade cosmopolita, resultado de um intenso intercâmbio cultural onde diferentes e diversos grupos sociais entraram em contato inevitavelmente.

INTRODUÇÃO

Nos fins do século XVIII, o português José Pinto Martins estabeleceu-se às margens do arroio Pelotas, iniciando ali uma produção de charque em caráter empresarial. Tal atividade, a partir de então e até as primeiras décadas do século XX, passou a ser a principal fonte econômica de desenvolvimento da região.

Ligados a essa atividade figuraram homens como Domingos José de Almeida, Antonio José Gonçalves Chaves, Joaquim José de Assumpção, Domingos de Castro Antigueira e outros, em sua maioria portugueses ou descendentes destes. Tais fatos induziram ao surgimento de um saber corriqueiro, que atribuiu ao elemento luso-brasileiro uma responsabilidade, quase que exclusiva, no processo de formação e evolução da cidade de Pelotas. Não obstante, a leitura dos antigos periódicos locais revelou o quanto é equivocada tal conclusão, pois o tecido social pelotense encontrava-se bastante rico ao término do século XIX.

Na intenção de adquirir maiores informações a respeito do assunto, buscou-se encontrar amparo na bibliografia especializada, quando se detectou grande lacuna na produção historiográfica. A ausência de trabalhos específicos a respeito da participação de elementos desta ou daquela etnia e a equivocada idéia da exclusividade do elemento luso-

brasileiro no processo de formação da cidade de Pelotas tornaram-se então os fatores motivadores do trabalho de pesquisa, que tem como objetivo geral a análise da atuação do elemento estrangeiro na zona urbana de Pelotas, no último quartel do século XIX.

Neste estudo, considerou-se estrangeiro todo aquele elemento não brasileiro atuante na cidade. Num sentido mais sociológico abraçou-se a definição de George Simmel, que entende o estrangeiro não como um nômade migrador, que chega hoje e se vai amanhã, mas como aquele que chega hoje e permanece amanhã, não deixando de ser, porém, um emigrante em potencial. Em outras palavras, *estrangeiro* é aquele que detido em determinado lugar não está completamente assentado e, mesmo quando fixado em um círculo espacial, tem sua posição caracterizada por não pertencer a ele desde sempre e por trazer consigo qualidades que não procedem do círculo.¹

Na delimitação do último quartel do século passado como corte temporal levou-se em consideração dois aspectos básicos: em primeiro lugar, a análise do historiador pelotense Mario Osório Magalhães a respeito da história de Pelotas, onde ele conclui que, entre 1860 e 1890, a cidade conseguiu unir boas condições econômico-urbanas e sócio-culturais, de forma tal que a convergência desses fatores dentro de uma mesma conjuntura histórica fosse capaz de configurar um verdadeiro apogeu;² em segundo lugar, a escassez de fontes relativas ao período anterior a 1875, em especial quanto a jornais da época, isso sem se mencionar que nesta data tem início o último grande processo de imigração oficial para o Rio Grande do Sul, com a entrada dos imigrantes italianos.

O interesse pelo espaço urbano é resultado do instigante debate que esse tema vem proporcionando nos últimos tempos. Apesar da cidade ser uma realização antiga, foi com o advento do capitalismo que a questão urbana se impôs, tornando-se a cidade espaço privilegiado de análises.

O objetivo específico da dissertação é a análise da participação do elemento estrangeiro no processo de modernização da cidade, entendendo-se como modernização o conjunto de fatores, fontes e determinantes que alimentaram as grandes transformações sociais, econômicas e culturais pelas quais passou a cidade no período.³ Para tanto, tratou-

¹ Conforme SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las formas de socialización*. Alianza Universidad, 1986, v. 1/16.

² Conforme MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura no Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2^a edição, Pelotas, EdUFPR: Co-edição Livraria Mundial, 1993, pp. 297-298. Mais informações sobre a obra ver Capítulo 1- Um olhar esclarecedor.

³ O termo "modernização" tem sido elevado de debates sérios e esclarecedores debates, recebendo atenção de historiadores, geógrafos, sociólogos e todos os outros intelectuais interessados em entendê-lo, centro de temas mais ou menos sérios, e têm de precisar sua utilização. Nesta orientação, optou-se pela elaboração de uma definição apropriada ao contexto histórico em estudo, sem negar, no entanto, a influência de Berman, que entende "modernização" como "o conjunto dos processos sociais que alimentam (gris - eu) o

se de identificar e analisar alguns subprocessos ou componentes historicamente associados ao conceito de modernização: a urbanização; a industrialização; a evolução dos meios de comunicação e transportes; as transformações ocorridas na área da educação, saúde e cultura e o surgimento de novos espaços públicos de sociabilidades, entre outros.

Nesse sentido, as seguintes hipóteses balizaram o trabalho:

1^a) A cidade de Pelotas, um dos principais centros urbanos da Província de São Pedro, recebeu excepcional impulso em direção a um processo de modernização no último quartel do século XIX. Melhoramentos em infra-estrutura (iluminação, transporte, água e esgoto), aformoseamento de largos e ruas, e novos padrões de linguagem em arquitetura e comportamento comprovam a afirmação. Tal transformação fez de Pelotas uma cidade capaz de atrair elementos estrangeiros desejosos de satisfazer as mais variadas ambições pessoais.

2^a) Presente na cidade, o elemento estrangeiro participou do processo na medida em que trouxe consigo novas ideias e práticas sócio-econômicas, transformando a cidade de características predominantemente luso-brasileira em uma cidade cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio cultural onde diferentes e diversos grupos sociais entravam em contato inelutavelmente.

Para a comprovação do acima exposto, compulsou-se a documentação arquivada no Museu da Biblioteca Pública Pelotense, em especial jornais e periódicos locais da segunda metade do século passado, como o 'Correio Mercantil', 'A Ventarola', 'A Opinião Pública', 'A Pátria', 'O Jornal do Comércio' e outros. De grande valia foi a 'Revista do Centenário de Pelotas', composta de 7 exemplares e editada por João Simões Lopes Neto, entre os anos de 1911 e 1912. Em Porto Alegre, realizou-se pesquisas nos contratos de sociedades comerciais pelotenses registrados na Junta Comercial do Estado.

Tais fontes foram responsáveis por uma importante delimitação: o enfoque dado à pesquisa privilegiou o capital, não o trabalho. A atuação do estrangeiro operário não foi objeto de análise, mas sim a do proprietário de indústria, do comerciante, do profissional liberal e do artesão independente.

De posse dos dados passou-se à análise e por fim à argumentação, que ficou estruturada nos seguintes capítulos:

"Índice da vida moderna". Conforme B-SMAN, Maneli. *Tudo que é sólido demanda respeito à avanço da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 16.

O primeiro - *Uma cidade atraente* - fornece, inicialmente, informações gerais a respeito da formação do espaço histórico que serviu de palco ao processo de urbanização da cidade.⁴ Após, na tentativa de se demonstrar a capacidade que Pelotas tinha de atrair elementos estrangeiros, buscou-se recompô-la, com ênfase em aspectos comprovadores do desenvolvimento e modernização da zona urbana, através de dados populacionais, estrutura viária, serviços públicos - como iluminação e saneamento básico - educação, saúde e outros.

No segundo capítulo - *A Presença estrangeira* - identificou-se as portas de acesso do estrangeiro à cidade e a política imigratória posta em prática pelos pelotenses no período. Através de análises quantitativas, comprovou-se a presença e classificou-se por representatividade numérica o elemento estrangeiro na zona urbana de Pelotas.

No terceiro capítulo - *Atividade econômica e ocupação* - demonstrou-se que o elemento estrangeiro foi um agente social capaz de atuar nas mais variadas áreas do ambiente urbano pelotense. Parte integrante do processo de modernização da cidade, trouxe consigo valores, hábitos e experiências diversas, tornando-se responsável pela transformação da antiga cidade de características luso-brasileiras em uma nova e cosmopolita cidade. A análise do capítulo repousa na atuação econômica do alienígena e na transformação formal que seu trabalho representou para a cidade, como, por exemplo, através do pioneirismo na fabricação de determinados produtos, das inovações e das diferentes técnicas utilizadas no processo de produção e circulação de mercadorias e serviços, e das inovações arquitetônicas, representadas pelos traços em estilo neorenascentista, introduzidos por construtores estrangeiros.

No último - *Atuação cultural* - analisou-se a atuação cultural dos estrangeiros. Buscou-se identificar as estratégias utilizadas pelo alienígena para promover sua inserção na sociedade local e a influência de sua atuação na transformação da sociedade pelotense em direção a uma cultura urbana. Atividades associativas, atuação de estrangeiros na formação dos jovens pelotenses e espaços de sociabilidades mantidos por estrangeiro, estão presentes neste capítulo.

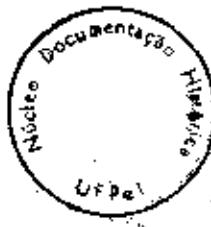
Em conformidade com os objetivos desse estudo, não se buscou, em nenhum momento, privilegiar a participação destes ou daqueles estrangeiros, isto é, a freqüência e a

⁴Não se pretendeu realizar a história da gênese e desenvolvimento do ambiente urbano pelotense. As informações a esse respeito precisam se somente a necessária contextualização. Para maiores informações sobre o assunto ver ARRUDA, Edmundo. *Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas, Editora Armarizém Literário, 1994.

intensidade das análises realizadas a respeito de determinados grupos étnicos foi determinada pela presença de representantes destes nas variáveis analisadas.

Observa-se também que, pelo período em estudo, há que se considerar o elemento português como um estrangeiro, presente no conjunto da imigração europeia. Salienta-se, no entanto, a dificuldade encontrada no trato deste, por sua grande integração à comunidade local e pelo fato dos sobrenomes não favorecerem a identificação.

Capítulo 1: Uma Cidade Atraente



UMA CIDADE ATRAENTE

Formação Histórica

"A história da cultura humana mostra os sinais do tempo que nela trazegam suas profundas marcas. O mundo é produto do homem, da sociedade e, porvento o espaço produzido em cada momento se é concretamente diferenciado. Podemos entender o mundo material como produto do homem, resultado da ação de várias gerações, cada uma ultrapassando a precedente e aperfeiçoando sua herança, seu conhecimento, e assim vindo constantemente mudando formas."¹

O espaço geográfico coadjuvante no processo de formação histórica da cidade de Pelotas faz parte da Encosta do Sudeste, "uma das 11 regiões em que pode ser dividido o Rio Grande do Sul e da qual também fazem parte os municípios de Tapes, Camaquã, São Lourenço do Sul, Capão do Leão, Pedro Osório, Arroio Grande e Jaguarão."²

O município se estende "das mais baixas ondulações da encosta oriental da Serra dos Tapes até a planície sedimentar da margem ocidental do canal São Gonçalo"³ e é composto por duas grandes paisagens naturais: a serrana e a planície.

Na região onde predomina a planície

"(...) se deu a ocupação principal, onde se privilegiou a área das terrengos, guardada as cheias dos cursos de água locais. Foram justamente estes cursos de água, o canal São Gonçalo, o arroio Pelotas e o Rio Santa Bárbara, responsáveis pelo desenvolvimento da com-

¹CARLOS, Ana Fani Alessaren. A cidade. São Paulo, Contexto, 1999, p. 58.

²ROSA, Mário. Geografia de Pelotas. Pelotas, Editora da Universidade Federal de Pelotas, 1985, p. 11.

³Idem, locidem, p. 11.

progresso comercial muito agradou. Particularmente na coxilha que foi invadida por estes bairros de difícil acesso e que formar, mais tarde, a cidade.⁴

A ocupação dessa coxilha não resultou, contrariamente ao que era praxe na época, de empreendimentos militares ou de ocupação do solo pela colonização, com objetivo de garantir a posse portuguesa do extremo sul do Brasil, mas antes de uma íntima ligação com a atividade pastoril e, mais particularmente, com o fabrico do charque.

João Simões Lopes Neto informa que:

"Como as charqueadas estavam situadas na parte ribeirinha - arroio Pelotas, rio S. Gonçalo, arroio Santa Bárbara - e a população tinha em aumento, mal acostumada, resolvendo muitos moradores, para maior tranquilidade das suas famílias, estabelecerem-se em portos mais afastados sob abrigo ou movimento das tropas da gado semi-selvagem, que às vezes, em desparadas imprevisíveis promoviam o alarme, servora o perigo e muitas vezes o fogo eram os vizinhos. Dessa também os mesmos causados pelas enxurras, e, é temer o desmatamento das escravatutas recentemente. Localizaram-nos algures as suas casas a meio do planalto da extensa coxilha manchada. Oeste pelo arroio Santa Bárbara, ao sul pelo São Gonçalo, onde veio em depois e seguir-se a compacta edificação da nova urbanização. Particularmente, no espaço compreendido entre a Praça da República e a matriz, cresceu o delineamento da cidade."

O povoado foi crescendo rapidamente, colonizando a gente que morava mais longe, dispersa.⁵

Attravés de uma ocupação espontânea - condicionada por fatores locacionais de segurança (enchentes, rebeliões de escravos e estouro de boiadas), além do mau cheiro das charqueadas - seguida de um excepcional impulso obtido pela exploração de caráter empresarial do charque, obra pioneira do português José Pinto Martins, iniciada em 1779, lentamente formou-se o povoado que, em 1812, foi elevado a condição de freguesia.

Como explica o historiador Mário Magalhães;

"(...) não significava o surgimento de uma unidade administrativa, que só em 1812, pela elevação em vila. Freguesia era um título de autonomia religiosa, de o qual o novo povoado cuspava o discurso da Igreja paroquial própria. Quando atinge essa condição, em 1812, Pelotas desliga-se da Freguesia e Matriz de São Pedro, no Rio Grande, sua antiga dependente, como povoado, da sua Vila e Câmara."⁶

⁴VERA, Sidney Gonçalves; PEIXOTO, Odilon Ferreira; TONI, Wilson Silvano (ed.), "A evolução urbana de Pelotas: um estudo metodológico", in: *1812: 150 anos em Revista. Publicação do Núcleo de Documentação e História do Clí.Pel.*, Pelotas, 1º 01, setembro de 1994, p. 96.

⁵LOPES NETO, João Simões, *Revista do 1º Centenário de Pelotas*, Pelotas, nº 9, 23/11/1911, p. 4.

⁶MAGALHÃES, Mário Osório, *Civilização e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1800-1900)*, 2ª edição, Pelotas, Ed.UFPE / Co-edição Livraria Mundial, 1993, p. 27.

Portanto, os charqueadores da agora Freguesia de São Francisco de Paula, independentes para as coisas do espírito, ainda continuavam administrativa e economicamente ligados à Vila de Rio Grande, muitos deles lá possuindo suas casas de moradia e negócios.

Mesmo assim, em 1814, a freguesia já acusava uma população de 2.419 almas,⁷ sob a proteção da Igreja Matriz, fundada em 1813, e a invocação do padroeiro São Francisco de Paula. Nessa época, a população geral da Capitania atingia 70.656 habitantes.

Em 1820, encontravam-se no perímetro urbano 217 casas, 25 vendas, 5 armazéns e 15 lojas de fazendas.⁸ Para o mesmo período, Alberto Coelho da Cunha calcula para toda freguesia uma população de 3.200 almas⁹ e para as aproximações de 1830, 4.300, das quais 3.000 concentravam-se no povoado.¹⁰ Entre 1814 e 1830, apresentava um crescimento de 177,75%.

Igreja e povoado estabeleceram-se em terras do capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, que as negociou “em forma de lotes urbanos, constituindo uma espécie de quadro, em quase perfeito xadrez, que se mantém até hoje e que serviu de padrão, pelo tempo afora, para todos os outros quarteirões do centro da cidade”.¹¹

Esses lotes urbanos, cuja medição judicial foi concluída em 20/05/1815, constituíram-se por 12 ruas longitudinais (Norte-Sul):

| Ruas da Freguesia (longitudinais) | |
|-----------------------------------|----------------------|
| denominação em 1815 | denominação atual |
| da Boa Vista | Marcelo Dias |
| das Lavadeiras | Professor Araújo |
| da Lagoa | Santos Dumont |
| do Açoique | Barão de Santa Tecla |
| de Santa Bárbara | Marechal Deodoro |
| Augusta | General Osório |
| das Flores | Andrade Neves |
| São Miguel | Quinze de Novembro |
| da Igreja | Anchieta |
| do Comércio | Félix da Cunha |
| Alegre | Gonçalves Chaves |
| das Fontes | Almirante Barroso |

⁷Conforme *De Província de São Pedro a Terraço do Rio Grande do Sul*. *Censo do RS: 1802 - 1850*, p. 50. (Freguesia só elevada ao 7 de julho de 1819).

⁸Conforme CHAVES, Antônio José Giorgelv. *Memórias Econômico-políticas sobre a administração pública do Brasil*. Porto Alegre: ERLS, 1978, p. 179.

⁹CUNHA, Alberto Coelho da. “Aniquilhar de Pelotas”. In: *A Opinião Pública Pelotana*, 19/10/1998.

¹⁰Idem, Início, 22/10/1928.

¹¹MAGALHÃES, Mário Osório. op. cit., p. 97.

e por 7 transversais (Leste-Oeste);

| Ruas da Freguesia (transversais) | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| denominação em 1815 | denominação atual |
| da Palma | General Neto |
| da Horta | Voluntários |
| do Padeiro | Doutor Cassiano |
| do Torres | Major Cicero |
| Sto. Antônio | Senador Mendonça |
| da Vigia | General Argolo |
| do Passeio | Av. Bento Gonçalves. ¹² |

Sobre a Freguesia de São Francisco de Paula, escreveu José Caetano da Silva Coutinho em 1815:

"A igreja é uma baraqueira de tijolo, rasa e ainda incipiente, o que não importa, porque para receber tanto o culto, que já anda por mais de 4.000 almas e cedo subirá e muito mais, precisava de uma grande "greja" de pedra e cal, que podem muito bem fazer se quissem, porque são muitos homens (...). Vi um grande coroado de homens e mulheres, vestidos com riqueza e luxo (...). A novidade já tem certas casas como Cachoeira (...), grande coisa promete para o futuro."¹³

Saint Hilaire, referindo-se à povoação, registra, cinco anos depois, quer

"(...) conta para mais de 100 casas, construídas segundo um plano regular de exploração de areia. As ruas são largas e retas. A praça em que fica a igreja é pequena, porém, muito agradável. A fachada da maioria das casas é encadada. Não se vê em S. Francisco de Paula uma calhoga sólida e tudo aquilo é madeira noite longa. Na verdade as casas são todas de um só pavimento, mas são bem construídas, cobertas de telhas e guarnecidas de latas envidraçadas.

Os homens que encontrai ali davam vestidos com assento e vi várias ojas sortidas de mercadorias diversas. Os negócios e principalmente negociantes constituem a população de S. Francisco.

Algumas famílias do Rio Grande mudaram-se para aqui e é possível que, aqui a pouco tempo, esta aldeia seja extensão de um grande número de novos habitantes, atendendo essa posição favorável de colonização, pela beleza da região e riqueza das que se acham aqui escondidas."¹⁴

¹² O bairro só de perceber a felta da sua Santa Cruz entre as engenharias; no entanto, Mário Magalhães nos explica que "a Congregação Católica era composta de muitas chácneas, cujos muros se prolongavam, em direção a este, até alcançar a Barroca. Entre uma rua e outra, havia, no entanto, um imenso intervalo, maior do que a distância entre as outras suas projeções. Na extremidade norte desse espaço é que houve romper, animado a Rua do Céu Largo, para se estender, depois, na direção do sul. Na verdade, só entre os anos de 1908/1919 é que ela foi totalmente formada ao trânsito. O nome da Santa Cruz surgiu a partir de 1846(...)." MACALHÃES, Mário Osório. Os passeios da cidade antiga (guia histórico das ruas de Pelotas). Pelotas, Amazonas, 1994, p. 90.

¹³ Acord NLS, Pe. Ruas, "Pelotas em 1815". In: *Centro do Peru, Porto Alegre*, 08/01/1972.

¹⁴ SANT'HIÁRE, Auguste de. *Víagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Tradução de Leopoldo de Alencastro Penteado. Rio de Janeiro, Ariel Editora LTDA, 1935, cap. 87,88.

Devido a um contínuo e acelerado crescimento económico e populacional, os habitantes da freguesia passam a aspirar o *status* de vila, o que se dá através do decreto de elevação, de 7 de dezembro de 1830. No entanto, somente em 7 de abril de 1832, sua instalação se efectivará, pois a Vila do Rio Grande, não tendo nenhum interesse nessa emancipação, irá articular algumas tentativas de anulação do decreto.¹⁵

Após 1814, o próximo censo a refletir a situação populacional da região é o de 1833. Este concede à Vila o número de 10.873 habitantes, reservando 4.707 à zona urbana,¹⁶ constituída por 544 prédios.¹⁷

Utilizando-se os cálculos efectuados pelo historiador pelotense Eduardo Arriada,¹⁸ chega-se a duas conclusões:

1^{a)}) confrontando-se os números de 1814 e os de 1833, quanto à população total do povoado, detecta-se um crescimento médio anual de 445 pessoas.

2^{a)}) observa-se, na Vila de São Francisco de Paula, grande concentração populacional¹⁹ na zona urbana: 4.707 habitantes, o que significa 43,29%.²⁰

Em 1832, encontravam-se na Vila de São Francisco de Paula: 27 lojas de fazendas, 8 de ferragens, 7 alfaiatarias, 9 sapatarias, 3 lojas de miudezas, 3 boticas, 1 tamancaria, 3 marcenarias, 1 carpintaria, 4 lojas de serigueiros, 3 de ourives, 2 de lombilhos, 3 de funileiros, 1 casa de pasto, 1 tanoaria, 2 mascates, 1 fábrica de licores e 6 salas de bilhares públicos,²¹ além de 5 aulas particulares (com um total de 244 alunos, sendo 35 meninas).²²

A concentração populacional verificada, as novas e complexas atividades económicas e as relações sociais dai resultantes passaram a exigir da administração pública legislação que buscasse regrar a nova realidade social. Em 19 de fevereiro de 1833, foi aprovado o Código de Posturas Policiais, regulamentando o que se referia a

(...) seções cívicas - venda de embaixos e procuras à mercê das, profissões de batelários, médicos, cirurgões, e parturais, nascere em terrenos abertos, pertences, currais, relações e

¹⁵ Conforme OSORIO, Fernando Luis. *A História de Pelotas*. 2^a. POA, SP, Editora Gob, 9^a ed., 1962, p. 45.

¹⁶ ARRUDA, Eduardo. *Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas, Editora Amazém Literária, 1994, p. 155.

¹⁷ LOPES Neto, João Simões. cc. d., 30/3/911, n°3, p. 41.

¹⁸ Ver ARRUDA, Eduardo. cc. cit., p. 117.

¹⁹ Utilizou-se aqui o termo 'concentração populacional' e não 'grau de urbanização' utilizado pelo historiador Eduardo Arriada, pois entende-se que a variação 'nº de habitantes', não caracteriza, por si só, 'grau de urbanização'.

²⁰ "O critério Limite Urbano - declarado oficial, pelo leitorado da 'Esquerda Carol da Província, em São Francisco de Paula, em 1832, era o seguimento da Rua Marçalio Dina, costeando até o Sul o parque Santo Antônio, até o Estrelito e daí mais a Leste, até a Rua das Canibas, indo em direção mais ao leste no Norte à Rua do Passeio, ilum na rua Junco ou ainda Serra Branca." Conforme MAGALHÃES, Nelson Nobre. *Pelotas Memória*. Pelotas, Faschtão /1989, p. 90.

²¹ Conforme CUNHA, Alberto Coelho de. op. cit., 31/1/1998

²² LOPES Neto, João Simões. cc. d., 30/3/912, n°6, p. 95.

agora que o comércio de lâminas e manufaturas, que pudesse trocar suas mercadorias, comércio de tecelãos e esterros, finanças de orçaz e ruas, provisões para com certidões de ordens públicas, manutenção de estradas, canais, portos e plantações, polícia nos mercados e direitos de negócios.²³

No mesmo ano em que atinge a condição de vila, a malha viária do povoado altera-se com o loteamento das terras de dona Mariana Eufrásia da Silveira. As sete transversais já existentes acrescentaram-se, em direção ao sul, mais 15 novas ruas. Como bem observou Mario Magalhães, a vila, em 1832, já possuía o mesmo contorno que o centro da cidade possui atualmente.²⁴ As 15 transversais são:²⁵

| Ruas da Vila (transversais) | |
|-----------------------------|-----------------------|
| denominação em 1832 | denominação atual |
| do Poço | Sete de Setembro |
| São Jerônimo | Matechal Floriano |
| São Francisco | Princesa Isabel |
| Hércules | Lobo da Costa (oeste) |
| São Paulo | Lobo da Costa (leste) |
| Martins Coelho | Tiradentes |
| Rolim | General Telles |
| Fabiano Pinto | Dom Pedro II |
| Formosa | Três de Maio |
| Alfres Inácio | Gomes Carneiro |
| Francisca Eulália | Uruguai |
| João Alves Pereira | Almirante Tamandaré |
| da Indígena | Benjamin Constant |
| Canarim | Conde de Porto Alegre |
| da Olaria | João Manoel |

A malha viária não se apresentava, é claro, totalmente ocupada por edificações, porém, o planejamento e execução de novas ruas apontam para um crescente desenvolvimento urbano. Sobre a Vila de São Francisco, em 1834-35, informava Arsène Isabelle:

"As ruas são diretas, ladeadas de grandes calçadas e vê-se facilmente que reina o mesmo esplendor que em Porto Alegre para o crescimento dessas classes respeitáveis, cuja a construção de edifícios imponentes é em geral o aquilo que contribui para enfeitar a cidade, favorecer o comércio e atrair os estrangeiros.

²³ MAC.DG, Clér. Mar. A prosperidade de Pelotas pelo mérito de sua gente. Pelotas, monografia no Censo de 1860, greduação e nível de especialização em História da Brasil, UCPB, Rio-S., 1983, pp. 11,12.

²⁴ Conforme MACA-HAES, Mario Osorio, *O poder e cultura...*, op. cit., c. 99.

²⁵ Idem, ibidem, c. 30. As ruas Barão de Mesquita e Barão de Bento surgem entre 1830/35 e por isso não figuram no plante de 1830. Conforme MAGALHÃES, Mario Osorio, *Os paisões da cidade antiga...*, op. cit., p. 117.

Há um belo teatro,²⁶ verdadeiramente文明和优雅 (...).
É fácil prever que, em poucos anos, este será a segunda cidade da província e talvez
também a mais comercial (...).²⁷

Isabelle previu com acerto. Em 1835, a vila eleva-se a cidade, apresentando uma população de 12.425 habitantes, sendo 5.467 (44%) na zona urbana.²⁸ Nesse ano, o Rio Grande do Sul dividia-se em 14 municípios, dos quais somente três eram cidades: Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

Moacyr Flores informa que nessa época havia, em Pelotas, mais de 300 negociantes, sendo que a cidade "se destacava pelo ativo comércio, luxo de suas casas, ruas bem construídas e intensa vida cultural".²⁹

É preciso lembrar que a charqueada, geradora da riqueza de Pelotas e região, exigia de seus proprietários um acelerado ritmo de trabalho (baseado na mão-de-obra escrava) durante os meses de novembro a abril-maio. No período de entressafra, podiam os charqueadores morar na cidade, "entiquecendo-a e enriquecendo-se de uma vida social intensa".³⁰

Porém, o objetivo no momento não é medir o grau de urbanização (se é que é possível) da cidade de Pelotas na primeira metade do século passado, busca-se traçar uma panorâmica visão de seu desenvolvimento econômico-social através de dados quantitativos e impressões de viajantes. Maior interesse encontra-se na segunda metade do século, momento em que Pelotas retoma seu crescimento após alguns anos de vacilações e marasmo devido à guerra civil gaúcha (1835-45). Como muito bem expressou Mário Magalhães,

(...) o decénio final do Século XIX desemboca, de forma repentina, numa florescente prosperidade e suas consigo: as freqüências. Para que se aprofunde as expressões da Dreyfus: um [de] comércio 'in rácios das em aumento', 'manejado por mais de 300 negociantes', quando 'os estragos da guerra vieram suspender seus progressos'.³¹

²⁶ Provavelmente o Teatro São de Abril, cujo prédio em torno da Praça foi inaugurado em 1828.

²⁷ SABE —, Alencar. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834*. Tradução e notas de Dierre de Leyva. 2 ed., Porto Alegre, Martins Livreiro Edição, 1983, p. 50.

²⁸ ARRADA, Eduarda. op. cit., p 155.

²⁹ LORES, Moacyr. *Resolução Fazendinha*. Porto Alegre, Martins Livreiro Edição, 1984, p. 39.

³⁰ MAGALHÃES, Mário Osório. *Ocupação e Cultura...* op. cit., n. 53.

³¹ Idem, ibidem, p. 51

Também não cabe aqui a análise pormenorizada das consequências desse episódio bélico para o progresso económico-social de Pelotas. Novamente são importantes as opiniões de Magalhães:

Exetuando-se aquele depoimento de Nicéau Dieys, relativo à estagnação que há havido no comércio, os primeiros testemunhos que se conhecem são todos positivos à revolução, mas todos urântimes em concordar que Pelotas caminha o que significa deixar de progredir durante o decénio da guerra. (...) Historiadores recentes como Mário Flores, Heloísa Vazcimero e Ângelo Moreira, chegam à mesma conclusão, em decisamente sentenças.³²

No entanto, de forma alguma, pode-se pensar que a cidade de Pelotas passou por um período de decadência durante a Revolução Farroupilha. Sendo um ponto estratégico - próximo ao porto de Rio Grande - era de se esperar que fosse disputada por legalistas e farroupilhas, contudo, apesar de ter sido invadida várias vezes, teve apenas retardado seu crescimento, que vai ser retomado mesmo antes do final do conflito. Por volta de 1843, a população de Pelotas, diminuída pela evasão durante os anos de convulsão social, volta a aumentar, contribuindo para isso a chegada de castelhanos, fugidos da Guerra de Oribe.³³ No dia 15 de abril de 1844, a Câmara Municipal, fechada desde fevereiro de 1836, volta a funcionar, índice da volta à normalidade administrativa na cidade.

Ainda durante a década de 40 e na de 50 registra-se: a construção do Mercado Público, característico espaço de intercâmbio económico e social do período, em prédio contíguo à praça principal; a instalação da iluminação a azeite; a construção da primeira ponte de pedra sobre o Santa Bárbara; a fundação da Santa Casa de Misericórdia, do hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência e do Asilo de Órfãs; e o número de 11 escolas entre públicas e particulares, abrigando 523 alunos, sendo 164 meninas.³⁴ Arriada calcula para 1846, 11.244 habitantes no município, sendo 5.229 na zona urbana.³⁵ Números menores se comparados aos de 1835, em consequência do conflito armado.

³² *idem*, *ibidem*, pp. 62,62.

³³ Ver OSORIO, Fernando L. S. A Cidade de Pelotas. Pelotas, QJ. Fp. do Diário Pioneiro, 1922, s. 72.

³⁴ LORETO NEIRO, Cecília Siqueira, *op. cit.*, 30/3/1919, 196, p. 99.

³⁵ ARRUDA, Lourenço, *op. cit.*, p. 155.

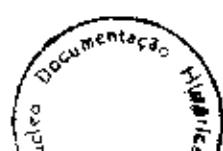
Segunda Metade do Século XIX

Na produção historiográfica gaúcha referente ao século XIX, Pelotas ocupa, via de regra, posição de destaque em análises sócio-econômicas.²⁶ Principal responsável por essa realidade, a indústria do charque, concentradora de vultosos capitais na região, será também impulsionadora de outras atividades econômicas, sejam elas complementares como curtumes, fábricas de velas, de cola, de sabão, de guano, de lânguas salgadas e outras; ou paralelas como olarias, empresas de navegação, comércio de madeira, empreendimentos bancários e creditícios, companhias de seguros, etc. Tal progresso econômico proporcionará melhoramentos e modernizações urbanísticas que irão atrair clementes estrangeiros em busca das mais variadas satisfações.

Na segunda parte do presente capítulo, deixando de lado a ordem cronológica que até agora nortcou este trabalho, analisar-se-á, de forma geral, o que Pelotas era capaz de oferecer àqueles que a ela se dirigiam na segunda metade do século XIX. Assim sendo, torna-se inevitável e oportuno registrar algumas observações a respeito da obra do historiador pelotense Mário Osório Magalhães.²⁷ Versando sobre a história de Pelotas do século passado, sua análise objetiva responder à seguinte indagação: teria Pelotas atravessado um período de culminância em seu peculiar processo de desenvolvimento econômico, urbano, social e cultural? Para tal, o historiador salienta a necessidade de definir conceitos como apogeu ou culminância, elabora argumentos e descortina fatos, delimitando, com a necessária flexibilidade, o período compreendido entre os anos 60 e 90 do século passado, como sendo o que reuniu, ao mesmo tempo, boas condições econômico-urbanas e sócio-culturais, de forma tal que caracterizasse o apogeu. Colaboração de peso para o que daqui para frente se afirmará.

²⁶ Dentro as mais recentes produções pode-se citar, entre outras, as seguintes: MACAÍ HÄS, Mário Osório: *Civilização e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1810-1850)*, 2^a edição, Pelotas, Eduli Pe.; Co-edição Livraria Municipal, 1993; ARRUDA, Estácio: *Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano*, Pelotas, Editora Amazônia, 1^ª edição, 1994; CUTTEREZ, Fábio J. R.: *Negros, chiqueiras e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*, Pelotas, Editora Universitária/UFPel/Editora Municipal, 1993; PEREIRA DA CRUZ, Glenda: *Força Construtiva no Início da República*, In: WEMER, Gurter (org.), *Urbanismo no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Ed. Universidade/FCCS/ Prefeitura de Porto Alegre, 1992; VITRA, Silvay Gonçalves; PEREIRA, Odor Ferreira; TONI, Jackson Silveira de: *A evolução urbana de Pelotas: um estudo metodológico*, in: *Histórias em Revista*, Publicação da Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, Pelotas, 1^º ed., setembro de 1994.

²⁷ MAGALHÃES, Mário Osório: *Civilização e Cultura...* op. cit.



Malha urbana, acessos e população

Pelotas aparece aos olhos encantados da reportante como uma bela e pitoresca cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, se caminhos que se percorrem facilmente único na proximidade, cobrindo os seus edifícios, quasi todos del mal de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão sinal de uma sociologia tranquila. De facto, à Pelotas a cidade credora do que eu chamei a administrativa propriedade, (...) Arquitetura que o esbanjou, o gasto no conserto de casas é só e maior curvas no interior da campainha, nem queirar seixos e os mosaicos que querem em tal ruas.³⁸

Pelotas chega a década de 1860, possuindo uma malha urbana constituída de 52 quarteirões.³⁹ A malha anterior, seguindo ainda o padrão ortogonal (ou em xadrez), somam-se, em 1858, cinco novas ruas transversais a partir da Av. Bento Gonçalves (Rua do Passo), em direção ao Norte (bairro da Luz).

| Ruas da Cidade (transversais) | |
|-------------------------------|-----------------------------|
| denominação em 1858 | denominação atual |
| Vinte e Cinco de Marco | Doutor Amarante |
| São Gonçalo | Padre Felicio |
| Bela | Antônio dos Anjos |
| Nossa Senhora da Luz | Rafael Pinto Bandeira |
| Nogueira | Pinto Martins ⁴⁰ |

Em 1870, mais quatro ruas surgem, agora no bairro da Várzea, na direção Leste.

| Ruas da Cidade (longitudinais) | |
|--------------------------------|---------------------------|
| denominação em 1870 | denominação atual |
| Aquidabá | Coronel Alberto Rosa |
| da Constituição | Álvaro Chaves |
| Bento Martins | Bento Martins |
| da Liberdade | João Pessoa ⁴¹ |

Quanto ao traçado em forma de xadrez, escreve Glenda Pereira da Cruz:

É interessante observar, (...) as diferenças em termos de zoneamento de uso nessas ruas: as ruas norte-sul eram destinadas às principais e mais elevadas os edifícios e ruas: as de maior expressão social, enquanto que as entre elas eram chamadas "ruas" ou transversais e eram destinadas à habitação e comércio mais populares.

Assim, a estratificação social no espaço ainda não se dava em termos de países ou bairros mais ricos, mas, isto sim, em termos de localização dentro e por exemplo

³⁸ CONDE D'EL. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936, p.219.

³⁹ MAGALHÃES, Mário. Ocupação e Cultura... op. cit., p. 77.

⁴⁰ MAGALHÃES, Mário. Ocupação... op. cit., pp. 65, 118, 119.

⁴¹ Idem. Ibidem, op. cit., 66, 118, 119.

O principal motivo da hierarquia das ruas nortistas, em relação às leste-oeste era o sentido de escoamento das águas pluviais, como se pode constatar no art. nº 63 do Código de 1837:

Sendo mais fácil o escoamento das águas da Vila pelas ruas que estão no leste ao oeste, conforme o nívelamento dos eclusões e a inclinação nos terrenos...

Com efeito, para oeste situava-se a várzea do arroio Santa Bárbara e para leste a do arroio Pepeiro.⁴⁸

Ruas largas e retas eram as da cidade. Na São Miguel (Quinze de Novembro), na Rua do Imperador (Félix da Cunha), na Andrade Neves e na General Osório situavam-se os principais estabelecimentos comerciais. Nas ruas, as senhoras ‘chiques’ desfilavam os últimos lançamentos da moda chegados a Pelotas. Homens de negócio discutiam. Jovens ‘flertavam’. O caminho ao teatro se fazia a pé ou em carruagens. Nas tardes de lazer, a observar lojas, experimentar doces e sorver gasosas, os pelotenses elegantes olhavam e eram vistos, e essa era a regra do jogo.⁴⁹

No entanto, não só homens e mulheres elegantes povoavam as ruas de Pelotas. Pesavento explica que

(...) com mais que o novo imaginário urbano se posseus os tipos de homens e mulheres bem-vestidos, a “ilanda” pelas ruas, existem outros personagens neste centro urbano. A rua é também meio de vida: orcos, carquejatos, bicoleiros e verdeiros ambulantes travalam diariamente, entrecaçurando-se com turcos, ames-sous, motoristas, motociclistas e ônibus em tudo orden. Neste sentido, é na é do novo, orcos se transformam operários, professores, cabeleireiros, barbeiros, negociantes, e... porque não clérigos, vagabundos, desocupados e arreios.⁵⁰

Em 15 de junho de 1875, o Correio Mercantil ocupava-se de um fato considerado “interessantíssimo”. Inicia o artigo informando que a população da cidade, “ávida de divertimentos”, tivera, no dia anterior, “ensejo para entreter a veia humorística com alguns episódios curiosos e interessantes”:

“O caso ‘é’ simbóis um boate americano, recentemente chegado (...). Iaz abrigo em todas as ruas (...). Um caleidoscopio encantado em eternas noites que gancha certe máquina distorcida e amolar facas e fazer outras tréboladas (...). Foi, pelo menor veredito o seu artigo; colocou-se na rua General Netto, vizinha à de São Miguel, centro de um carro, onde havia aranhas, uma escócia de mesc, e nel’ leva aos transeuntes, fazendo sonhos de seu espetáculo (...).

⁴⁸ PEREIRA DA CRUZ, Glárcio. “Pelotas: espaço construído no início da República”. In: Universitário no Rio Grande do Sul. Göttinger Weiber (org.), Porto Alegre, Fd. Universidade/UFRGS/Prefeitura de Porto Alegre, 1992, p. 117.

⁴⁹ Sobre esta ideia ver: PESAVENTO, Sandra Jady (org.). O espetáculo da Rua. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal, 1992, p. 61.

⁵⁰ Isem, Ibidem.

"... os transeuntes vistimente, comportavam o atigo ou ladrilhante a apreciar o espetáculo que se lhes oferecia grandemente.

Vais-se ria quando, um português, (...) ou por que realmente possuía qualidades que dão ao mesmo histrionicidade afiada, ou sorriu e encorajou, ou só em alguma 'lata' de frangos, (...) dentro de um carro turístico, acima do lado oposto, colocou-se em frente ao ameirado e conseguiu achar com a atenção do público para o atigo que oferecia à venda, com um preço eliminatório.

Este sombrio prolongou-se por algumas horas, outras se quis sucederam-se algumas passagens que provocaram a hilaridade dos conterrâneos, círculos em chás grutas."⁴⁵

Desespero para uns, diversão para outros. Esse emaranhado de emoções e atitudes caracteriza a vida moderna e se desdobra no espaço público. Nas ruas da cidade festejava-se o profano Carnaval e glorificava-se os céus nas procissões de São Francisco de Paula. As entidades associativas de estrangeiros desfilavam seus estandartes em datas festivas e também nos cortejos fúnebres de ilustres compatriotas. Congragamento e violência, alegria e tristeza contracenam no mesmo palco.

Quanto aos acessos a esse 'palco', caracterizados por Glenda da Cruz como espaços suporte do sistema de transportes, havia:

1º) O 'Passo Rico', depois 'Passo dos Negros': "(...) primeiro acesso estruturador, principalmente, das áreas dos complexos charqueadores, induzindo à formação de caminhos".⁴⁶ Sobre esse acesso J. S. Lopes Neto nos diz que

"(...) todo o desenrolque dos escravos no Rio Grande, o caminho mais direto para Pelotas era pelo Povo Novo, é de fato muito habitado, e até pés nus ou lençóis, para o 'Sangradouro da Mirim' (o São Gonçalo), rumo à montante da foz do Peixoto (...). Neesse ponto atravessava-se o Rio embarcado. Desse trajeto se aliamos pelo lugar ficou-lhe o nome fobos (...)"⁴⁷

2º) O porto de Pelotas: importantíssimo elo de ligação entre Pelotas e o mundo, numa época em que o transporte fluvial e marítimo era hegemonic. Saúde e doença, arte e armas, alimento e vestuário, culturas e moda, gente e coisa, chegavam e partiam pelo porto de Pelotas.

Nessa perspectiva, merece especial atenção nesse momento, a desobstrução da foz do São Gonçalo, pois, antes da realização desta empreitada navios de grande calado que faziam viagens internacionais não chegavam até Pelotas, o que causava transtornos e dificuldades gerais. Os charqueadores pelotenses, por exemplo, no intuito de transportar

⁴⁵ CM 15/6/1875.

⁴⁶ PRERA DA CRUZ, Glenda, op. cit., p. 117

⁴⁷ LOPES NETO, João Simões, op. cit., 25/11/1971, nº 2, p. 07.

sua produção, eram obrigados a utilizarem fates de pequeno calado e fazer o baldeamento ou desembarcar e recarregar seus produtos nos navios ancorados em Rio Grande, onerando-se com tributos e com demoras. Ardente desejo dos charqueadores e comerciantes pelotenses era, portanto, a desobstrução da foz do São Gonçalo, tendo sido tema de muitos debates e algumas realizações por anos a fio, conforme registra Simões Lopes Neto:

"Em março de 1833 já existe na Vila de Pelotas uma associação que se preparava para proceder à desobstruição da foz do Rio; (...).

Próprios boro engenheiros norte americanos Kreachmer estudaram tais feitos,() porém malograram-se a obra por causa dos sucessos políticos e a revolução subsequente (1835). De 1845 a 1847 a Assembleia Provincial decretou uma expropriação para tal trabalho; em 1861 foi nomeada uma comissão da mesma Assembleia para elaborar o projeto; em 1862 o Governo Imperial marcou proceder a estudos definitivos sobre a matéria; em 1867 a comissão ainda trouxe a elas⁴⁸ 25, que autorizou o Governo da Província a dar a garantia de 2% de juros à companhia que se organizasse para o fim de suas refeias; em 26 de março⁴⁹ de 1868 firmou-se o contrato da Companhia de Desobstrução da Foz do S. Gonçalo, com a Prefeitura da Província, o decreto 4330 de 10 de julho de 1869 autoriza a Companhia a iniciar e executar os seus estudos e obras, depois de 44 anos de esforços, em 1876 foi oficialmente reconhecida como de serviço público e obra executada.⁵⁰

Em 1876, dia 11 de fevereiro, pelas 11 horas da manhã, em meio a grande júbilo da população e, é claro, em especial dos charqueadores e comerciantes, chegava ao porto de Pelotas o palhabote americano "Tampico", possuindo um calado de '11 e meio palmos'.⁵¹ Iniciou sua descarga de 1.200 barricas de farinha de trigo no dia 12, carga essa transportada para a cidade através dos carros de carga da Companhia Ferro Carril.⁵² Voltaria o 'Tampico' para os Estados Unidos carregado do charque pelotense.

3º) A Estação Férrea: ligando Rio Grande a Bagé e passando por Pelotas, a estrada de ferro foi iniciada em 27 de novembro de 1881⁵³ e inaugurada, sob a direção do engenheiro francês Bonnafona, exatamente três anos depois.⁵⁴ É mister referir que já era postulada desde 1877, pela Praça do Comércio de Pelotas que, por intermédio do então

⁴⁸ 26 de maio, segundo estatutos da Cia. de Desobstrução da Foz do Rio São Gonçalo, 1876, Museu da BPP, vol. 633a.

⁴⁹ LOPES NETO, João Simões, op. cit., 99/02/1912, p.5, ap. 69,70.

⁵⁰ Conforme LOPES NETO, João Simões, op. cit., 99/02/1912, p.5, e 70.

⁵¹ Conforme LOPES NETO, João Simões, op. cit., 30/03/1912, p. 7 8, ap. 99.

⁵² Conforme convite da Companhia Imperial da Cheia de Ferro de Rio Grande do Sul à Câmara Municipal, 19/11/1881, Museu da BPP, pasta nº 322.

⁵³ Conforme CUNHA, Alberto Coelho da, Manuscrito, 1929, Museu da BPP, vol. 639a. Seu traço em 09/12/1884 foi interrompido e reiniciado em todo percurso da linha.

Deputado Fernando Osorio, enviou representação à Princesa Regente sobre a necessidade da construção de uma estrada de ferro no sul da província.⁵⁴

4º) As estradas do Piratini, Domingos de Almeida e Três Vendas: vias de acesso a cidade, transformaram-se em importantes áreas de comércio e negócios ao encontrar a malha urbana. A estrada do Piratini, no bairro Fragata, ligava a campanha à cidade, chegando na antiga Praça das Carretas (depois Constituição, hoje 20 de Setembro), onde se reuniam as carretas originárias de diversos rincões da Província trazendo as mais variadas mercadorias;⁵⁵ a estrada Domingos de Almeida (bairro Arcal), ligava a cidade às principais charqueadas e encontrava a malha urbana na altura da atual Praça Julio de Castilhos, onde estavam a força⁵⁶ e os cemitérios; a estrada das Três Vendas estruturou outro importante espaço comercial - a Tablada.

A Tablada era o local público onde se faziam a compra e a venda de gado em época de safra, além da comercialização de uma variada gama de outras mercadorias como lã, couros, produtos coloniais, etc. Segundo a historiadora Ester Gutierrez, a Tablada representou uma melhoria no processo de produção da carne salgada, pois o charqueador não precisava mais arriscar-se em viagens para comprar o gado, podia escolher, pechinchar, etc.⁵⁷ Por outro lado, a concentração de peões, tropeiros, estancieros e colonos na Tablada estimulava o comércio da cidade, uma vez que esses elementos aproveitavam o momento para suportarem-se dos mais diferentes produtos que a cidade podia oferecer.

Sobre a Tablada, escreveu Herbert Smith, em 1882:

"...havia-se assim um acampamento escasso e quase isolado, onde os detentores e vendedores de mercadorias que chegam. Aqui se trazem muitas cidades de viagem. Pouco tempo depois, ali mesmo tempo, uma vila arises, onde uma feira de comércio se desenrola; ruas gaúchas, vestidas com a habitual camisa de chita, cercadas folhas ou barrocas e pombos festejantes, galocas em todas as direções, conservando os animais nos lugares e impedindo que se dispersassem as tropas; o gado, cercado de longo tempo e escancarado de cena estranha, conservava-se limpo, movendo os chifres e urinando em torno de quebrante. Os donos das charqueadas moviam-se rapidamente aqui e ali entre os cavalos, examinando as várias tropas, calculando-lhe o valor com respeito e precisão admiráveis e fechando os negócios às preceas com estancieros e peões. O mercado é sempre ativo, porque a concorrência é muito férrea".

⁵⁴ Conforme relatório da Praça do Comércio de Pelotas. Documento avulso, 1877. Museu da EPP, vol. 4º c399.

⁵⁵ Conforme MAGA-HAES, Nelson Nobre. Pelotas/Memória. Pelotas, Fascículo V/1989, n.º 10.

⁵⁶ A força foi transferida para o Pórtico da Constituição em 1850. Conforme COFES/NE.O. João Sítio, op. cit., 30/05/1912, fº 7-6, c. 103.

⁵⁷ Conforme GUTIERREZ, Ester J. E. Negros, charqueadas e ofícios: um estudo sobre o espaço paulista. Pelotas, Editora Universitária/UFP, Livraria Municipal, 1993, c. 173.

entre os vinte ou trinta desaparecimentos, em geral as boas-moças estavam vendidas em pouco tempo devido de cimadas.⁵⁸

Quanto à população, Pelotas possuía, em 1858, o número de 10.757 habitantes, sendo 7.000 moradores da zona urbana.⁵⁹ Os demais dados são:⁶⁰

| População | | |
|-----------|---------------------|-----------------------|
| ano | população município | população zona urbana |
| 1859*** | 12.893 | |
| 1860*** | 13.537 | |
| 1865* | 15.384 | 10.000 |
| 1872* | 21.258 | 18.666 |
| 1890*** | 40.000 | 25.000 |
| 1900** | | 26.000 |

Quanto aos fogos registra-se os seguintes números:⁶¹

| Fogos | |
|---------|-------|
| ano | fogos |
| 1858* | 1.456 |
| 1872* | 2.314 |
| 1877** | 2.861 |
| 1889* | 4.079 |
| 1890*** | 4.313 |
| 1900** | 5.347 |

Em 1897, a cidade ocupava uma área de 30.000 metros quadrados, contendo 5.103 prédios, dos quais 170 eram sobrados, 339 eram assobradados e os demais térreos. Das 53 ruas existentes, 28 eram calcadas de pedra com leito de areia, possuindo em média 15 metros de largura e 85 de face.⁶²

Obras públicas

⁵⁸ SMITH, Charles. Do Rio de Janeiro a Caxias. Acad GUTIERREZ, Estrel. 3. Ed. Op. cit., p. 176
⁵⁹ ARRADA, Belarmino. op. cit., p. 155.

⁶⁰* Conforme ARRADA, Belarmino. op. cit., p. 155. ** Conforme LOPES NETO, João Simões. op. cit., 30/12/1911, p. 41. *** Boletim da Repartição de Estatística apresentado à Intendência em 1891.

⁶¹* Conforme MACAÍNA HÄSS, Maria Otonio. op. cit., p. 96. *** Conforme LOPES NETO, João Simões. op. cit., 30/12/1911, p. 41. **** Conforme Boletim da Repartição de Estatística apresentado à Intendência em 1891.

⁶² Estatística do Município de Pelotas organizada pela intendência em 1897. Museu da BPP, vol. 639.

Buscando sistematizar as informações relativas à modernização urbana alcançada por Pelotas, na última metade do século passado, agrupou-se no item ‘obras públicas’, o que se relaciona com infra-estrutura básica, ou seja, água, esgoto, iluminação e transportes, intimamente relacionados com a melhoria do nível de vida da população, ponto importante para uma cidade que se afirma como capaz de atrair estrangeiros.

Segundo Mario Magalhães, era costume, entre as primeiras famílias da localidade, a abertura de poços artesianos nos quintais das casas e tornou-se também costume, a partir da segunda metade do século XIX, por influência dos vizinhos platinos, o uso de algibes no interior das residências. Podiam também as famílias pelotenses, a partir de 1851, abastecerem-se, gratuitamente, da água armazenada em uma “profunda cisterna com capacidade para guardar 500 pipas”, instalada no Mercado Público, ou, numa terceira opção, “adquirir o ‘precioso líquido’ que passarinho bebe nas carroças dos aguadeiros, quase todos portugueses, que percorriam a cidade vendendo o produto em pequenos barris onde se lia: ‘água da Guabiroba’ ou ‘água vindia de fora’”.⁶³

A modernização quanto ao fornecimento de água à população chegou à Pelotas na década de 70. O presidente da província, Conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, contratou a obra em 03 de maio de 1871, e esta foi executada entre 1872 e 1873, passando a cidade a contar com os serviços da Cia. Hidráulica Pelotense, com captação no arroio Moreira.⁶⁴

Em 1873, chega da França a caixa d’água da Praça Piratininga de Almeida, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico, com capacidade para armazenar 1500 metros cúbicos de água. No mesmo ano, também da França e para abastecer a população, chegam quatro chafarizes, que são instalados na praça da Matriz, no largo do Porto da cidade, na Praça D. Pedro II (atual Coronel Pedro Osório) e na rua São Miguel (15 de Novembro), esquina Santo Inácio (Gomes Carneiro). Os três primeiros começaram a funcionar já em 1874, o último somente a partir de 1876.⁶⁵ Em 1890, a Cia. Hidráulica Pelotense abastecia 2.424 prédios.⁶⁶

Seguindo o ritmo da modernização, a Câmara Municipal, em 19 de outubro de 1887, contrata o projeto de saneamento do francês Gregório Howyan, Engenheiro Civil

⁶³ MAGALHÃES, Mario Otávio. *Ocupantes...* op. cit., p. 96.

⁶⁴ MAGALHÃES, Nelson Nobre. *Pelotas Memória. Edital*, Edital /1994, p. 04.

⁶⁵ Conforme O Moreira. Periódico de Divulgação Literária. Pelotas. Ano XI. 2º Q. 1986. p. 04.

⁶⁶ Conforme Boletim da Repartição de Estatística apresentado à legislatura em 1891.

pela Escola de Pontes e Calçadas de Paris. Tal projeto utilizava o sistema Waring, que empregava a água como veículo condutor dos materiais fecais e detritos.

As ruas da cidade começaram a ser iluminadas a partir da década de 40. Em 1846, foram colocados 320 lampiões entre as ruas Alegre (Gonçalves Chaves) e Santa Bárbara (Marechal Deodoro) e entre S. Jerônimo (Marechal Floriano) e Santo Antônio (Dr. Miguel Barcellos e Senador Mendonça).⁶⁷ De escassa luminosidade, os lampiões a azete deixavam a desejar. Mesmo com a colocação de mais dez lampiões espalhados pelo Porto e "outros lugares de importância relativa", a noite pelotense permanecia misteriosa e perigosa.

Segundo Núncia Constantino, "de um modo geral, o amplo desfute do tempo noturno é novidade que se desenvolve no século XIX, com o crescimento e urbanização das cidades. (...) Pouco a pouco, espaços públicos passaram a funcionar como prolongamento de ambientes privados".⁶⁸ Em Pelotas, os velhos lampiões foram substituídos por combustores a gás hidrogênio líquido, em 1875.⁶⁹ No entanto, essa melhoria só durou até 1876, devido a problemas com os contratados, passando então a cidade a ser iluminada por lampiões a querosene. Somente em 1878, a cidade irá contar novamente com a iluminação a gás hidrogênio. É nas duas últimas décadas do século XIX, portanto, que a noite pelotense se transforma. Os espaços de sociabilidades se multiplicam: quiosques na Praça D. Pedro II, cafés, restaurantes e confeitarias aproveitam a claridade proporcionada pelo gás hidrogênio líquido e o pelotense aumenta seu tempo de viver em público.

Quanto à iluminação pública elétrica, esta, após muitas tentativas, só obteve êxito na primeira década do século XX. Em 1891, A. Jouvin iniciou a instalação de uma usina, num terreno não edificado que existia à rua General Osório, esquina Tiradentes, no entanto não obteve êxito, "para isso contribuindo, talvez, em boa parte, os acontecimentos revolucionários que, em seguida, se produziram".⁷⁰

⁶⁷ Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osório em 20/09/1929, v. 127, Museu do PPL, vol. 632.

⁶⁸ CONSTANTINO, Núcia. A noite e o tempo noturno: "Porto Alegre 'moderna'". In: Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XX, nº 2, dezembro 1994, p. 65.

⁶⁹ São Paulo contém suas primeiras, azeite e gás hidrogênio, respectivamente, em 1819 e 1872. Conforme DIEGUES JUNIOR, Mário. *Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil*. Rio de Janeiro: Coordenação de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1961, n. 1/9.

⁷⁰ Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osório em 20/09/1929, ap. ct., ap. 120.111.



Em 22 de novembro de 1893, nova tentativa, agora através do Sr. Antonio Manoel de Azevedo Caminha, não chegou a termo por falta de recursos. Após, mais duas tentativas fracassadas: a primeira com o Tenente Coronel Antonio dos Santos Fagundes, a segunda com o dr. Antonio Soares de Paiva. Somente em 17 de maio 1912, é assinado o contrato com a The Rio Grandense Light & Power Syndicate Limited, que começou o trabalho de iluminação pública elétrica pela praça da República, duas quadras da 15 de Novembro, praça 7 de Julho, Porto e largo da Estrada de Ferro, constituindo-se por 36 focos de 1000 velas cada um.⁷¹ Esse atraso na produção e circulação da energia elétrica fez com que a paisagem urbana da cidade fosse caracterizada por um transporte público à base de carruagens e bondes de tração animal; bonde elétrico somente no século XX.

Em 9 de novembro de 1873, tem início o trânsito de carros de passageiros da 'Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas'⁷² (encarregada da construção de um cais e linhas férreas urbanas e suburbanas), pela linha construída na Rua Félix da Cunha (ex-Imperador), do Porto (Praça Domingos Rodrigues) à estação central, onde terminavam os trilhos. A estação central localizava-se em um sobrado fronteiro à Praça Pedro II (hoje Coronel Pedro Osório), com frente norte pela São Jerônimo (atual Marechal Floriano). No logradouro público da Praça da Constituição (20 de Setembro) foi localizada a segunda estação.⁷³

Em 1897, as linhas desta companhia percorriam 17.020 metros pelas seguintes ruas: 15 de Novembro, Gal. Osório, Félix da Cunha, Andrade Neves, 'Marquez de Caxias' (Santos Dumont), Benjamim Constant, 7 de abril, Marechal Floriano, Voluntários, Avenida 20 de Setembro até o Parque Pelotense e uma linha para o arrabalde da Luz. Possuía 25 carros de passageiros, 4 de carga e 125 animais. Durante o ano de 1895, a Companhia vendeu 529.716 passageiros ao preço de 200 réis cada.⁷⁴

No ano de 1878, nova companhia de transportes se junta à 'Ferro Carril'; a 'Sociedade Alta Viação Pelotense', sob a razão social de Neto & Cia., "para o comércio de transportes de passageiros dentro da cidade, seus subúrbios e qualquer ponto da Província, em carros, outro qualquer veículo ou modo de transporte apropriados ao feito".⁷⁵ Sob um

⁷¹ *ibidem*.

⁷² Em 1859 a Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas passa a ser propriedade da firma Zanatta & Cia, formada por: "Eustáquio Távora (espedraria), Joaquim Rodrigues Pereira Saburto (biscateiro), Carlos Zanatta (calçador), Barão de Arroio Grande (carrilheiro) e Antônio Palmeira (carrilheiro)"

⁷³ Ver OSORIO, Fernando. *Vis. A. cidade de Pelotas. R. I. / COA, SP*. Editora Guanabara, 2^a ed., 1952, p. 920.

⁷⁴ Conforme estatística do município de Pelotas organizada pela Intendência em 1897. Museu da BPP, vol. 632.

⁷⁵ Estatutos da Sociedade Alta Viação Pelotense. 17/02/1878. Museu da BPP, vol. 556.

capital social de R\$30.000\$000, obrigava todos os sócios a ter uniformes especiais para enterros que "eram de preto, com fumo ao braço e outros decentes para dias de gala e outros serviços."⁷⁶

Saúde e educação

Outros pontos a observar, dentro do processo de desenvolvimento urbano da cidade de Pelotas, sob o prisma da atração de estrangeiros, referem-se à capacidade desta em oferecer à população serviços básicos na área de saúde e educação. Notadamente o vetor 'saúde' é de especial relevância numa época em que os cuidados sanitários e a instrução higiênica preventiva não estão altamente desenvolvidos e as informações a esse respeito esbarram em crenças e preconceitos. Mais complicada ainda era a situação dos imigrantes ou migrantes ao chegarem em lugares estranhos, na maioria das vezes em condições econômicas precárias. Exemplo típico foi o caso de Carlos von Koscritz. Abandonando os 'brummers', tropa mercenária alemã contratada pelo governo para lutar contra Rosas, Koscritz radicou-se em Pelotas e iniciou sua vida praticando o jornalismo, sendo professor e inclusive editando um livro. No entanto, antes de conseguir tais proezas passou por grandes dificuldades, sendo inclusive internado como indigente na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Para melhoria dos serviços de saúde, muito contribuía o estabelecimento de 'Santas Casas' em várias cidades gaúchas, além da fundação de entidades de auxílio mútuo, criadas pelo esforço de determinados grupos étnicos e de algumas entidades classistas. Pelotas, neste aspecto, contou com inúmeras iniciativas, como, por exemplo, a Sociedade Beneficente Classes Laboriosas, a Caixa de Socorros Mútuos Marquez do Pombal, a S. B. Feliz Esperança, a Sociedade de Socorros Mútuos Union Française, a S. B. Fraternidade Artística, o Montepio da União Africana, a S. B. Tipográfica Gutenberg, a S. B. Alemã, a S. Italiana de Mútuo Socorro Cristoforo Colombo e muitas outras.

Primeira instituição filantrópica de saúde pública, no Município, foi a Santa Casa de Misericórdia, inaugurada em 19 de março de 1848, sob a invocação de São João Baptista,⁷⁷ na "atual Floriano esquina com Deodoro, próximo à entrada da cidade na direção oeste, num ponto de fácil acesso para os habitantes da Campanha."⁷⁸ Em 1855,

⁷⁶ nem. 'idem'

⁷⁷ Conforme CUNHA, Augusto Coelho da. *Síntese Histórica da Sra. Casa de Misericórdia. Manuscrito, 1898, Museu do Ipiranga, vol. 612.*

⁷⁸ MACALHÉS, Mário Otávio. *Ocupações e Cultura... op. cit., p. 69.*

com a propagação do cólera, inaugurou-se o cemitério da entidade, localizado no bairro Fragata, distante do centro e ainda hoje o principal cemitério de Pelotas. Em 1848, surge também o Asilo de Órfãos (hoje Instituto Nossa Senhora da Conceição), no Centro, por iniciativa da loja maçônica União e Concordia⁷⁹ e, "em 1857, surge um novo hospital, sob os auspícios da Sociedade Portuguesa de Beneficência"⁸⁰ e para os lados do Porto - próximo portanto de uma outra entrada da cidade, por via fluvial, na direção sul.⁸¹

Relativamente à educação, nos diz Manuel Diégues Júnior que o imigrante do século passado, em especial o alemão e o italiano, trazia consigo

"(...) uma base cultural alicerçada em tradições de ensino de formação ética. Dentro dessa base cultural que se reflete em sua mentalidade, em seus hábitos, em suas atividades, o papel da escola se desenrolava. A preocupação pelo ensino das novas gerações se colocava em primeiro plano, no sentido de assegurar aos descendentes (...) a continuidade da formação intelectual que seus pais haviam herdado".⁸²

Pelotas, na segunda metade do século XIX, contava com as seguintes escolas:⁸³

| Aulas da Cidade | | | |
|-----------------|-------------------------------|--------|---------|
| ano | aulas públicas e particulares | alunos | meninas |
| 1847 | 11 | 523 | 164 |
| 1861 | 14 | 883 | 362 |
| 1873 | 28 | 1.390 | 623 |
| 1891 | 46 | 2.759 | 1.199 |
| 1899 | 66 | 3.375 | 1.454 |
| 1901 | 71 | 3.881 | 1.627 |

Quanto à instrução primária particular, conta Carlos Reverbel que havia em Pelotas,

"(...) concediam-se escolas particulares da ensino primário e, mesmo, de humanidades, que raramente davam a dever à da capital riograndense, na mesma época".

"(...) O retorno de Pelotas como importante centro educacional da Província Virtua desde 1832, quando ali foram fundados os primeiros colégios particulares de ensino, e desse então começaram a ser frequentados por estudantes oriundos de quase todos os municípios gaúchos".⁸⁴

⁷⁹ Conforme MAGALHÃES, Mário Cecília. *Ocupação e Cultura*... op. cit., p. 71.

⁸⁰ O mesmo tipo de sociedade benéfica surgiu em São Paulo no ano de 1859 e no Rio de Janeiro em 1861. Conforme DECUES JÚNIOR, Manuel. op. cit., pp. 269, 270.

⁸¹ MAGALHÃES, Mário Cecília. *Ocupação e Cultura*... op. cit., p. 71.

⁸² DEGUES JÚNIOR, Manuel. op. cit., p. 70.

⁸³ Conforme COLES NEVES, João Simões. op. cit., 30/3/1912, n°6, p. 99.

⁸⁴ REVERBEL, Carlos. *Um Capítulo da Guarda Nacional: vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. UFRGS/Martine Livreiro, 1961, p. 35.

As aulas públicas eram em número bem menor. Em 1847, por exemplo, a cidade contava com 11 escolas, das quais apenas uma era pública. O acesso à instrução primária passava pelo crivo da condição sócio-económica da população. Segundo Diegues, "a educação do imigrante e de seus descendentes, (...) passou despercebida ao Governo brasileiro, que nem sempre - ou nunca - lhes proporcionou o ensino conveniente (...)"⁸⁵.

Relevantes a este estudo são, em especial, os estabelecimentos de ensino originários de organizações étnicas. Através das pesquisas realizadas pôde-se identificar a atuação de entidades italianas e alemãs no que se refere a iniciativas educacionais.⁸⁶ Esta oportunidade de contar com um sistema de ensino estruturado por integrantes de uma mesma nacionalidade, portanto mantenedor e formador de uma identidade é, sem dúvida, grande estímulo à atração ou à permanência de elementos estrangeiros na cidade.

Ainda relativamente à educação não seria demais lembrar que Pelotas foi, durante a segunda metade do século passado, uma cidade muito bem servida de jornais e periódicos literários, dado de suma importância numa época em que das prensas dos jornais saíram os primeiros livros. O quadro abaixo, contendo alguns títulos e o seu respectivo tempo de circulação, permite que se tenha uma idéia da produção jornalística no período.⁸⁷

| Periódicos pelotenses da segunda metade do século XIX | | | | | | | |
|---|-----------|-------------------|-----------|--------------------|-----------|-----------------|---------|
| Periódico | Duração | Periódico | Duração | Periódico | Duração | Periódico | Duração |
| O Pelotense | 1851-55 | O Noticiador | 1854-68 | O Brado do Sul | 1858-61 | O Mosaico | 1862-63 |
| Album Pelotense | 1861-62 | Diário de Pelotas | 1868-89 | O Commercio | 1862-65 | Onze de Junho | 1868-89 |
| O Paiz | 1876-77 | Cabrião | 1879-89 | A Idéa | 1878-79 | Abelha | 1878-79 |
| A Opinião Pública | 1896-1961 | Diário Popular | 1890-1996 | Correio Mercantil | 1875-1915 | A Discussão | 1881-88 |
| A Nação | 1882-85 | O Pervigil | 1882-83 | Rio Grandense | 1885-88 | A Pátria | 1886-89 |
| Progresso Literário | 1877-79 | O Sal do Brasil | 1887-88 | Jornal do Comércio | 1870-82 | Album Literário | 1874-75 |
| Newe Presse | 1879-80 | O Invizível | 1887-89 | A Ventarola | 1887-90 | Nacional | 1889-92 |

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 78.

⁸⁶ Ver capítulo 4 - "Estrangeiros e ação associativa".

⁸⁷ Fonte: OSORIO, Fernando Luis. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas, Ol. Tr. do Diário Pomer. 1922. Não se registraram os periódicos com menos de um ano de duração.

Em alguns períodos, Pelotas contou com a publicação de vários e expressivos jornais concomitantemente. Em 1881, por exemplo, circulavam na cidade o Jornal do Comércio, o Onze de Junho, o Diário de Pelotas, o Correio Mercantil e A Discussão, jornais diários, de grande formato e com quatro páginas.⁸⁸

Quanto à atividade editorial específica "duas empresas dominaram o mercado pelotense - e, praticamente, o mercado rio-grandense - durante o último quartel do século XIX: a Livraria Americana e a Livraria Universal. A primeira, de propriedade de Carlos Pinto & Cia., foi fundada no ano de 1875, estabelecendo filiais em Porto Alegre (1879) e Rio Grande (1885). A segunda era de propriedade de Echenique & Cia e foi fundada em 1887, expandindo igualmente os seus negócios até Rio Grande e Porto Alegre."⁸⁹

Cidade europeizada

É indiscutível a influência dos grandes centros europeus sobre a cultura brasileira no século passado. Imitava-se a forma de vestir e de falar, de cumprimentar e receber. Do estrangeiro vinham 'os melhores artigos' em depreciação aos nacionais, fossem esses, alimentos, livros, móveis, ou mesmo 'gente'. Típica é a influência francesa na moda feminina e a inglesa na masculina. O século XIX assiste ao crescer contínuo

"(...) de modistas, os célebres, os alijores estrangeiros, principalmente europeus, e também os médicos, os gerristas, de arquitetos, de engenheiros, e ainda os confeiteiros, de restaurantes, de hotéis, (...). Não se esqueça também o capa do leão do Igreja São Francisco, principalmente (...) As gengibreis de decretos de 1850 e até das execuções de 1940 - por quase um século, exerto - como que se uniuaram a lei em francês, e não em, a pensar sempre".⁹⁰

Pelotas não fugiu à regra, foi mesmo privilegiada neste aspecto. Enriquecida pela indústria do charque, a cidade usufruiu das benesses que o dinheiro pode proporcionar. O contato com o mundo se dava, como já foi dito, através do porto, de onde partiam navios carregados de charque para o Rio de Janeiro e Bahia, Europa e Estados Unidos, voltando cheios de novidades endereçadas a charqueadores e comerciantes. Diversas companhias líricas e teatrais desembarcavam para divertir e

⁸⁸ Confira MACAÚBAS, Maria Cecília. *Ocupações e Cultura*, op. cit., p. 249.

⁸⁹ Idem, *Ibidem*, p. 253.

⁹⁰ SÉGUIN JUNIOR, Manoel op. cit., o. 359.

emocionar as platéias pelotenses com dramas e comédias, óperas e operetas, zarzuelas, revistas e vaudcivilles, apresentadas no Teatro Sete de Abril, que teve seu prédio inaugurado em 1833, sendo o quarto no Brasil e o mais antigo teatro em funcionamento no país.

Também não eram poucos os filhos de industrialistas pelotenses que partiam para estudar em grandes centros europeus ou mesmo em São Paulo e Rio de Janeiro e voltavam impregnados da polidez e costumes europeus.

Compulsando os jornais de época, observa-se que a idéia de mercadoria estrangeira era utilizada como sinal de qualidade. Os mestres estrangeiros - fossem eles professores de piano, canto ou primeiras letras - partiam já com vantagem na disputa por pupilos. Imperdoável era o despreparo dos jovens aristocratas na língua francesa e rotineira a utilização de palavras como *tournée*, *restaurant* e outras no linguajar e publicidade da época.

Além disso, a cidade, que em suas origens é berço de uma cultura tipicamente luso-brasileira, na segunda metade do século XIX, se mostrará cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio realizado entre os representantes das diversas etnias que em Pelotas se fixaram.

Capítulo 2: A Presença Estrangeira

A PRESENÇA ESTRANGEIRA

A partir do século XIX, assiste-se no Brasil ao início da transformação de uma paisagem dominada pelas tradições sócio-culturais do elemento luso-brasileiro, tradições essas alicerçadas em uma origem de miscigenação cultural entre o elemento branco português, o negro escravo e o índio. Tal transformação é resultado mediato do surto imigrantista de elementos brancos não portugueses que aqui chegam munidos de diferentes bagagens culturais.

De um lado, em que pese os motivos e interesses do governo brasileiro em incentivar a imigração, não se nota por parte deste, excetuando-se determinadas leis de naturalização e acesso à terra, nenhum conjunto de medidas visando à integração do alienígena à comunidade local. A educação, por exemplo, mecanismo de integração por excelência, sofreu crônico descaso das autoridades, obrigando, via de regra, os imigrantes a se organizarem de forma autônoma em busca de soluções. Por outro lado, contrabalançando tal situação, não se conhecem manifestações sociais, em larga escala, de desagrado e desacato à presença desses estrangeiros. Apesar das omissões do governo nesse aspecto, o processo dialético de trocas e influências culturais não deixou de ocorrer em todo Brasil, em maior ou menor grau, nesta ou naquela região.

No Rio Grande do Sul, a influência dos elementos estrangeiros é sentida de forma especial. Alemães, italianos e outros marcaram com seus valores culturais a terra gaúcha, valores que são observados desde a alimentação até a habitação, passando por religião e estrutura familiar, impondo e absorvendo padrões, mesclando e criando novos sistemas comportamentais.



Imigração no Brasil e no Rio Grande do Sul

No Brasil, até a abertura dos portos, em 1808, a imigração sistemática e oficial de elementos brancos não portugueses praticamente inexistiu.¹ Na verdade, esta tem início somente em 1818, com a chegada de dois mil suíços à fazenda do Queimado, município de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, para a formação da colônia de Nova Friburgo. Após, muitas outras tentativas ocorreram, algumas coroadas de êxito, outras fadadas ao fracasso. Em 1824, para o Rio Grande do Sul foram encaminhados 126 imigrantes alemães,² surgindo a colônia de São Leopoldo, que, já em 1830, acusava uma população de 4.856 habitantes, tornando-se polo irradiador da colonização alemã na Província. Por outro lado, tentativas em Pernambuco (alemaes em Catucaí) e Bahia (alemães em Ilhéus e irlandeses em Januária) não deram frutos.³

As correntes imigratórias passam depois a dirigirem-se especialmente para Santa Catarina (Colônia de São Pedro de Alcântara, Blumenau, Santa Isabel, Vargem Grande), São Paulo e Paraná (Colônia do Rio Negro, fracassada devido a ataques de índios e Dona Teresa) evidenciando a preferência pela região Sul. Rio de Janeiro (Colônia Petrópolis), Espírito Santo (principalmente a partir de 1847), Minas Gerais e outras regiões, embora em menor escala, também recebem imigrantes.⁴

O incentivo à imigração no Brasil atendeu a dois propósitos diferenciados:

O primeiro, de iniciativa particular, estimulado pelo Governo, visava prover de braços o trabalho agrícola ameaçado pela diminuição da mão-de-obra escrava, especialmente a partir de 1850, com a lei de proibição do tráfico negreiro e atendia aos apelos da tese racista de necessidade do branqueamento da população. Tal propósito tem como exemplo pioneiro, a tentativa do Senador Nicolau Vergueiro que, em 1847, através do sistema de parceria, recebe em sua 'Fazenda Ibicaba' 80 famílias alemãs, num total de 400 pessoas. O sistema, apesar de apresentar inúmeros problemas - principalmente o de

¹/ As poucas tentativas de colonização organizadas desde o século XVI: são os caráter polaco-militar, através do recrutamento de portugueses, numa tentativa de circulação das fronteiras não convencionais entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

² Conforme DEGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural de imigrante no Brasil*. R.J., publicação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1964, p. 31. Na biografia especializada é de alguma divergência quanto ao número de imigrantes. Lindo e Barros informam a chegada e assentamento de 38 imigrantes. Conforme LANDÓ, Aldair; MARI, BARRIOS, Elyne Craxen. 'Capitulário e colonização: os alemães no Rio Grande do Sul'. In: RS: imigração & colonização. DACANAL, José ... e GONZAGA, Sezilus (org.), 9 ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, Série Documento-01, 1992, p. 95.

³ Conforme DEGUES JÚNIOR, Manuel. op. cit., p. 31

⁴ Conforme DEGUES JÚNIOR, Manuel. op. cit., p. 63

não atender a justa ambição do imigrante em se tornar proprietário - desenvolve-se na São Paulo necessitada de braços para a lavoura cafeeira. Dez anos depois já são 26 colônias de parceria empregando 511 brasileiros, 1.031 alemães, 1.000 suíços alemães, 108 suíços franceses, 616 portugueses e 88 belgas.⁵

O segundo propósito, de iniciativa oficial, buscava, através da formação de colônias de imigrantes estabelecidos em pequenas propriedades, o incremento da produção de gêneros agrícolas para o consumo interno, o preenchimento dos vazios demográficos estratégicos e a formação da futura classe operária.

Apesar do fluxo imigratório mais elevado, numericamente, estar relacionado ao primeiro propósito, é o segundo, a que se pode chamar 'colonização', que irá ser hegemônico no Rio Grande do Sul. Lando e Barros afirmam que:

'Os imigrantes que se dirigiam para o Rio Grande do Sul eram criados por uma política governamental que pretendia, exercendo à tese, formar colônias que circunvizem gêneros necessários ao consumo interno. Localizavam-se próximas de um certo urâno, mas suficientemente distantes das áreas da grande propriedade, de modo a não apresentar uma ameaça à sua hegemonia política e econômica. Recebiam títulos do governo Imperial, os quais exploravam de modo respondente, dedicando-se eminentemente à agricultura e à suinocultura.'⁶

Iniciada a colonização na Província de Rio Grande de São Pedro com a chegada e instalação das famílias alemãs, o processo imigratório é interrompido seis anos depois, decorrência da Lei de Orçamento, de 15 de dezembro de 1830, que desautorizava despesas com a imigração. Além disso, o período das lutas farroupilhas também perturbou o processo, que só se normalizou quando do fim do conflito. Em vista disso, somente em 1847,⁷ surge uma nova colônia de iniciativa oficial, a Colônia de Santa Cruz.

A partir de 1848, com a Lei Imperial nº 514, de 28 de outubro, as províncias passam a ter co-participação no processo imigratório, o que dará novo impulso a colonização. Tal lei determinava que o Governo Imperial concedesse a cada Província trinta e seis léguas de terras devolutas para fins exclusivos de colonização. Surgem então as colônias de Santo Ângelo em 1855, Estrela em 1856, Santa Maria da Soledade em 1857, São Lourenço em 1858 e Montalverne em 1859,⁸ além das fundadas em terras particulares

⁵ Conforme DÉGUES JÚNIOR, Menor, op. cit., p. 53.

⁶ LANDO, Adair Merl; BARROS, Elane Cruxën, op. cit., p. 19.

⁷ Novas divergências: Seguroo Linha e Barroso: 1847. LANDO, Adair Merl e BARROS, Elane Cruxën, op. cit., p. 30. Seguroo Gringo: 1849. GRANDO, Marília Zanetti Vali. Pequena agricultura em círculo: o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, FEE (seção nº 14), 1990, p.68.

⁸ Conforme LANDO, Adair Merl; BARROS, Elane Cruxën, op. cit., p. 30.

como Mundo Novo, Bom Princípio e Santa Maria da Boca do Monte, todas em 1846, e Cai em 1848.⁹

Conforme Diégues Júnior,

"Em 1872 é celebrado contrato com Getúlio Pinto & Irmão e Hauzeveld & Cia., para a introdução de 10 mil imigrantes. Deveriam ser alemães. Contudo, em virtude das dificuldades encontradas, quanto a essas nacionalidades, foram procurados outros grupos. Assim vieram imigrantes italiano, cujas primeiras colônias, (...) foram introduzidas como auxiliares, para servir os gêneros do Triângulo do Véneto."¹⁰

Os italianos localizaram-se na zona das matas, entre a região dos Campos de Cima da Serra (onde predominava a pecuária dos descendentes de portugueses), a Depressão Central (onde estavam os alemães) e a Campanha. Em 24 de maio de 1870, foram criadas as colônias de Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Conde d'En (Garibaldi) e, em 1875, a Colônia de Caxias.

Posteriormente novas colônias aparecem: Alfredo Chaves em 1884, Silveira Martins, Mariana Pimentel, Barão de Triunfo e Vila Nova em 1887, Antônio Prado em 1888, Guarani em 1889¹¹ e muitas outras.

Colonização em Pelotas

"Em 1876, havia 157 pessoas na Colônia (S. Feliciano), sendo 80% húngares. Nós, nos depoimentos, vemos 100% muçur, mas a participação dos húngares havia para 30%. Feste desse entrante procurou uma alternativa na Serra de Tacu, no Município de Pelotas, a 65 Km em linha reta de São Feliciano. Foram em busca de escola para seus filhos, de melhor infra-estrutura, como via de comunicação e pontes."¹²

A primeira colônia agrícola da região, da qual se tem notícia através de pesquisas junto ao Museu da Biblioteca Pública Pelotense, surgiu por volta do ano de 1780, no local denominado Serra dos Quevedos, hoje pertencente ao Município de São Lourenço e era formada por agricultores açorianos. Tal empreendimento não prosperou de imediato, vindo a dar sinais de melhorias somente a partir de 1830.

⁹ Conforme GRANDO, Mairi Zandavalli, op. cit., p.68.

¹⁰ DÉCLES JÚNIOR, Manoel, op. cit., p. 55.

¹¹ Conforme GRON, Loraine Skemp, "A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes". In: RS: imigração e colonização. JACANA, José Hildebrand; CONZAGA, Sergio (org.). Porto Alegre, Mercado Aberto, 9 ed., Série Documentos-04, 1992, op. 61,62

¹² GRANDO, Mairi Zandavalli, op. cit., p. 67.

Conforme Relatório da Intendência de 1922:

"(...) e inicio da colonização do Município, sua importação de bexiga europeus, datado dos primeiros dias da instalação da pŕimeira Câmara Municipal. (...) Para a província nº 123, de 97 de Junho de 1848, foi criada a colônia agrícola e pecuária São Francisco de Pelotas, mas não levou a termo, apesar da Câmara Municipal ter esclarecido terreno e levantado a respectiva carta, enviando-a ao presidente da Província, General Arcádia, que, em ofício de 9 de Junho de 1849, pleou a inaptidão."¹³

No entanto, o insucesso da iniciativa oficial não impediu que, por essa mesma época, surgisse a Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros, entidade particular, com a finalidade de "proteger a emigração estrangeira de agricultores para a Província".¹⁴ Formada com um capital de 40.000\$000 réis, em 1850, a Associação adquiriu, de um de seus maiores acionistas, o Sr. Antonio Rafael dos Anjos, terreno na estrada que vai para Capão do Leão, a uma légua da cidade, fundando ali a Colônia D. Pedro II, "com 40 lotes, todos tomados por colonos irlandeses, em número superior a 300, provenientes de Liverpool".¹⁵

Como já se observou no primeiro capítulo, geograficamente o Município de Pelotas é composto por duas grandes paisagens naturais: a planície, ao sudeste, e a região serrana, à noroeste. Na primeira, localizaram-se as grandes propriedades dos estancieiros e charqueadores, sustentadas economicamente pelo braço escravo; na segunda, multiplicaram-se as pequenas propriedades, destinadas ao assentamento de imigrantes europeus, que iriam praticar, num primeiro momento, a policultura e a pecuária de subsistência. A colonização na região serrana de Pelotas revestiu-se de um caráter todo especial, por ter sido realizada, quase que exclusivamente, por capitais particulares e de forma muito intensa. O Relatório de 1922, encaminhado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osorio identifica, para o ano de 1900, nada menos do que 61 colônias, sendo apenas quatro delas oficiais: a Municipal criada em 1882 e as colônias Accioli, Afonso Pena e Maciel, criadas pelo Governo Imperial no ano de 1885.

Após dominarem e explorarem economicamente a região da planície, os abastados charqueadores, estancieiros e comerciantes pelotenses voltaram seus interesses, no século XIX, para as terras férteis e ricas em matos da região serrana. Lentamente apossaram-se destas, com o objetivo inicial de extrair a madeira e, esporadicamente, formar

¹³ Conforme Relatório da Intendência Municipal em 1922. Museu da BPP, vol. 539.

¹⁴ Conforme Ofício de Atos da Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros. 1849. Museu da BPP, vol. 476.

¹⁵ Conforme Relatório da Intendência Municipal em 1922. Museu da BPP, vol. 539.

pequenas lavouras, ainda ambas atividades baseadas na mão-de-obra escrava. Atividades que darão lugar, porém, a outra bem mais lucrativa: a formação de colônias de imigrantes. O movimento colonizador em Pelotas inseriu-se no processo de especulação imobiliária, ocorrido a partir da Lei Provincial nº304, de 1854, que não mais baseou na doação, mas sim na venda, o fornecimento de lotes aos imigrantes. As terras vendidas por particulares chegavam a custar 800% mais do que as vendidas pelo Governo para a formação de colônias oficiais, índice extremamente atraente.¹⁶ Conforme Grando,

"Toda a Serra [os] Tapesi [foi] dividida em pequenas propriedades, as poças pelotenses e nela o movimento cresce. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente ao turvo. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, na sua maioria, alemães. Mas voltaram para lá também espanhóis, austriacos, franceses e turcos, muitas vezes vindos mesmo das cidades próximas. De caráter espontâneo, essa imigração era ainda os organizadores nas colônias que, com ela, aumentam grandiosamente."¹⁷

Objetivando registrar a amplitude do surto colonizador levado a efeito na região serrana de Pelotas, nesse período, através da mesclagem dos dados obtidos em pesquisas efetuadas no Relatório da Intendência Municipal de 1922 e no documento elaborado por Carl Otto Ullrich, no final do século passado, para a Associação Central de Geografia e Incremento dos Interesses Alemães no Exterior, selecionou-se as seguintes informações a respeito das colônias identificadas:

Colônia Lopes: fundada em 1866 por Manuel da Fontoura Lopes, possuía, em 1900, 24 lotes com 20 famílias e 110 pessoas.

Colônia Arroio do Padre: fundada em 1868, por Augusto Gerber e Guilherme Bauer, possuía, em 1900, 74 lotes com 67 famílias alemãs e um total de 385 pessoas.

Colônia Cerrito: fundada em 1868, por Jacob Rheingantz, possuía, em 1900, 60 lotes com 47 famílias e 370 pessoas.

Colônia Bismark: fundada em 1868, por Guilherme Bauer, possuía, em 1900, 33 lotes com 68 famílias e 60 pessoas.

Colônia Santa Clara: fundada em 1869, por Joaquim de Sá Araújo, possuía, em 1900, 22 lotes com 16 famílias e 120 pessoas.

¹⁶ Conforme GRANDO, Mariana Zanovelli - op. cit., p. 4.

¹⁷ GRANDO, Mariana Zanovelli - op. cit., p. 73.

Colônia Santa Silvana: fundada em 1869, por Custódio Gonçalves Belchior, possuía, em 1900, 35 lotes com 32 famílias e 210 pessoas.

Colônia Arroio Bonito: fundada em 1869, por Jacob Rheingantz, possuía, em 1900, 68 lotes com 67 famílias e 40 pessoas.

Colônia São Domingos: fundada em 1875, por herdeiros de Domingos de C. Antiqueira, possuía, em 1900, 11 lotes com 05 famílias e 26 pessoas. Famílias alemãs, poucos italianos. Entre 7 e 9 léguas distantes de Pelotas.

Colônia Santo Antônio: fundada em 1881, por João Antonio Pinheiro, possuía, em 1900, 85 lotes com 85 famílias e 467 pessoas. Famílias alemãs e francesas. 6 a 7 léguas de Pelotas, um riacho a atravessar.

Colônia Arroio Grande: fundada em 1881, por Jacob Rheingantz, possuía, em 1900, 30 lotes com 30 famílias e 200 pessoas.

Colônia Continuação: fundada em 1881, por Gottlieb Neruberg, possuía, em 1900, 11 lotes com 10 famílias e 55 pessoas.

Colônia Aliança: fundada em 1881, por Augusto Hardt, possuía, em 1900, 68 lotes com 47 famílias e 340 pessoas.

Colônia Municipal: fundada em 1882, pela Câmara, possuía, em 1900, 82 lotes com 50 famílias e 326 pessoas. Famílias alemãs, algumas italianas. 7 $\frac{1}{2}$ a 9 léguas de Pelotas. Um, eventualmente dois, riachos a atravessar.

Colônia Santa Colleta: fundada em 1882, por Antonio Francisco Ribeiro, possuía, em 1900, 30 lotes com 24 famílias alemãs e 200 pessoas. 7 a 8 léguas de Pelotas.

Colônia Santa Helena: fundada em 1882, por Sigmar Von Schiegel, possuía, em 1900, 24 lotes com 22 famílias alemãs e 161 pessoas. 7- 8 $\frac{1}{2}$ léguas de Pelotas, 1 riacho a atravessar.

Colônia Retiro: fundada em 1883, por Manoel da Fontoura Lopes, possuía, em 1900, 42 lotes com 28 famílias e 185 pessoas.

Colônia São Simão: fundada em 1883, por Simão da Rocha, possuía, em 1900, 20 lotes com 10 famílias e 92 pessoas. Famílias brasileiras e italianas. 7 a 8 léguas de Pelotas com um arroio maior a atravessar.

Colônia Accioli: fundada em 1885, pelo Governo Imperial, possuía, em 1900, 33 lotes com 34 famílias e 111 pessoas.

Colônia Affonso Pena: fundada em 1885, pelo Governo Imperial, possuía, em 1900, 27 lotes com 22 famílias e 140 pessoas. Famílias italianas.¹⁸

Colônia São Luiz: fundada em 1885, por Luiz Juvencio da Silva Leivas, possuía, em 1900, 32 lotes com 30 famílias e 340 pessoas. Famílias alemãs, poucos italianos. 7 a 9 léguas de Pelotas.

Colônia Marina: fundada em 1885, por Luiz Juvencio da Silva Leivas, possuía, em 1900, 26 lotes com 26 famílias e 160 pessoas. Famílias alemãs, poucos italianos. 7 a 9 léguas de Pelotas.

Colônia Santo Amor: fundada em 1885, por Dr. Vicente Cypriano de Maia, possuía, em 1900, 10 lotes com 07 famílias e 40 pessoas. Famílias alemãs, alguns italianos. 6 a 7 léguas de Pelotas.

Colônia Morro Redondo: fundada em 1885, por Dr. Vicente Cypriano de Maia, possuía, em 1900, 06 lotes com 05 famílias e 30 pessoas.

Colônia Maciel: fundada em 1885, pelo Governo Imperial, possuía, em 1900, 65 lotes com 55 famílias e 343 pessoas. Famílias italianas. 8 a 10 léguas distantes de Pelotas, dois riachos maiores a atravessar.

Colônia São Zacharias: fundada em 1885 por Zacharias Delgado, possuía, em 1900, 07 lotes com 14 famílias e 66 pessoas. Famílias alemãs, brasileiras, austriacas, francesas e italianas. 7 léguas de Pelotas.

Colônia Domingos Fragata: fundada em 1885, por Domingos Francisco dos Anjos, possuía, em 1900, 08 lotes com 06 famílias e 34 pessoas. Famílias brasileiras, canarianas e portuguesas. 7 ½ a 8 léguas de Pelotas.

Colônia Santa Eulália: fundada em 1889, por Heliodoro de Azevedo e Souza, possuía, em 1900, 91 lotes com 78 famílias alemãs e 340 pessoas. 4 a 5 léguas de Pelotas.

¹⁸ Conforme Relatório de estatísticas do Município de Pelotas em 1897. Museu do BPP, vol. 632

Colônia Santo Bento: fundada em 1899, por José Bento de Campos, possuía, em 1900, 40 lotes com 02 famílias e 10 pessoas.

Colônia Progresso: fundada em 1891, por Jacob Rheingantz, possuía, em 1900, 50 lotes com 34 famílias e 166 pessoas.

Colônia Catita: fundada em 1891, por Luiz Juvencio da Silva Leivas, possuía, em 1900, 32 lotes com 20 famílias e 276 pessoas.

Colônia São Manoel: fundada em 1891, por Pedro Antonio Toledo, possuía, em 1900, 133,5 lotes com 43 famílias alemãs e 236 pessoas.

Colônia Manoel Dias: fundada em 1892, por Domingos Jacintho Dias, possuía, em 1900, 14 lotes com 07 famílias e 28 pessoas.

Colônia Santa Izabel: fundada em 1893, por Benjamim Leitão, possuía, em 1900, 29 lotes com 01 família e 06 pessoas.

Colônia Santa Aurea: fundada em 1893, por Manoel Baptista Teixeira, possuía, em 1900, 53 lotes com 11 famílias alemãs e 64 pessoas. 7 a 8 léguas de Pelotas.

Colônia Santa Maria: fundada em 1893, por João Shild, possuía, em 1900, 21 lotes com 23 famílias alemãs e 140 pessoas. 5 a 6 léguas de Pelotas.

Colônia São João: fundada por João Baptista Scholl, possuía, em 1900, 45 lotes com 22 famílias e 154 pessoas.

Colônia São Pedro: fundada por Pedro Nunes Baptista, possuía, em 1900, 31 lotes com 16 famílias e 104 pessoas.

Colônia Ramos: fundada por Antonio Ferreira Ramos, possuía, em 1900, 30 lotes com 30 famílias e 176 pessoas.

Colônia Santa Bernardina: fundada por Dr. Piratinino e Frederico Nachtigall, possuía, em 1900, 30 lotes com 25 famílias e 165 pessoas.

Colônia São Domingos: fundada por Dr. Epaminondas Piratinino de Almeida, possuía, em 1900, 137 lotes com 94 famílias e 560 pessoas.

Colônia Dona Marcolina: fundada por Luiz Juvencio da Silva Leivas, possuía, em 1900, 05 lotes com 05 famílias e 32 pessoas.

Colônia Santa Rita: fundada por Carlos Ritter & Irmão, possuía, em 1900, 12 lotes com 10 famílias e 54 pessoas. Famílias alemãs. 4 a 5 léguas de Pelotas.

Colônia Visconde da Graça: fundada por Carlos Ritter & Irmão, possuía, em 1900, 15 lotes com 04 famílias alemãs e 25 pessoas. 4 a 5 léguas de Pelotas.

Colônia Triumphó: fundada por João Baptista Scholl, possuía, em 1900, 56 lotes com 50 famílias e 245 pessoas.

Colônia Ritter: fundada por Carlos Ritter & Irmão, possuía, em 1900, 69 lotes com 04 famílias e 22 pessoas.

Colônia Julio de Castilhos: habitavam a colônia em 1900, 07 famílias e 44 pessoas.

Colônia Santa Julianá: possuía, em 1900, 13 lotes com 13 famílias e 90 pessoas.

Colônia Caixão: possuía, em 1900, 08 lotes com 03 famílias e 10 pessoas.

Colônia São Francisco: possuía, em 1900, 19 lotes com 18 famílias e 110 pessoas.

Colônia Luiz Nelle: possuía, em 1900, 23 lotes com 06 famílias e 20 pessoas.

Colônia Florencio: possuía, em 1900, 42 lotes com 10 famílias e 28 pessoas.

Colônia Wilhelmhöhe: possuía, em 1900, 18 lotes com 09 famílias e 46 pessoas.

Colônia Santa Francisca: possuía, em 1900, 17 lotes com 12 famílias e 50 pessoas.

Colônia Alberto: possuía, em 1900, 07 lotes com 02 famílias e 05 pessoas.

Colônia João Lemos: possuía, em 1900, 10 lotes com 03 famílias e 39 pessoas.

Colônia Algodão: possuía, em 1900, 06 lotes com 02 famílias e 07 pessoas.

Colônia Chaves: constituída, em 1900, por 20 lotes.

Colônia Oliveira: possuía, em 1900, 31 lotes com 27 famílias e 210 pessoas.

Colônia Santa Thereza: -- **Colônia Santa Hercilia:** -- **Colônia São Pedro:** --

Tal surto colonizador, verificado no Município, resultou, então, na formação de um campesinato teuto-brasileiro, italo-brasileiro e franco-brasileiro, com preponderância do primeiro. Das 61 colônias identificadas em 1900, foi possível constatar a origem dos colonos em 28; destas, 23 (82,14%) eram certamente formadas por alemães.

Originariamente instalados em lotes coloniais que distavam entre 18 e 72 Km da cidade, os colonos estavam estrategicamente distantes das grandes propriedades escravocratas e das terras de planície destinadas a atividade econômica principal. Por outro lado, devido a estrutura viária das estradas de rodagem existentes no município, grande parte dos colonos não se encontravam totalmente isolados, obtendo acesso à zona urbana, onde podiam abastecer-se de gêneros e utensílios necessários à sua sobrevivência, além de esboçarem uma pequena atividade mercantil baseada em excedentes agrícolas e na comercialização da manteiga. Sobre a localização das colônias em Pelotas, em 1898, ponderava Carl Ullrich:

"A pequena distância às cidades implica no fato de que, salvo poucas exceções, cada colono leve, com meios de transporte próprios, seus produtos diretamente ao mercado. Ele vende diretamente ao exportador, com facilidade aos próprios consumidores, isto é, sem assim completamente da exploração inescrupulosa por intermediários."

Em 1850, a Associação Auxiliadora da Colonização em Pelotas vangloriava-se por estar a Colônia D. Pedro II, localizada a uma légua da cidade, entre canais de longo curso, por via dos quais poderiam os colonos transportar sua produção aos mercados de Jaguarão, Rio Grande e Porto Alegre.²⁰ Colônias como Santa Maria, Santa Eulália,

¹⁹ J. R. H. Car. Q. 'As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul. Conselhos aos imigrantes para o Sul do Brasil'. R. Jaeger (ed.). Berlin, 1898. In: *Festschr. FFF*, Ano 5, nº 9, 1924, p. 66.

²⁰ Conforme Livro de Actas da Associação Auxiliadora da Colonização. 1849. Museu da BPP, vol. 275.

Cascata, Visconde da Graça e Santa Rita estavam a 4 ou 5 horas de distância da cidade, distância essa percorrida através de carroças de quattro rodas, construídas pelos próprios colonos. A mais próxima da cidade, a Colônia de Bom Retiro distava apenas uma hora e meia da cidade.²¹

Na segunda metade do século passado, as principais estradas de rodagem para a zona colonial eram: a estrada de Santo Amor, a do Retiro, e a do Monte Bonito. A primeira comunicava com Canguçu, atravessando a Serra dos Tapes, possuindo os seguintes ramais: estrada do Passo das Pedras em direção ao Passo de Maria Gomes no Rio Piratini; a estrada da Buena em direção à Capela do mesmo nome; e a da Cascata que atravessava uma importante região colonial. A estrada de Santo Amor levava ao mercado de Pelotas a produção das seguintes colônias: Afonso Pena, Accioli, Santa Hercília, São Domingos e Mirina.

A estrada do Retiro dirigia-se para São Lourenço, ligando essa 'vila' com Pelotas, atravessando os arroios Pelotas, Corrientes, Contagem e Arroio Grande; possuía diversos ramais levando à sede do município a produção das colônias de São Lourenço, Santa Silvana, Santa Clara, Lopes, Santa Thereza e Retiro.

A estrada do Monte Bonito, que atravessava a região compreendida por aquelas duas primeiras, dividia-se, pouco além do Arroio Pelotas, em 2 ramais: um atravessava a colônia Santo Antônio, chegando à colônia Municipal, outro atravessava as colônias Santa Helena e Maciel, encontrando a estrada que segue para Canguçu.²²

Em 1884, foi inaugurada a linha férrea entre Rio Grande e Bagé, "em cuja estação de Capão do Leão (Pelotas) eram embarcados os produtos coloniais para as Cidades de Rio Grande e Pelotas. As colônias distavam, em média, 50 a 60 Km dessa via férrea".²³

Além da organização e do poder econômico das sociedades particulares de fomento à imigração, foram a boa qualidade do solo da Serra de Tapes e a localização das colônias - servidas por estradas e perto de dois grandes centros urbanos, Pelotas e Rio Grande - os responsáveis pelo sucesso dos empreendimentos. A região serrana de Pelotas tornou-se polo concentrador de elementos estrangeiros e uma das principais portas de entrada desses à zona urbana. Além do intercâmbio econômico natural que se estabeleceu entre a cidade e suas colônias circunvizinhas, muitos elementos acabaram por

²¹ Conforme ULLRICH, Cap. O, ss. cit., p. 64.

²² Conforme relatório de Estatísticas do Município de Pelotas em 1897, Museu do ICPP, vol. 632.

²³ GRANDE, Manoel Zerevali, ss. cit., p. 79.

se desgarrar destes agrupamentos humanos, por motivos vários, estabelecendo-se na cidade e contribuindo efetivamente para o progresso local.

Em 1883, por exemplo, chegaram à Pelotas 62 imigrantes espanhóis. Encontrando-se sem destino certo, apelaram ao Vice-cônsul espanhol, Sr. Benito Maurell, que conseguiu abrigá-los provisoriamente e depois dirigiu-os à Colônia Municipal, na intenção de ali assentá-los. Aceitaram permanecer na Colônia 14 famílias que somavam 50 indivíduos entre homens, mulheres e crianças, "os demais 12, hábeis em vários misteres, resolveram neles procurar os meios de subsistência".²⁴

Muito importante foi o trabalho dos vice-cônsules e agentes consulares em Pelotas, no sentido de oportunizar as melhores condições possíveis aos estrangeiros que a Pelotas chegavam, fossem colonos ou não.

Em 11 de outubro de 1890, o Correio Mercantil noticiou o seguinte:

"O Sr. Barão de Acor, vice-cônsul de Itália nessa cidade, apresentou ontem ao Sr. Francisco Nascimento, subdelegado da polícia da 1^a divisão, sete colonos italianos, sendo um cozinheiro, um carpinteiro, dois pedreiros e três trabalhadores que se acham aqui sem emprego e pedindo a referida autoridade a sua proteção em favor daqueles heróis.

O Sr. Nascimento prometeu atender ao pedido do sr. Barão de Acor e, desenvolveram a melhor atividade, conseguiram empregar todos em diversos estabelecimentos (...)".

A presença de trabalhadores, artesãos, artistas e outros profissionais estrangeiros na cidade tornou-se comum.

As conseqüentes alterações na ordem social foram captadas pelo espírito crítico e irônico do francês Eduardo Chapon, editor do periódico 'A Ventatola' que, em 1889, publicou a seguinte charge.²⁵

²⁴ CM, 1/9/83

²⁵ A Ventatola, 17/3/1889.



Tradução:

1º quadro: - Estes imigrantes são uma corja de impertinentes: querem dinheiro e alguns procuram trabalho, justamente o que não temos para lhes dar.

2º quadro: - Essa carinha mimosa que aí vê, leitor, é de uma interessante casulinha imigrante. Tanto pode a formosura que o marido da mesma formosa moça teve de dar com ela as de villa Diogo, em vista dos múltiplos empregos que apareciam para ambos...

Política imigratória

Como se observou, a alavanca impulsora da colonização na região serrana de Pelotas foi o desejo de investimento imobiliário dos grandes proprietários de terra na Serra dos Tapes, entretanto, pode-se identificar um outro fator responsável pela atração de estrangeiros ao Município: a idéia da necessidade de investimento em elementos que viessem substituir a mão-de-obra escrava no campo e, em especial, que viessem enriquecer tecnicamente a classe operária na cidade. Através da consulta a exemplares do Jornal 'O Sul do Brasil', órgão divulgador do pensamento da elite econômica pelotense, no século passado, representada pelo Centro Agrícola-Industrial de Pelotas, observa-se o interesse na utilização do imigrante em áreas diferentes da agricultura e pecuária.

Em janeiro de 1888, o jornal anuncia que



"(...) crescerem que um país teme tanto a sua independência à agricultura e à criação de gados, será exigir-lhe que não chegue trabalhar a todos os apetrechos e inteligências.

Aonde, como aqui, a imigração é uma das mais poderosas necessidades para o progresso da Província; donde, cujos locais os dias chegarão - regiões de colônias encanadas para desempenharem todos os artes e ofícios do sacerdócio, serelharia, imposição seria mandada e armas de novas provéndulas e assim se outros tantos auxílios do desenvolvimento industrial do país."²⁶

Seguindo os mesmos caminhos, J. da C. Fortinho, editor do jornal, em uma conferência em Buenos Aires, à 21 de maio de 1888, declara que:

"As sociedades, que possuem considerados elementos de riquezas e pronunciadas aspirações de cultura, não podem elevar-se à posição que lhes corresponde no concerto dos povos progressistas, senão disporão de uma indústria industrial.

"(...) De que serviria a converter os imigrantes estrangeiros que tanto se trovava pelo Brasil, se o francês, o italiano, o alemão, o escocês, o alemão, não pudessem vir aqui exercer a sua arte ou ofício, assim a mesma profissão que antes o faziam na sua terra natal?

Se preferires que todos os imigrantes se dedicarem à agricultura e ao trabalho rural??"

"... Convindo, pois, na utilidade da imigração, é preciso correr também em suas indústrias que ofereçam emprego a todos os novos hâspedes, de acordo com o seu gosto e aptidões."²⁷

Esses trechos do discurso de Fortinho e a notícia anterior evidenciam, por um lado, o quanto a chegada de estrangeiros - enquadrados em limites rígidos de aceitação, ou seja, trabalhadores e de boa conduta - era interessante aos capitalistas pelotenses e, por outro, que Pelotas mostrava-se atrrente àqueles estrangeiros que, dotados das mais variadas qualificações profissionais, se aventuravam em busca de novas oportunidades. Esses elementos, somados àquelas cegressos de tentativas colonizadoras, são os personagens desse estudo, e a zona urbana de Pelotas, o palco dos acontecimentos.

Números da Imigração Pelotense

Uma forma de se observar o fluxo de elementos estrangeiros que se dirigiram à cidade de Pelotas, na segunda metade do século passado, é a consulta a jornais da época, pois eram comuns as publicações relativas ao movimento de entrada e saída de passageiros no Porto de Pelotas. No entanto, tal tarefa apresenta-se extremamente demorada, extrapolando os limites de tempo para elaboração desta dissertação. Outra boa fonte de

²⁶ O S. J. do Brasil, 13/01/1888.

²⁷ O S. J. do Brasil, 21/03/1888.

consulta são os 'livros de registro de entrada de estrangeiros' da cidade de Pelotas, que se sabe, existem, mas não puderam ser consultados, por estarem hoje em lugar incerto. Resta, então, o artifício de se utilizar uma fonte secundária. Klaus Becker, utilizando os referidos livros de registro, em 1958, fez importante transcrição de muitos estrangeiros que entraram em Pelotas nos anos de 1843 e 1844. Compulsando tal obra, pode-se elaborar a seguinte tabela.²⁸

REGISTRO DE ENTRADA DE ESTRANGEIROS EM PELOTAS ENTRE 1843 E 1844

| NACIONALIDADES | ENTRARAM EM PELOTAS | POSSUÍAM PROFISSÕES URBANAS |
|----------------|---------------------|-----------------------------|
| Franceses | 116 | 91 (78,41%) |
| Espanhóis | 73 | 62 (84,93%) |
| Portugueses | 68 | 66 (97,05%) |
| Italianos | 53 | 41 (77,35%) |
| Uruguaios | 33 | 28 (84,84%) |
| Argentinos | 22 | 17 (80,95%) |
| Alemães | 8 | 7 (87,50%) |
| Ingleses | 4 | 4 (100,00%) |
| Total | 376 | 316 (84,04%) |

No intuito de uma interpretação histórica dos dados acima, saliente-se, inicialmente, que o 'registro de entrada' não implica na necessária permanência destes elementos na cidade. Por outro lado, as datas em questão e a análise das profissões dos que nesse período chegaram indicam que 84,04% possuíam profissões urbanas, caracterizando uma imigração espontânea de indivíduos com qualificação profissional que, ao permanecerem na cidade, estavam aptos a disputar e, muitas vezes, a substituir a mão-de-obra local, além de dividir espaço com artesãos e profissionais liberais.

Buscando-se a complementação dos dados, com o objetivo de aquilar a importância numérica dos elemento estrangeiros na cidade e em vista das dificuldades de acesso a fontes, lançou-se mão de outro artifício: os registros de internação na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Apesar desta entidade assistencial, fundada em 1848, receber indivíduos de vários rincões vizinhos, através desses registros é possível comparar, de maneira relativa, a representatividade numérica das nacionalidades em Pelotas.

Para melhor interpretação dos dados disponíveis, optou-se pela divisão e avaliação destes em dois períodos de igual duração. O primeiro período tem início em 1850, ano da proibição do tráfico negreiro, data extremamente significativa no processo de

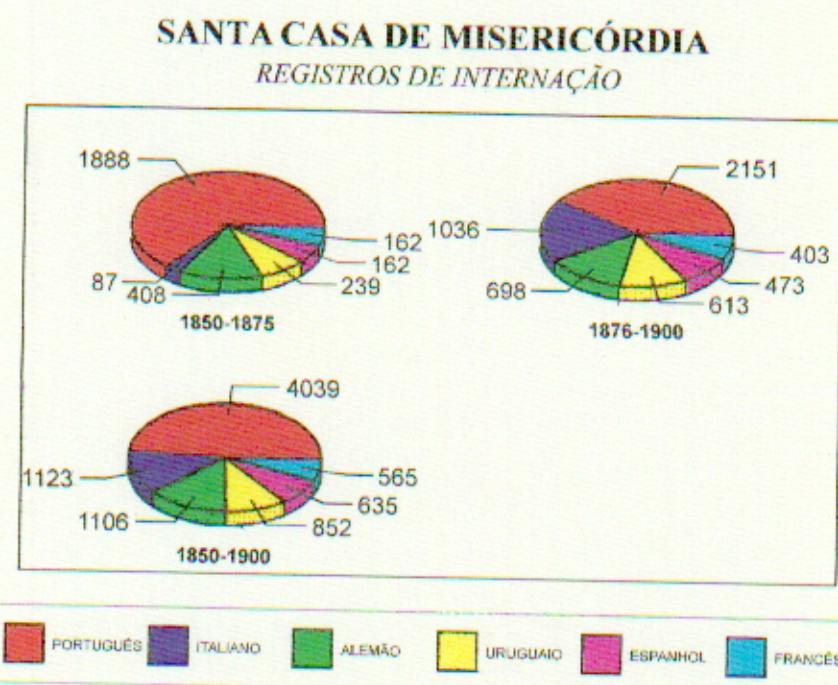
²⁸ BECKER, Klaus. *Encyclopédia Rio-Grandense*. Caxias, Editora Regional ITDA, vol. 5, 1958, pp. 328-331.

substituição da mão-de-obra compulsória pela assalariada e termina em 1875, época em que se incrementa o surto imigratório oficial de elementos italianos para o Rio Grande do Sul. O segundo abrange os anos compreendidos entre 1876 e 1900, permitindo uma análise comparativa interessante, pois é nessa época que a imigração italiana para o Brasil adquire dimensões apreciáveis, tornando-se fenômeno de massa entre os anos de 1887 e 1902.²⁹

Optou-se por trabalhar somente as nacionalidades que apresentaram números mais expressivo, deixando de lado argentinos, ingleses, holandeses, suíços, e outros que pouco figuraram nos registros de internação.

| NACIONALIDADES | REGISTROS DE INTERNAÇÃO NA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA | | |
|----------------|---|-------------------|-------------------|
| | ENTRE 1850 E 1875 | ENTRE 1876 E 1900 | ENTRE 1850 E 1900 |
| Portugueses | 1888 | 2151 | 40,02 |
| Italianos | 87 | 1036 | 19,27 |
| Alemães | 408 | 698 | 19,99 |
| Uruguaios | 239 | 613 | 11,41 |
| Espanhóis | 162 | 473 | 8,8 |
| Franceses | 162 | 403 | 7,5 |
| | | | 5374 |

Observa-se os resultados através dos gráficos:



²⁹ Conforme TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo, Nobel, 1988, p. 18.

?

Pode-se perceber que o elemento português foi preponderante no total dos anos compreendidos entre 1850 e 1900, deixando somente a disputa pelo segundo lugar entre alemães e italianos. Estes últimos se revezaram nos dois períodos indicados, sendo o alemão superior entre os anos de 1850 e 1875, e o italiano entre 1876 e 1900.

A superioridade do italiano no segundo período comprova a sintonia da chegada destes em Pelotas com o surto imigratório promovido pelo governo Imperial e Provincial.

Observa-se também a presença constante e significativa do elemento uruguaios nos dois períodos, em especial no primeiro onde se classifica em terceiro lugar, logo após o alemão.

Uma outra interpretação que deve ser feita, sob pena de não se alcançar o verdadeiro sentido dos dados, refere-se à superior posição italiana frente à alemã no total dos anos analisados, isto é, entre 1850 e 1900. Observando-se a diminuta participação do elemento italiano no primeiro período e convedores da superioridade alemã na zona colonial de Pelotas, como explicar tal fenômeno? Os dados apontam para o fato de se tornar o italiano, dentre os estrangeiros não-portugueses, o elemento preponderante na zona urbana de Pelotas, no último quartel do século XIX, seguido de perto pelo uruguaios e pelo espanhol, que se mostram em número razoável nos gráficos acima. No intuito de reforçar tal afirmação, isolou-se os seguintes dados provenientes do recenseamento da população da cidade, por ruas e praças, no ano de 1899.³⁰

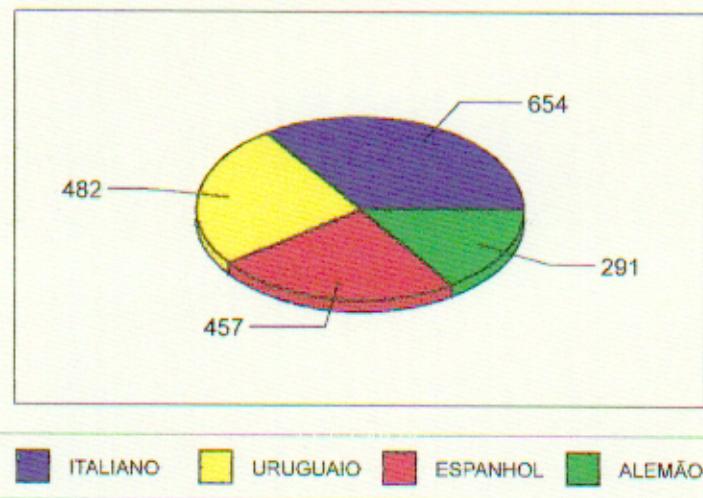
| RECENSEAMENTO URBANO DE 1899 | |
|------------------------------|--------------------------|
| ELEMENTO ESTRANGEIRO | RESIDINDO NA ZONA URBANA |
| Italiano | 654 |
| Uruguaios | 482 |
| Espanhol | 457 |
| Alemão | 291 |

Transformando o quadro acima em gráfico obtém-se:

³⁰ CUNHA, Alberto Coelho. Manuscrito, s.d., Museu da BPP, vol. 660c.

RECENSEAMENTO DE 1899

ZONA URBANA



Comprova-se, assim, a superioridade numérica dos italianos frente a outros elementos estrangeiros não portugueses na zona urbana de Pelotas, no último quartel do século passado.

Por fim, complementando as informações, isolou-se as ruas de Pelotas que na época destacavam-se por um elevado número de moradores e intenso comércio, encontrando-se o seguinte:³¹

| RECENSEAMENTO URBANO DE 1899 / PARCIAL | | | | | | | | | | | |
|--|---------------------|-------------------|----------|-------------------|------------------|-------------------|---------------------|----------------|------------------|-------|--|
| | Gonçalves Chaves | Félix da Cunha | Anchieta | 15 de Novembro | Andrade Neves | General Osório | Marechal Deodoro | Santa Tecla | Santos Dumont | Total | |
| Português | 100 | 58 | 103 | 157 | 106 | 133 | 93 | 106 | 57 | 913 | |
| Italiano | 39 | 10 | 43 | 44 | 25 | 102 | 43 | 31 | 15 | 352 | |
| Uruguaios | 19 | 9 | 7 | 22 | 9 | 42 | 51 | 37 | 16 | 212 | |
| Espanhol | 29 | 8 | 21 | 11 | 9 | 36 | 35 | 26 | 20 | 195 | |
| Alemão | 04 | 5 | 8 | 35 | 15 | 17 | 16 | 11 | 12 | 123 | |
| Francês | 16 | 5 | 8 | 20 | 14 | 12 | 11 | 19 | 9 | 114 | |

4:1909

8

47,82

18,46

11,10

10,21

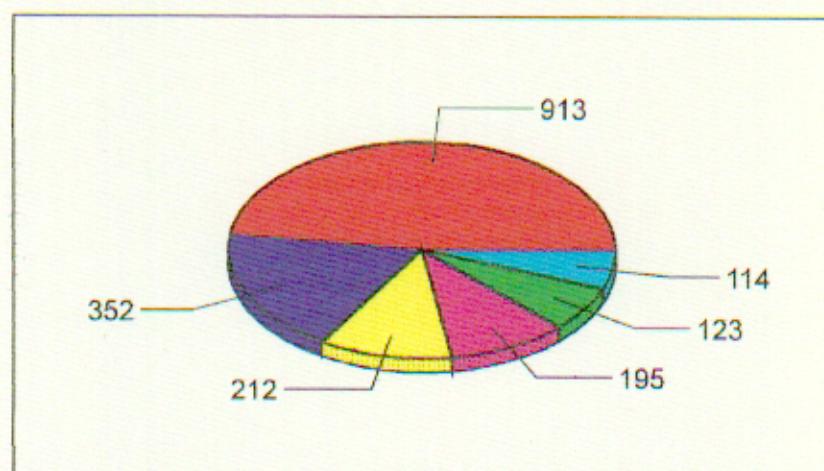
6,44

5,97

Construindo o gráfico:

³¹ Rua com nomes atualizados.

RECENSEAMENTO DE 1899 PARCIAL / ZONA URBANA



As ruas acima elencadas são as mais representativas da 'urbanidade' de Pelotas no período analisado - por serem o coração da cidade no aspecto econômico-social, caracterizadas por um intenso comércio, onde se localizavam as mais imponentes edificações, particulares ou públicas, além, é claro, de serem as mais numerosas em termos de moradores. Observa-se, então, a singular participação do elemento italiano no processo de desenvolvimento das atividades urbanas em Pelotas, seguido de perto por uruguaios e espanhóis. Por outro lado, admira-se a pouca expressividade numérica de alemães e franceses. Reforçando tais afirmações identificou-se na cidade a presença de vice-cônsules de Portugal, Espanha, Itália e dos vizinhos uruguaios, argentinos e paraguaios, enquanto a França era representada apenas por um agente consular e a Alemanha somente por um representante em Rio Grande.

Capítulo 3: Atividade Econômica e Ocupação

ATIVIDADE ECONÔMICA E OCUPAÇÃO

As primeiras décadas do século XIX assistem o esboçar do fenômeno urbano em algumas cidades do Rio Grande do Sul. "Na segunda metade do mesmo século, desenvolve-se na Província a idéia de cidade como estilo de vida. Assiste-se a implantação de padrões culturais citadinos, influenciados por imagens do Velho Continente".¹ Acompanhando a internacionalização de uma ordem burguesa de matriz europeia, inverte-se a relação campo-cidade e a urbe aparece como o "lugar onde as coisas acontecem".² Ligado à modernidade, o fenômeno urbano é responsável pelo surgimento de uma série de complexas questões relacionadas a aceitação/negação de novos valores, vantagens/desvantagens de novas conquistas tecnológicas.

Resultado de um processo dialético entre homem e natureza, o espaço urbano pelotense da segunda metade do século passado sofreu profundas transformações e, como produto histórico que é, se formou influenciado pelas variáveis sociais, culturais e econômicas que caracterizam a produção humana, refletindo objetivos e necessidades impostos num dado momento histórico.³ A contrapartida cultural desta ampla gama de transformações materiais e sociais pode ser entendida como modernidade e se traduz em comportamentos, sensações e expressões que manifestam o sentir e o agir dos indivíduos que vivenciam aquele processo de mudança.⁴

¹ CONSARINO, Nísia. "A coruista ao tempo moderno: Porto Alegre 'moderna'". In: Estudos Ibero-Americanos. PUC-RS, v. XX, n°9, 1994, p. 65.

² PESAVENTO, Sandra Jetary (org.). O espírito da vez. Porto Alegre, Ed. Universidade/FACE/UFRGS/Prefeitura Municipal, 1992, p. 8.

³ Conforme CARLOS, Ana Fari Alessorini, A cidade São Paulo, Contexto, 1992, p. 30.

⁴ Conforme PESAVENTO, Sandra Jetary *op. cit.*, p. 5.

Observou-se no primeiro capítulo deste trabalho algumas das transformações pelas quais passou a cidade na segunda metade do século passado, em especial no último quartel. As novas ruas, a iluminação pública ampliando o tempo de se viver em sociedade, o transporte coletivo encurtando distâncias, e outros indicativos de que Pelotas ia - usando uma expressão da época - 'na senda do progresso'. No presente capítulo observar-se-á novos fatores de modernização, buscando-se, agora, identificar a participação do elemento estrangeiro como um ator social que, ao surgir em cena com novas práticas e idéias, transforma a 'antiga' cidade de características luso-brasileiras em uma 'nova' e cosmopolita cidade. O objetivo principal é o registro da participação do estrangeiro no plano econômico, entendendo-se como 'registro' a confirmação da atuação desses nas atividades que se convencionou chamar de urbanas, e, como desdobramento natural, as interpretações possíveis a respeito.

Variada e intensa foi a participação de estrangeiros no ambiente urbano de Pelotas na segunda metade do século passado. Mesmo sem radicar-se na cidade, o estrangeiro participou do processo de modernização desta através da atuação de técnicos europeus, em especial arquitetos e engenheiros, responsáveis por obras de saneamento, transporte e embelezamento.⁷ Através da participação de profissionais liberais, sobretudo médicos e dentistas, que chegavam alardeando novos métodos de tratamento e cura para os males de saúde que afligiam os homens do passado. Através, também, das representações musicais e teatrais de companhias itinerantes a afetar o espírito dos pelotenses, mexendo com valores e concepções de vida.

Por outro lado, aqueles que na cidade fixaram rafzes ocuparam-se das mais variadas atividades: foram proprietários de fábricas, comerciantes, profissionais liberais, artistas, artesãos, operários. Na intenção de registrar a participação econômica desse elemento estrangeiro que em Pelotas fixou residência, foram compulsados, em especial, jornais pelotenses, publicações da intendência e contratos registrados na Junta Comercial do Estado, no período de 1877 à 1900. O produto 'bruto' desta pesquisa foi uma grande lista de nomes e ocupação de estrangeiros na Pelotas da segunda metade do século passado.⁸

⁷ Observou-se, no primeiro capítulo, a atuação do engenheiro heróis Bornefone na criação das tracções de construção da estação de ferro Fazenda Rio Grande a Bege e passando por Pelotas; os estudos feitos pelo engenheiro norte-americano Krechmer a respeito da reconstrução da foz de São Giorgio e o projeto e execução desse obra de saneamento pelo francês Creyé - avoyer.

⁸ Na intenção de dar visibilidade aos discos caminhões sem comprometer, no entanto, a leitura, fui, desta dissertação, dotou-se com ilustrações em anexo, mas sim, doá-los ao Museu da Biblioteca Pública de Pelotas.

Atividade fabril

"Os únicos estrangeiros Bento Alves Rebello, Francisco Augusto, Guilherme Mercadé e José Thorez Mignoni, o primeiro cidadão português, o segundo cidadão espanhol e o terceiro e quarto cidadãos italiani, todos residentes norte americanos [Pelotas], velho comércio contando fundo entre uma sociedade de capital e trabalho para a condução de fábrica, compra e venda de calçados e tudo o mais que é conveniente a esse ramo de negócios".⁷

Robert Avé-Lallement, ao visitar a cidade de Pelotas em 1858, às margens do arroio Pelotas observou a presença da fábrica a vapor de sabão, velas e colá, fundada em 1841, de propriedade de Luiz Eggers, um alemão natural de Hamburgo. Segundo Glenda Pereira da Cruz, tratava-se do "início da diversificação da produção, a partir da mentalidade do imigrante, (...) ainda em pleno regime escravocrata e em área de charqueadas".⁸ João Simões Lopes Neto informa que, em 1845, o francês Carlos Ruelle fundou a primeira casa de seges e carroças de Pelotas, mantendo-se na direção dessa até 1874. Além disso, instalou, em 1861, "uma serraria a vapor e moinho para trigo e milho, a primeira no gênero, como também o motor que nela funcionava foi o primeiro empregado em Pelotas".⁹ Importantes pelo pionirismo, as conquistas de Eggers e Ruelle demonstram o potencial de renovação representado pela presença do estrangeiro nas atividades econômicas urbanas.

Em julho de 1886, o português Albino João Cardoso e o alemão João Hajé Guilherme Sielburger montaram uma fábrica de couros envernizados à rua Nossa Senhora da Luz. Através dos conhecimentos de um alemão, chegava a Pelotas nova técnica de envernizado do couro. A firma Cardoso & Sielburger alcançou premiações nas exposições de Paris, em 1889, e de Chicago, em 1892.¹⁰

E o trabalho desses pioneiros não morre, vive no esforço de seus descendentes. Quando Ruelle retirou-se para França, em 1875, o estabelecimento ficou a cargo de seu genro, Fortune Bardou, também francês. Depois da morte da firma passou a ter razão

⁷ Contrato registrado na Junta Comercial do Estado sob nº 979/1692.

⁸ PEREIRA DA CRUZ, Glenda. "Pelotas: Espaço Construído no Rio da República". In: *Hibernal no Rio Grande do Sul*. Günter Weimer (org.), Porto Alegre, Ed. Universidade/UFGS/Prefeitura de Porto Alegre, 1992, p. 113.

⁹ LOPES NETO, João Simões. *Revista da 17ª Convenção de Pelotas*. Pelotas, nº 2, 25/11/1911, p. 6.

¹⁰ Junta Comercial do Estado, contrato nº 471.

social 'Viúva Bardou & Filho', até 1894, quando acabou nas mãos do alsaciano Fernando Jantzen.¹²

Apesar de estarem presentes nas mais diversas atividades fabris em Pelotas, os estrangeiros destacaram-se em alguns ramos como, por exemplo, curtumes, cervejarias, fábricas de fumos, sabão e velas, massas e chapéus. Através da análise dos contratos sociais registrados na Junta Comercial do Estado, entre 1877 e 1900, foi possível elaborar-se um levantamento quantitativo das nacionalidades na formação das sociedades que tinham a atividade fabril condicionada a comercial durante o último quartel do século passado. O resultado foi o seguinte:

| Fábricas pelotenses registradas na Junta Comercial do Estado (1877-1900) | | | | | |
|--|-----------------------------------|---|----------------------------------|--|--|
| Fábricas identificadas | Compostas por sócios estrangeiros | Compostas por sócios brasileiros e estrangeiros | Compostas por sócios brasileiros | Comp. por sócios de nacionalidade não identificada | |
| de cítricos | 9 (71,77%) | 1 (11,11%) | 0 (00,00%) | 1 (11,11%) | |
| de sabão e velas | 8 (37,50%) | 2 (25,00%) | 3 (37,50%) | 0 (00,00%) | |
| massas | 6 (66,66%) | 2 (33,33%) | 0 (00,00%) | 0 (00,00%) | |
| chapéus | 6 (33,33%) | 3 (50,00%) | 1 (16,66%) | 0 (00,00%) | |
| de fumos | 5 (40,00%) | 2 (40,00%) | 3 (60,00%) | 1 (20,00%) | |
| de cerveja | 4 (50,00%) | 0 (00,00%) | 2 (50,00%) | 0 (00,00%) | |
| Total¹³ | 38 (52,63%) | 10 (26,31%) | 6 (15,78%) | 2 (05,26%) | |

O baixo valor dos números absolutos encontrados se devem por ser de sociedades comerciais e não fabris os contratos registrados na Junta Comercial. No entanto, levando-se em conta os números relativos, observa-se que mais da metade das fábricas instaladas em Pelotas e registradas na Junta Comercial, no último quartel do século passado, pertenciam a estrangeiros e que mais de 1/4 delas possuíam estrangeiros em seu quadro social. Reflexo de tal realidade e representando os interesses dos industrialistas pelotenses, surgiu, em 1887, o 'Centro Agrícola-Industrial', contando com a presença, em seu quadro de fundadores, de nomes como: Carlos Guilherme Rheingantz, Rozauro Zambrano, Scholberg, Jouclá & Silva, Carrion & Cia., Carlos Ritter & Irmão, Claudio Geraldo Bodé, Eduardo Chapon, Frederico C. Lang, Frederico Kastrup, Guilherme Wiener, Jacob Klaes, Luiz Maurell, Puyol & Bassols, Silva & Gentilini.¹⁴

¹² CG-S N-1C,ação S-661, op. d., f. 2; 25/11/1911, p. 8.

¹³ Os números não foram arredondados.

¹⁴ O S. do Brasil, 30/1/1898.

Quanto ao papel desempenhado pelas fábricas na estruturação do espaço urbano, Glenda Pereira informa que não havia um zoneamento rígido, localizando-se as indústrias nas áreas de maior interesse para o seu desempenho produtivo. A concentração se deu, portanto, em função dos acessos portuário e ferroviário, "nas árcas da antiga praça da Constituição, além do arroio Santa Bárbara e próxima à Estação Ferroviária, a oeste da malha urbana inicial e, ao sul, áreas próximas à zona portuária de Pelotas, alfândega e do antigo gasômetro."¹⁴

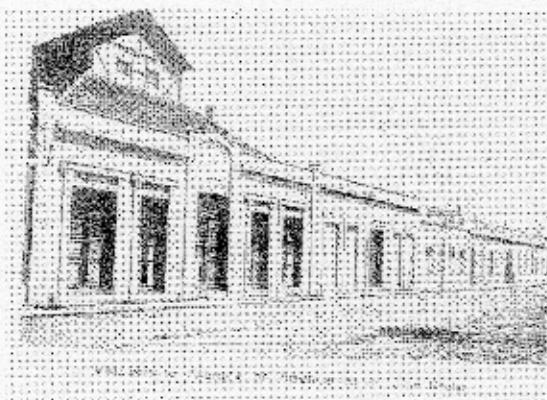
A tabela abaixo, elaborada com alguns dos estabelecimentos fabris pertencentes a estrangeiros no último quartel do século passado, registra a participação dessas firmas no processo de desenvolvimento econômico da cidade.

Estabelecimentos fabris pertencentes a estrangeiros no último quartel do século XIX

| Quadro Social | Nacionalidades | Ramo Fabril e Observações |
|---|-------------------------------------|--|
| Henrique João Hadler Germano Feichert | brasileiro alemão | curtume |
| Manoel Prieto Domingos da Neiva Prieto | espanhol espanhol | curtume |
| Albino João Cardoso João Haje Guilherme Sielbürger | português alemão | curtume |
| Manoel Cassal Cadarna Ramão Cassal Cadarna | espanhol espanhol | curtume |
| José Ignácio Coelho José Maria Duarte | português português | curtume |
| Antônio dos Santos Moreira Jacintho Guedes Ferreira José Antônio Diniz | português português português | curtume à Rua Nossa Senhora da Luz |
| Antônio Henrique Nogueira Anselmo Antônio Amaral | português português | curtume |
| Antônio Henrique Nogueira Domingos Martins Pinheiro | português português | curtume |
| Antonio Martins Pinheiro Domingos Martins Pinheiro | português português | curtume |
| Júlio Hadler Guilherme Sassem | brasileiro alemão | curtume |
| Francisco Auguet & Cristiá Francisco Carreras Francisco Auguet Sobrinho | espanhóis espanhol espanhol | Fábrica de aguardente à Rua Marques de Caxias n° 44. Em exposições no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pelotas, conquistou duas medalhas de bronze, seis de prata e sete de ouro |
| Domenico Starisci Antônio R. Cordeiro Júnior Guilherme Wiener | italiano brasileiro alemão | fábrica de mosaicos fábrica de chapéus |

¹⁴ PERERA DA CRUZ, Glenda op. cit., c. 116

| | | |
|---|-------------------------|---|
| Joaquim Bammann Francisco Ferreira da Silva Maia | alemão português | fábrica de chapéus fundada em 1863 por J. Bammann, era, segundo J. S. Lopes Neto, a mais antiga do estado. ¹⁵ |
| Manoel da Silva Monteiro João Crespo de Oliveira | português brasileiro | fábrica de chapéus |
| Manoel José Lopes Joaquim da Silva Ferreira Costa | português | fábrica de massas à Rua São Miguel, nº 93 |
| José Dias de Oliveira Primo | português | |
| Custódio da Silva Branco Manoel da Silva Branco | português | fábrica de massas |
| João Leão Sacamini | brasileiro | à Rua Gonçalves Chaves esquina Sete de Setembro |
| José Torres Crehuet Santos, Maia & Cia, | espanhol | fábrica de massas |
| Pedro Couto José Monteiro Valente | português | fábrica de massas |
| João Fernandes Castella | português | |
| Teodózio Fernandes da Rocha Francisco Cicchi | português italiano | fábrica de massas |
| Joaquin Francisco da Silva Alberto Gonçalves Cardozo | português | fábrica de massas |
| José Francisco Vieira | português | |
| Albino João Cardozo Alberto Cortez | português italiano | fábrica de vidros |
| Bento Alves Rebello Francisco Auguet | português espanhol | fábrica de calçados |
| João Thomaz Mignoni Guilherme Marcucci | italiano italiano | à Rua Félix da Cunha nº 207 |



Fábrica de couros do sr. Julio Hadler

(Álbum Pelotense, 1922)



Custódio da Silva Branco - industrialista

(litografia do alemão Guilherme Stoffel. A Ventarola, 27/11/1887)

¹⁵ LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº 6, 30/3/1912, p. 95.

Fábricas de fumos

Na segunda metade do século passado, a produção de fumos e cigarros era normalmente de cunho local. As fábricas existentes em Pelotas vendiam sua produção às cidades vizinhas e exportavam para o Uruguai. Conseguiam sua matéria-prima especialmente no Cerrito, situado na zona colonial de Canguçu, economizando transporte e conseguindo fumo de boa qualidade.

O introdutor da indústria de fumos na cidade foi o alemão Jacob Klaes que, desde 1874, trabalhava com fumos da marca Leão, da qual eram agentes, em Pelotas, Conceição & Cia.¹⁶ Em 1879, instalou a fábrica de fumos 'Santa Bárbara',¹⁷ herdeira da fábrica fundada no Rio de Janeiro em 1868.¹⁸ Premiada com "três medalhas de ouro e o grande diploma de mérito da Exposição de Berlim",¹⁹ produzia os fumos 'Porto Rico', 'Rio Novo', 'São Luiz', 'Bahia', 'Picados', 'Goyanno', 'Mineiro', 'São Felix', 'Barbacena', 'Daniel', 'Baependy', 'Paraguay', 'Pomba', 'Flor do Cerrito', 'Havana' e 'Turco'. Em 1887, 'A Ventarola' assim se pronunciava a respeito da 'Santa Bárbara' e de Jacob Klaes:

"A sua importaníssima fábrica de fumos é, com justiça, reputada uma das primeiras da Província, tendo merecido os seus produtos o primeiro prêmio na última exposição provincial. Depois de dotar sua importante fábrica de todos os melhoramentos necessários e uma casa de tal ordem, (...) fundou na importante cidade do Uruguai uma casa filial (...). É o Sr. Jacob Klaes um estrangeiro útil ao Brasil (...)"²⁰



Jacob Klaes (litografia de Guilherme Stoffel, A Ventarola, 17/7/1887)

¹⁶ LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº 2, 25/11/1911, pp. 9, 10.

¹⁷ Jacob Klaes fundou em 16/12/1879 sua firma individual, estabelecendo-se na Rue São Bárbara. Passou o estabelecimento sucessivamente para as firmas Jacob Klaes & Cia, Júlio Klaes sucessores, Olivé & Irmão, Olivé & Romeu, Geraldo Olivé & Romeu, Costa Leite & Romeu, Olivé, Rodrigues & Leite, Rodrigues & Cia até 1909 e depois a firma individual de Platino Rodrigues. Conforme LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº 9, 25/11/1911, pp. 9, 10.

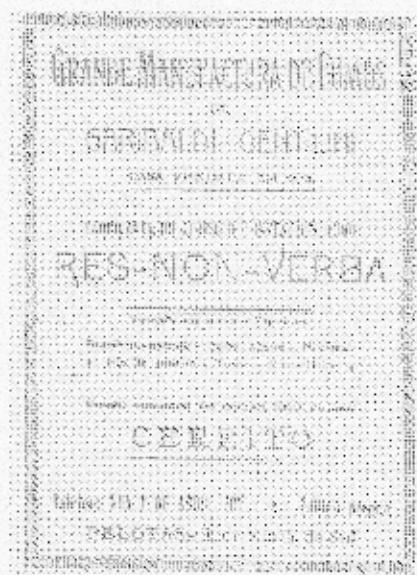
¹⁸ CM, 9/10/1857.

¹⁹ Idem, ibidem.

²⁰ A Ventarola, 17/7/1887.

A segunda fábrica de fumos a se instalar em Pelotas foi a ‘Manufatura de Fumos Gentilini’, do italiano Vicente Gentilini, inaugurada em 1º de janeiro de 1881.²¹ Tal fábrica localizou-se por muitos anos em um armazém à praça Constituição, esquina com Saldanha Marinho, transferindo-se depois para a Rua 7 de Abril. Após a morte de Vicente Gentilini, seu filho Ernesto assumiu os negócios. Em 1º de janeiro de 1891, a fábrica passou a seus irmãos Menotti e Garibaldi, Ernesto já possuía, nesta época, em sociedade com o português João dos Santos Silva, a fábrica de beneficiar fumos Silva & Gentilini, inaugurada em 1887.²² O fumo em corda ou em folha, matéria-prima utilizada, era proveniente do Cerrito e de Porto Alegre. Depois de beneficiado, era vendido na Província e exportado “em grossas partidas para a República do Uruguai”.²³

Mais para o final do século, surgiu a fábrica dos portugueses José Gomes da Silva Carvalho e Benardino de Souza Gonçalves.²⁴ Em 1900, é a vez de Manoel Valente da Costa Leite e João Romeu, o primeiro português e o segundo espanhol, iniciarem nova fábrica de beneficiar fumos.²⁵



Anúncio da Manufatura de Fumos Gentilini
(Álbum Pelotense, 1972)

²⁵ CUNHA, Alberto Coelho da. Manuscrito, 1911, Museu da BPP, vol 660 b.

⁹⁹ Junta Comercial do Estado, contrato nº 576.

⁹³ CUNHA, Alberto Coelho da, op. cit.

²⁴ Juiza Cipocetá do Estado, certista nº 2561.

95 Lucca Comercial no Estado, contato F.º 9369

Cervejaria Ritter²⁶

Carlos Ritter e Frederico Jacob Ritter nasceram em São Leopoldo, na década de 1850. Seus pais, Heinrich Ritter e Elisabeth Fuchs Ritter, imigrantes alemães, foram, segundo Carlos Henrique Hunsche, os primeiros a fabricar cerveja no Estado, indústria que, através de seus filhos, se "desenvolveu extraordinariamente, com filiais em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, as quais, em 1924, se reuniram, com outras empresas formando a Cervejaria Continental e, em 1946, a poderosa Brahma."²⁷

Fundada por Carlos Ritter em 1872,²⁸ à Rua 24 de Outubro (atual Tiradentes), a fábrica em Pelotas iniciou pequena, mal comportando a demanda da cidade. Alguns anos depois, mudou-se para a Rua Marquez de Caxias esquina com São Jeronymo, junto a ponte de pedra sobre o braço, atualmente seco, do Santa Bárbara. A partir daí, a cervejaria cresceu muito, em 1911 ocupava uma área de 3.854 metros quadrados,²⁹ chegando a arrecadação da fábrica a corresponder aproximadamente à metade da mesa de rendas do município.³⁰ Em 1884, Carlos Ritter recebeu como sócio seu irmão Frederico Jacob Ritter, que voltara da Alemanha onde fora "propositadamente aprender o fabrício teórico e prático da cerveja".³¹ Dessa união surgiu a firma Carlos Ritter & Irmão, transformada em Companhia Cervejaria Ritter, em 1915. Em 1898, com a intenção de aperfeiçoar a produção e beneficiamento da cerveja, começaram a fabricar gelo, para tanto, contavam com o auxílio de um engenheiro suíço chamado 'Dr. Mugli'.³² Segundo o Correio Mercantil de 1899, naquela época a Cervejaria Ritter era a única no Brasil a beneficiar a cevada. Tal cevada era adquirida na região colonial de Pelotas e o lúpulo importado. Possuindo uma seção de 'caixoteria', e aperfeiçoados aparelhos para lavar e engarraifar, produzia 18.900 garrafas de cerveja por dia, que eram comercializadas em todo estado e no norte do Brasil. Fabricavam as cervejas Pelotense (branca, preta ou escura), Pilsen, Ritter

²⁶ Apesar neste estudo não privilegiar as realizações de descendentes de estrangeiros, optou-se por abranger, quando à discussão dos proprietários da Cervejaria Ritter, certa importância destes na economia pelotense de então, considerando a sua importância na Cervejaria Ritter.

²⁷ UNSCHE, Carlos I. . Pastor Heinrich Wilhelm Linsch e os Começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil. São Leopoldo, Editor Rossmuro, 1981, p. 87.

²⁸ Colonne LOPEZ NETO, João Simões op. cit., 1º 2, 25/1/1911, p. 8

²⁹ COLNHA, Antônio Coelho da op. cit..

³⁰ ANTZEN, Sylvo Arnold Dick. A Ilha Pelotense: condição e modernização em conflito. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado na Faculdade de Educação da UFRGS, março., 1990, n. 132.

³¹ CM, 1/1/1884.

³² CM, 25/7/1899.

Brau Preta e Maerzen. Em 1899, trabalhavam na fábrica 80 operários e 2 maquinistas (Sr. Carlos Braun e Sr. Julio Gerlach), sendo diretor técnico o Sr. Fredérico Ritter.³³

A Firma Carlos Ritter & Irmão investiu também no lucrativo negócio de colonização da Serra dos Tapés, fundando as colônias Santa Rita, Visconde da Graça e Ritter, todas colonizadas por imigrantes alemães.

Além de industrial, Carlos Ritter destacou-se por seu espírito de 'cientista dilettante'.³⁴ Interessado por botânica, arborizou a Avenida 20 de Setembro (atual Duque de Caxias) com uma plantação de eucaliptos que acompanhava o traçado da linha de bonde do Fragata. Foi também grande colecionador de insetos e empalhador de animais, principalmente aves. Seu acervo zoológico encontra-se hoje no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, da Universidade Federal de Pelotas. Em sua residência, organizou o 'Jardim Ritter', importante espaço público para sociabilidades durante último quartel do século passado.³⁵

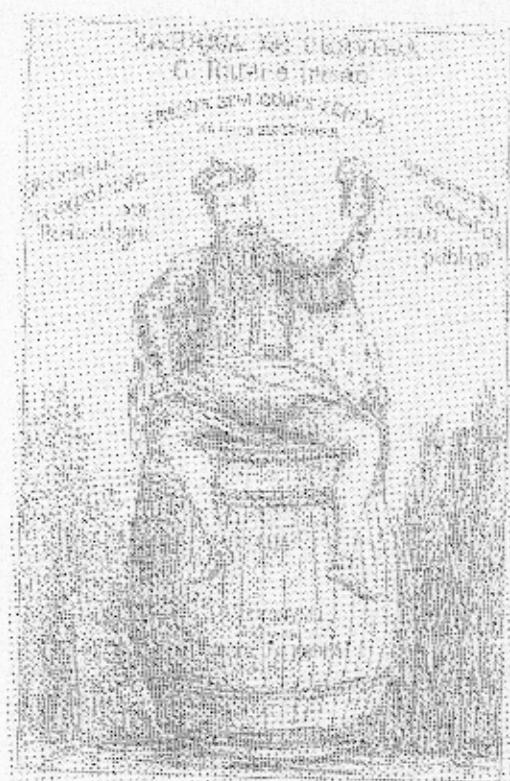
Além da cervejaria Ritter & Irmão, foi possível identificar-se as seguintes:

| Cervejarias pelotenses identificadas no último quartel do século XIX | | |
|--|---|---|
| Fábrica | Proprietários | Observações |
| Cervejaria Ilacrtel | Leopoldo Huertel (nacionalidade não identificada, provavelmente alemão) | fundado em 1889, fabricava as cervejas 'da Praia', 'Culmbacher', 'Lager Bier' e 'Pocco'. |
| Fábrica de Cerveja Germania | P. Rossler & Filho (não ident.) | situava-se na Rua 24 de Outubro em frente ao Mercado |
| Fábrica de Cerveja Portuguesa | G. S. Tavares (não ident.) | situava-se na Rua São Miguel, nº 234 |
| Fábrica de Cerveja de Manoel Fernandes de Oliveira | Manoel Fernandes de Oliveira (não ident.) | situava-se na Rua São Miguel |
| Fábrica Bopp & Cia | José Francisco de Lima e André Leonardo Bopp (não ident.) | ----- |
| Fábrica Cristovão Schimit & Cia | Cristovão Schimit (norueguês) Frederico Hellwig (alemão) | situava-se na Rua São Miguel, nº 310, |
| Fábrica Peixoto & Pereira | Antônio da Costa Peixoto e Antônio Joaquim Pereira (portugueses) | ----- |

³³ *Ibidem*, *ibidem*.

³⁴ O termo usou é do professor Sylvio A. Jortner, op. cit., p. 139.

³⁵ Ver Capítulo 4: Alusão Cultural.



Anúncio da Fábrica de Cerveja de Carlos Ritter & Irmão
(A Ventarola, 29/5/1887)



Anúncio da Fábrica de Cerveja de P. Rossler & Filho
(A Ventarola, 5/6/1887)



Carlos Ritter
(A Ventarola, 20/11/1887)

Fábrica Lang

Utilizando-se da graxa e do sebo, matérias-primas abundantes no período das charqueadas, as fábricas de sabão e velas desenvolveram-se bem na Pelotas do século passado, além de representarem uma nova fonte de lucros à indústria do charque.

Atuando no último quartel do século e possuindo estrangeiros em seu quadro social, identificou-se as seguintes:

**Fábricas de sabão e velas atuando em Pelotas no último quartel do século passado
com quadro social composto por estrangeiros**

| Proprietários | Nacionalidades |
|-----------------------------------|----------------|
| Frederico Carlos Lang | alemão |
| Adolfo Voigt | alemão |
| Antônio José da Silva Maia | português |
| Delmíro B. Mendes | espanhol |
| Domingos Dias da C. Reis | português |
| Augusto Lopes de Figueiredo | português |
| José Bernardino Pancinha | brasileiro |
| Manoel Tavares Ferreira | português |
| Antônio Pereira Cardozo | português |
| Joaquim Francisco Meirelles Leite | brasileiro |
| Domingos José de Oliveira | português |

Dentre as fábricas identificadas no período, a 'Lang' destacou-se por sua trajetória de sucessos e por até pouco tempo ainda participar do desenvolvimento econômico da cidade. Seu fundador, Frederico Carlos Lang nasceu em Berschweiler, Alemanha, em 5 de dezembro de 1836 e chegou ao Brasil em 1861. Depois de algum tempo empregado no comércio, em Rio Grande, transferiu-se para Pelotas, onde trabalhou na fábrica de Luiz Eggers até adquiri-la, passando a fabricar, em pequena escala, sabão comum e velas de sebo. Em 1870, transferiu a fábrica para o lugar denominado 'Arroio do Pepino', no subúrbio da cidade, onde até hoje se encontra.

Em 1878, enviou seus filhos, Ernesto Lang e Frederico Carlos Lang Filho, para estudar na Europa e no mesmo ano formou sociedade comercial com Adolfo Voigt, também alemão.³⁶ Em 1879, a firma F. C. Lang & Cia passou a produzir "sabão perfumado e sabonetes, novidades na incipiente indústria local".³⁷ Em 1880, investiram na produção de velas de cestearina, porém sem sucesso. Dezessete anos mais tarde, começava o

³⁶ Jornal Comercial do Estado, conv. n° 51

³⁷ LOPES NETO, João Simões, op. cit., n° 5, 29/2/1912, p. 72.

fabrico das velas de cera, resultado dos conhecimentos adquiridos por Frederico Lang Filho, durante sua estada em Hamburgo.

Em 1899, a firma passa às mãos de Frederico Carlos Lang Filho e Ernesto Lang, por morte do fundador. Seis anos depois, a fábrica volta a fabricar as velas de estearina, agora com sucesso. Em 1910 empregava 70 operários, 12 operárias e meninos de 14 e 15 anos. Seus produtos foram premiados em exposições no Rio de Janeiro (1866, 1875 e 1908), em Paris (1867), em Porto Alegre (1881, 1901 e 1905) e em Chicago (1893).³⁸

Grande fábrica à vapor de Sabão e Velas
F.C. LANG & C°
PELOTAS

End. teleg. 1 LANG → Caixa postal n. 45

PREMIADOS:

Expo. de Belo Horizonte - 1866, ANTO. e PINT. - Paris - 1867 - Prem. Príncipe d'Orléans - 1875 - Belo Horizonte - 1881 - Porto Alegre - 1901 e 1905

• • • FUNDADA EM 1864 - 1914

| | |
|---|------------------------------|
| VELAS DE CERA | SABÃO COMUM |
| Velas de estearina • Velas de sábio | Sabão perfumado em barrinhas |
| Cachos e Orlos de cera | Sabonetes sábio o fúndido |
| GRAXA REFINADA | SABONETES MEDICINAIS |
| • • • Superior sabão líquido SPUMA! • • • | |
| PÓS DE SABÃO PARA FAZER A BARBA | |
| • • • GLYCERINA LOURIA! • • • | |

Anúncio da Fábrica F. C. Lang & Cia
(Almanaque de Pelotas, 1914)

³⁸ Dados extraídos de LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº 5, 29/9/1919, p. 79.

Profissionais liberais e serviços

Rica e em desenvolvimento, a cidade de Pelotas passou a exigir melhoramentos urbanos de todo tipo. Enquanto crescia, tornou-se atraente àqueles indivíduos que, com um certo grau de capacitação profissional, buscavam ambiente propício ao desenvolvimento de suas aptidões. À cidade dirigiam-se, além do engenheiros e técnicos estrangeiros para atuarem nos projetos de melhoria da infra-estrutura urbana, também médicos, fotógrafos, educadores e uma infinidade de outros profissionais liberais e mestres artesãos a oferecer seus serviços. O ambiente citadino pelotense, influenciado por diversos padrões culturais europeus, não apresentou obstáculos à permanência de elementos estrangeiros moldados em rígidos padrões de enquadramento social já mencionados. Ao contrário, estes elementos foram favorecidos pelo simples fato de serem estrangeiros.

Martins Pena, conhecido como o 'Molière brasileiro', foi capaz de traduzir esta realidade social não apenas pelotense, mas brasileira, expressando-a em tom de farsa, seu gênero teatral favorito. Escreveu, no século passado, a comédia em 1 ato intitulada 'O Caixeiro da Taverna'. Para esta peça, ambientada no Rio de Janeiro de 1845, Pena elaborou, com muita perspicácia, o seguinte diálogo entre Manuel, primeiro caixeiro de uma taverna, e Francisco, um oficial de latoeiro:

Francisco - Ora, oze me, o que preciso fazer um pobre latoeiro do país, quando a rue do Ouvidor está cheia de latoeiros e ampias franceses? Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o estruço, não sei o que seria de nós.

Manuel - Se vocês trabalhassem tão bem como eles...

Francisco - É um engano, é uma mentira, e todos vêm com elas; é gente estrangeira, e diabos! Não se vê por este cdede senão culinários franceses, dentistas americanos, macacistas ingleses, mécicos alemães, relojoeiros suíços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as seis chaves do mundo. E resistem os artífices do país, se são capazes, a essa torrente!

Tal realidade social carioca, captada por Pena em pleno século passado, era também fato em Pelotas. O trabalho de mestres e oficiais artesãos estrangeiros tornou-se comum e é hoje facilmente identificado através da leitura dos antigos periódicos locais. Observa-se, no quadro abaixo, alguns dosses elementos estrangeiros que labutavam na Pelotas do último quartel do século passado.



Mestres e oficiais artesãos estrangeiros em Pelotas no último quartel do século passado²⁹

| Nome | Nacionalidade | Profissão | Endereço | Ano de identificação |
|--------------------------------|---------------|---------------|-------------------|----------------------|
| Eduardo Emílio Macalão | português | alfaiate | | 1881 |
| Alexandre Vieira | português | alfaiate | | 1881 |
| Caspar Fernandes do Nascimento | português | alfaiate | | 1879 |
| Raphael Bassols | espanhol | alfaiate | | 1884 |
| Antônio de C. Queirós Santos | português | alfaiate | | 1886 |
| Francisco Antonacci | italiano | alfaiate | | 1896 |
| Salvador Leão | italiano | alfaiate | | 1896 |
| Antônio Francisco da Silva | português | alfaiate | | 1900 |
| Geraldo Petrucci & Irmão | italianos | alfaiates | S. Miguel, 195 | 1886 |
| Nicola Caputo & Irmão | italianos | alfaiates | S. Jeronymo, 46 | 1888-1897 |
| José da Costa | português | barbeiro | | 1881 |
| Amado Serez | italiano | barbeiro | | 1867 |
| Boiteux & Liveroux | franceses | cabeleireiros | Gal. Netto, 24 | 1875 |
| João Cantú | argentino | carpinteiro | | 1887 |
| Manuel Pedro da Soledade | espanhol | carpinteiro | | 1878 |
| Antônio Del Grande | italiano | carpinteiro | | 1887 |
| José Ribeiro Machado | português | carroceiro | | 1893 |
| Felix Coufal ³⁰ | * | chapeleiro | S. Miguel, 106 | 1890 |
| Manoel José Custódio Junior | português | chapeleiro | | 1891 |
| Manoel Rodrigues Aresta | português | cocheiro | | 1893 |
| João Catalan | espanhol | cocheiro | | 1877 |
| Luiz Reis Ramalho | espanhol | correiro | Andrade Neves | 1880 |
| Alexandre Carsal | espanhol | corrícuaro | Andrade Neves | 1881 |
| Germano Feichert | alemão | correiro | S. Miguel | 1887-1893 |
| Pedro Gávio | espanhol | correiro | | 1900 |
| Pedro Urdanis | espanhol | correiro | | 1900 |
| Bernardo Antônio Dias | português | corrícuaro | | 1900 |
| Mathilde Desray | francesa | costureira | Santa Barbara, 41 | 1880 |
| Mme. Bidan | francesa | costurcica | | 1887 |
| Mme. Josephine Bardou | francesa | costureira | Rua do Imperador | 1870-1890 |
| Mme. Antonie Bindel | francesa | costurcira | | 1890 |
| Mme. Edouard | francesa | costureira | | 1890 |
| Adolfo Novak | austriaco | encadernador | Gal. Osório, 162 | 1875 |
| Henrique Benza | francês | estudador | 15 de Novembro | 1897 |
| Francisco Maria Plastinc | italiano | ferreiro | | 1896 |
| Salvador Maria Plastinc | italiano | ferreiro | | 1896 |
| Cesarino Cesares | italiano | ferreiro | | 1896 |
| João Henrique Kirst | alemão | ferreiro | | 1895 |
| Luis Kompe | alemão | ferreiro | | 1893 |
| David Maggiorani | italiano | ferreiro | | 1896 |
| Matheus Barson | italiano | ferreiro | | 1897 |
| Pedro Falco | italiano | funileiro | | 1890 |
| Luis Carlos Chevalier | francês | marceneiro | Riachuelo, 12 | 1887 |
| Miguel Antônio dos Santos | português | marceneiro | | 1879 |
| Carlos Maria Martins | português | marceneiro | | 1879 |
| Francisco Pinto de Madureira | português | marmorista | | 1880 |

²⁹ Verificados através dos periódicos locais.

³⁰* Felix Coufal nasceu em Budweis, na Boêmia e chegou a Pelotas em 1881. A princípio trabalhou na fábrica Cordeiro Werner, e, em 1886, estabeleceu-se como charmeiro na Rua São Miguel, nº 106. Foi 1935, sob a administração do filho Henrique Coufal, a Casa Coufal comemorar seu cinquentenário. Seu neto Hélio, Waldemar Coufal, foi destacadíssimo jornalista do início deste século. Importante membro da Sociedade de Beneficência Alemã, Felix Coufal foi diretor desta nos anos de 1894 à 1909.

| | | | | |
|--------------------------------|-----------|-------------|------------------------|------|
| Santiago Berruti | italiano | pedreiro | | 1884 |
| José dos Rios | português | pedreiro | | 1875 |
| Domingos Francisco Mendes | português | sapateiro | Gal. Osório | 1876 |
| Manuel Belchior de S. Bandeira | português | sapateiro | | 1891 |
| Domenico Saurini | italiano | sapateiro | Gal. Osório, 51 | 1876 |
| João Lombardi | italiano | sapateiro | Gal. Victorino | 1879 |
| Paschoal Galli | italiano | sapateiro | R. dos Voluntários, 84 | 1881 |
| Pedro Aragão | português | sapateiro | | 1883 |
| David Marojon | italiano | sapateiro | | 1895 |
| Francisco José Lopes | português | sapateiro | Andrade Neves, 120 | 1887 |
| José Moreira Coelho Magalhães | português | sapateiro | Andrade Neves, 120 | 1887 |
| João Thomaz Mignoni | italiano | sapateiro | | 1890 |
| Felippe Jacob Pretz | alemão | segeiro | | 1890 |
| François Théophile Jacottet | francês | scleiro | | 1886 |
| José Antônio Nyppe | português | tamanqueiro | | 1880 |
| Salvador Sica | italiano | enturciro | Gal. Osório, 95 | 1887 |

Possuindo profissões caracteristicamente urbanas, os estrangeiros participaram do processo de modernização da cidade. Alfaiates portugueses vestiam os homens à inglesa, costureiras francesas traziam a última moda de Paris. Trabalhando em pontes e prédios estavam pedreiros italianos e ferreiros alemães. Em uma cidade que crescia eram bem vindos carroceiros, carpinteiros, funileiros, sapateiros de todas nacionalidades. Eram também bem vindos profissionais liberais, como o Dr. Guilherme Reheimberg, natural da Suíça, Cantão alemão de Turgaus. Apelidado de 'Dr. Alemão', foi benfeitor do Asilo de Órfãs de Pelotas. Possuía o costume de manter-se afastado do convívio social, inteiramente dedicado aos seus doentes.⁴¹

Os arquitetos italianos José Izella Merote e Guilherme Marcucci, nos anos de 1860, participaram ativamente da formação do ambiente urbano. Caracterizada pelo estilo neo-renascentista, misturado a detalhes do barroco e adaptações locais, as mais ricas edificações pelotenses do século passado surgiram a partir da década de 60. Alguns exemplos podem ser ainda hoje admirados: a Santa Casa de Misericórdia, a Beneficência Portuguesa e os prédios do conjunto neo-renascentista da atual Praça Coronel Pedro Osório, algumas dessas obras com uma certa inspiração neo-clássica, como confirma Glenda da Cruz, ao falar em códigos neoclássicos e padrões de linguagem eclética nas construções da alta burguesia.⁴² Sob a direção de Izella e Marcucci esteve a edificação do novo prédio da Santa Casa de Misericórdia, iniciada em 1861 e concluída, provisoriamente, em 1887.⁴³ Sob a direção de Izella, natural da cidade de Como, esteve

⁴¹ Conforme NASCIMENTO, 1, zônia Assunção. Nossa cidade era assim. Pelotas, ed. Livraria Universal, 1989, p. 178.

⁴² Ver PEREIRA DA CRUZ, Glenda op. cit., p. 125.

⁴³ Idem, ibidem, p. 81.

também a construção da residência do Sr. Felisberto José Gonçalves Braga,⁴⁴ à Rua do Imperador (atual Félix da Cunha), dos casarões de Francisco Antunes Maciel, à Rua do Imperador com Barão de Buruá, e de Leopoldo Antunes Maciel, na Praça Coronel Pedro Osório,⁴⁵ bem como a elaboração do projeto do prédio da atual Prefeitura Municipal.

Além desses profissionais pode-se mencionar:

Luiz Mascarenhas, dentista; Jayme Baxeras, arquiteto catalão, que realizava “desde o mais insignificante conserto até o mais suntuoso edifício”;⁴⁶ Frank Bennet, dentista inglês;⁴⁷ Luiz Vitzschel, engenheiro civil, membro da Associação dos engenheiros e arquitetos da Alemanha, um dos autores do projeto de desobstrução do Santa Bárbara, especializado em obras hidráulicas;⁴⁸ Dominique Pincau e Dominique Villard, arquitetos franceses responsáveis pela construção do prédio da Escola Municipal Eliscu Maciel (hoje Faculdade de Agronomia);⁴⁹ José dos Santos Maciel, português guarda-livros; Madame E. Profillet, parteira francesa;⁵⁰ Alvaro da Silva, advogado português, especializado em questões como liquidação e arrecadação de herança, aquisição e legalização de documentos em Portugal;⁵¹ Dr. Philippe Caldas, médico espanhol, que garantia a cura da ‘tysica tuberculosa’;⁵² Dr. Theodoro Harke, médico alemão especialista em moléstias da garganta, ouvidos e nariz; Dr. Hugo Salvadory Baschieri, especialista em moléstias nervosas, demência e histerismo⁵³ e o Dr. Josué Bond, cirurgião norte-americano.

Isso sem levar em conta os profissionais itinerantes que chegavam a Pelotas, estabeleciam-se em um dos hotéis da cidade e ali atendiam sua clientela por algum tempo, até partirem para a próxima cidade.

⁴⁴ Anais: Clube Commercial. Com sede instalou na construção do Clube o confeiteiro Cesário Cassette que, na época, com 12 anos, abriu e fechou a edificação. Museu da EPP, vol. 52.

⁴⁵ FECN, Zélio de: Pelotas: cem anos contam sua história. Pelotas, Gráfica D. M. Holstete, 1993, pp. 15, 16.

⁴⁶ CM, 5/5/ 373.

⁴⁷ Jornal do Comércio, 9/19/1873.

⁴⁸ CM, 2/1/1881.

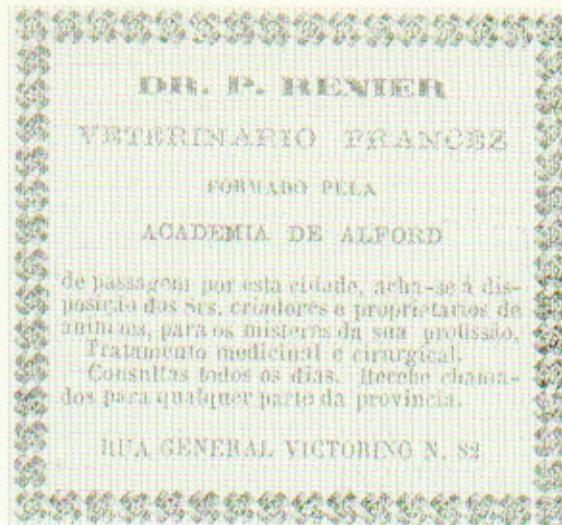
⁴⁹ MACALIÂS, Mano Oceano. Gouvene e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a intelectualidade de Pelotas (1860-1890). 2º edição. Porto Alegre, EdUFSC: Co-edição Livraria Mundial, 1993, p. 215.

⁵⁰ CM, 2/3/ 386.

⁵¹ A Opinião Pública, 26/6/1899.

⁵² CM, 18/1/1900.

⁵³ CM, 2/1/1900.



Anúncio de um profissional liberal itinerante de passagem por Pelotas

(A ventarola, 26/8/1888)

Comerciantes

Segundo Simmel, em um círculo econômico fechado, onde já estejam distribuídos a terra e os ofícios que bastem para satisfazer a demanda, haverá sempre espaço para o comerciante. Por tal motivo é o comércio o campo de ação indicado ao estrangeiro.⁵⁴

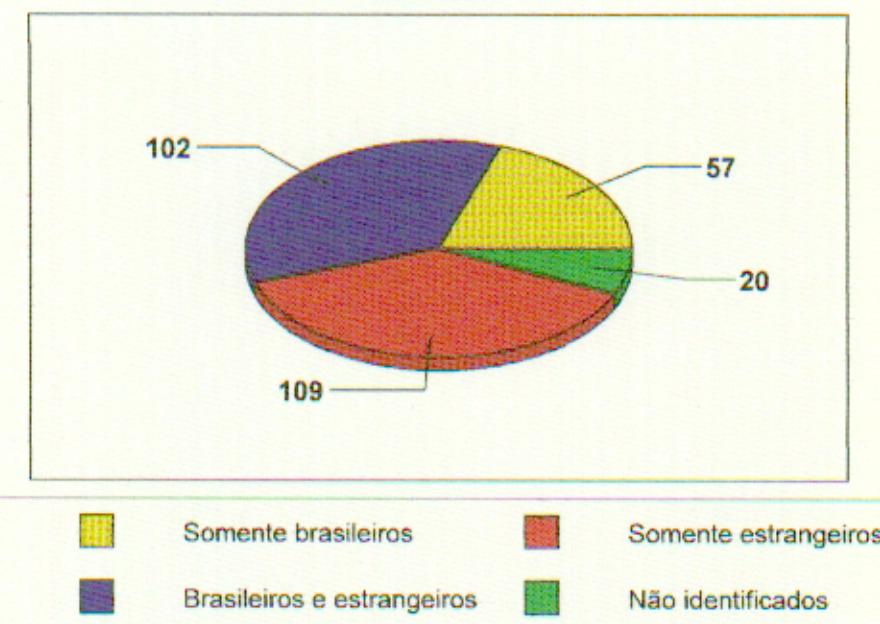
Em Pelotas, o estrangeiro tornou-se hegemônico no ramo comercial. Armazéns de 'secos e molhados por atacado e varejo', 'lojas de fazendas e roupas prontas', joalherias, comércio de miudezas, ferragens, 'barracas de couros e produtos do país', farmácias, drogarias e lojas de chapéus pertenciam a estrangeiros. Compulsando-se os contratos arquivados na Junta Comercial do Estado, no último quartel do século passado, observa-se que, de um total de 288 sociedades comerciais pelotenses registradas, 109 (37,84%) pertenciam a estrangeiros, 102 (35,41%) possuíam estrangeiros em seu quadro social e apenas 57 (19,79%) eram compostas somente por brasileiros, enquanto 20 (6,94%) delas não identificavam a nacionalidade dos sócios.⁵⁵

O gráfico a seguir permite uma melhor visão dos dados coletados.

⁵⁴ SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las formas de socialización*. Alianza Universidad, 1986, p. 717.

⁵⁵ Os números não foram arredondados.

SOCIEDADES COMERCIAIS PELOTENSES
Contratos arquivados na Junta Comercial do Estado - RS
 1877-1900



Interpretando-se os números, observa-se que mais de 70% das firmas comerciais pelotenses, devidamente registradas como tal, no último quartel do século passado, possuíam estrangeiros em seu quadro social. Refletindo a importância da presença estrangeira nas atividades comerciais, em 17 de agosto de 1881, foi fundado o Club Comercial de Pelotas, tendo sido sua primeira diretoria, escolhida a 25 do mesmo mês, assim constituída:⁵⁶

Presidente: Francisco Alsina (espanhol)

Secretário: Antonio Francisco da Rocha (português)

Tesoureiro: Ismael Maia (não ident.)

Diretores: Leopoldo Jouclá (francês), H. Liennert (não ident.), Joaquim Pinto da Rocha (português), Eduardo Schanmam (não ident.), Vicente de Santo Júnior (não ident.), José Torres Crehuet (espanhol)

Comissão de Contas: Eduardo da Silva Carvalho (não ident.), José Diogo Brochado (brasileiro), José Joaquim de Freitas (brasileiro)

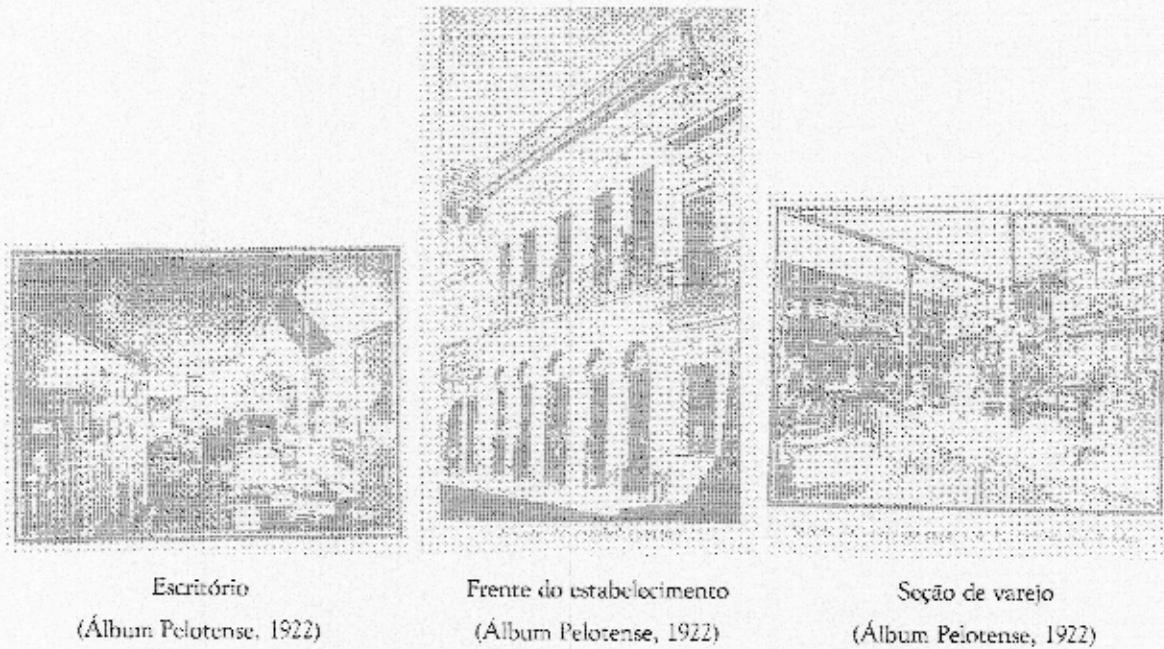
Suplentes: Albino G. Borges (brasileiro), João dos Santos Silva (português) e Ramon Trapaga (espanhol).

Algumas das sociedades comerciais incluídas nos números acima duraram muito pouco, outras, no entanto, participaram por vários anos do cotidiano dos

⁵⁶ OSORIO, Fernando Luis. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas, Of. Tip. do Diário Popular, 1922, pp.212,213. Os dados relativos às nacionalidades foram obtidos através da análise dos contratos comerciais registrados na Junta Comercial do Estado.

pelotenses. Casas tradicionais foram, entre outras: a loja de fazendas 'Ao Pharol Pelotense', do francês Ambrosio Perret, que vendia linhos e sedas, cetins de todas as cores, 'zephir' francês de diversas qualidades, brins e linho francês, além de contar com "um dos mais hábeis contramestres da cidade e da província".⁵⁷ A ferragem 'Scholberg, Jouclá & Silva', fundada em 1854 sob a firma de 'Viúva Laport & Cia' com sede em Liege, França.⁵⁸ A 'Casa Krentel', ótica e relojoaria, fundada em 1871 pelo suíço Eduardo Jeanneret.⁵⁹ A 'Sastreria La Joven Espanña' de 'Puyol & Bassols', casa fundada em 1883 e que em 1900 ainda existia. Localizada na Rua 15 de novembro, não raras vezes anunciaava em espanhol seus produtos nos jornais da cidade. A ferragem 'Warncke & Dörcken sucessores', fundada em 1874, pelo alemão Francisco Behrensdorf que, em 1890, recebe como sócio o patrício Augusto Graf.⁶⁰

Firma Vvia. Behrensdorf & Cia.



Escritório

(Álbum Pelotense, 1922)

Frente do estabelecimento

(Álbum Pelotense, 1922)

Seção de varejo

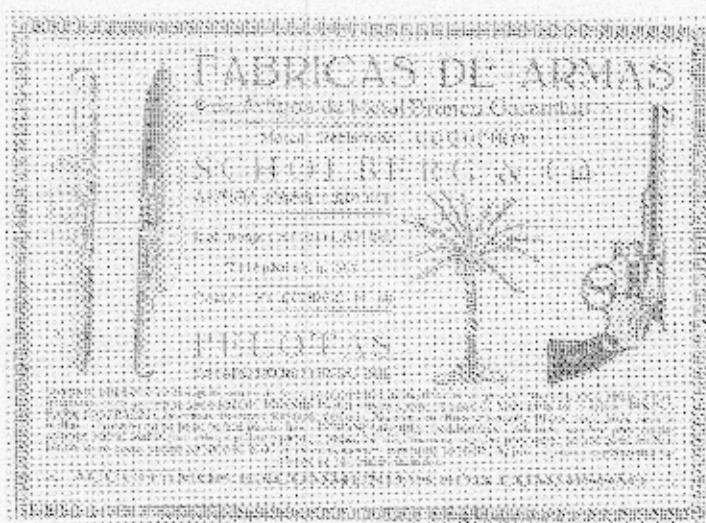
(Álbum Pelotense, 1922)

⁵⁷ CM, 23/10/1894.

⁵⁸ Viúva Laport & Cia, depois Scholberg & Gadei até 1889, depois Scholberg, Jouclá & Silva até 1894 (Guilherme Scholberg francês), Leopoldo Jouclá - francês e Francisco Henrique da Silva), depois Scholberg & Jouclá (viúva Scholberg e L. Jouclá), depois Scholberg & Cia (viúva Scholberg, Eugênio Behrensdorf e João H. Jacobi). Conforme A Discussão 21/9/02 e LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº1, 15/10/1911, p. 13.

⁵⁹ Em 1886 passou à firma Jeanneret & Krentel e em 1893 à firma H. Krentel. Conforme LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº1, 15/10/1911, p. 14.

⁶⁰ Em dezembro de 1894, Augusto Graf deixa a firma e em 1902, com o falecimento de Behrensdorf, esta passa à viúva F. Behrensdorf. LOPES NETO, João Simões, op. cit., nº3, 29/2/1912, p. 85.



Anúncio da Ferragem Scholberg & Cia.

(Album Pelotense, 1922)

Também tradicionais, mas trabalhando com entrega de secos e molhados na colônia, através de carretas, estavam Carlos Frederico Natusch⁶¹ (alemão), 'Trapaga & Zorilla' (espanhóis), Benito Maurell (espanhol), Celestino S. Juan (espanhol), Santiago Prati (italiano) e 'Olivé & Ardila', da qual faziam parte Geraldo Olivé, Rafael Zamorano e Rafael Ardila (todos espanhóis).

Através da labuta em atividades comerciais, muitos estrangeiros fizeram fortuna, galgando degraus na sociedade pelotense. Expressão de estabilidade financeira e destacada posição social, portanto cobiçados, eram os cargos de diretoria nas diversas sociedades existentes no período, fossem essas de congregação étnica,⁶² auxílio mútuo, benficiantes, ou mesmo artístico-culturais como a Biblioteca Pública Pelotense, o Club Beethoven, a Philarmônica Pelotense etc.

Outro cargo importante e geralmente assumido por estrangeiros de posse na localidade era o de vice-cônsul ou agente consular. Leopoldo Jouclá, por longos anos agente consular francês, era, como vimos, co-proprietário de uma importante loja de ferragens; Benito Maurell e Francisco Alsina, vice-cônsules espanhóis, foram negociantes de secos e molhados, mesma atividade a qual se dedicaram Theodósio Fernandes da Rocha

⁶¹ Frederico Natusch chegou a Pelotas em 1852, grande empreendedor, montou fortuna com a venda de secos e molhados e 'barra de futos do país'. Através dos documentos arquivados na Junta Comercial do Estado pode-se observar que sua trajetória comercial foi bastante dinâmica. Em 1872, formou sociedade com Adriano José de Mello e José Francisco dos Santos Júnior, montando a firma Carlos F. Natusch & Cia., daí em diante, até se extinguir em 1890, apesar da parceria de Natusch, o quadro social da firma mudou 6 vezes, inclusive com a entrada de seu filho, Carlos Frederico Natusch Júnior.

⁶² Ver capítulo 4 - 'Estrangeiros e ação associativa'.

e Joaquim Teixeira da Costa Leite, vice-cônsules portugueses.⁶³ Uma exceção a regra, no tocante ao prestígio financeiro, foi o caso de Frederico Trebbi que, por muitos anos vice-cônsul italiano, destacou-se socialmente por suas habilidades intelectuais e artísticas, como professor e mestre pintor.



Theodosio da Rocha / vice-cônsul de Portugal
(Litografia de Guilheme Stoffel)
(A Ventarola, 24/7/1887)



Francisco Alsina / vice-cônsul da Espanha
(Litografia de Guilheme Stoffel)
(A Ventarola, 9/10/1887)



Leopoldo Joucla / agente consular da França
(Litografia de Guilheme Stoffel, de uma fotografia de A. Amoretti)
(A Ventarola, 25/12/1887)



Benito Maurel Filho / vice-cônsul da Espanha
(Litografia de Guilheme Stoffel)
(A Ventarola, 4/12/1887)

⁶³ — Theodosio F. da Rocha também foi proprietário de uma fábrica de mesas em sociedade com o italiano Francisco Cicchi.

Desafortunados

Nem tudo foi glória aos estrangeiros em Pelotas, no século passado. Nem todos foram bem sucedidos, nem todos viraram vice-cônsules. A história dos estrangeiros também é marcada por fracassos e desesperos, por trabalho árduo e anônimo, de pouca compensação. Na verdade, a história dos vencedores é a história de poucos.

Em 6 de junho de 1876, o Correio Mercantil noticiava o sepultamento do português Francisco Mendes, "trabalhador, honesto e de irrepreensível procedimento", que possuía "desde muito tempo" sapataria à Rua Gal. Osório e que, ao falecer, deixava numerosa família em extrema pobreza. Aristides Guidony, famoso professor francês, morreu em 20 de julho de 1881, também deixando esposa e quatro filhos em extrema pobreza, o mesmo aconteceu com o pintor espanhol Guilherme Litran. Inúmeros são os informes jornalísticos de falecimento onde se lê esta frase - 'deixou família em extrema pobreza' - em especial quando se referia a falecidos professores, prestadores de serviços e artesãos. Fatos também bastante comuns eram o alienamento mental e o suicídio, quando não se davam os dois ao mesmo tempo. Rovilho Costa e De Boni referindo-se aos imigrantes de maneira geral informam que:

"Ao contrário do que tanto se apregoa, a imigração é um crescimento doloroso na vida dos imigrantes, um capítulo marcado com sangue e sofrimento, suorço raro pelo desespero e a miséria. O número de suicídios entre os imigrantes é da ordem mesmo, bem como o de loucos que, em evitando tais fatos, costumou ser de 4 vezes maior do que entre os nascidos."⁶⁴

Um dos principais motivos identificados para o ato extremo do suicídio era a ruína financeira e os problemas existenciais relativos às dificuldades econômicas pela qual muitos passavam. Através de notícias veiculadas em jornais da época tem-se uma idéia da dura realidade daqueles estrangeiros:

"Suicídio - Antenor (...) pôr termo a existência, (...) o suicídio português Jeano, m. Duarte Coelho Estima, estabelecido com uma pequena taberna à Rua da Igreja (...) Em uma carta escrita a seus amigos, esse triste (...) adubou a sua resolução e transcorreram comerciais (...)."⁶⁵

"Cartaria de suicídio - Antenor (...) o Sr. Alexandre Souza Ribeiro (...) viu, perdeu em um dos países, o visto de um homem (...). Verificou-se mais tarde que o mesmo suicida

⁶⁴ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovilho. *Os imigrantes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST, 3^a ed., 1984, p. 93.
⁶⁵ OM, 1/12/1915.

era de nacionais e de estrangeiros. Quia embriachado, a 06, e vaguear ao Rio Grande a essa cidade, na esperança de aqui encontrar trabalho. Em meio desse tempo foi assassinado. O seu capitão, que chegava em dez horas aproximadamente, lhe-lhe roubado. Desesperado sem proteção, só, e abandonado (...), resolveu matar-se.⁶⁶

"Suicídio - Arcozelo: (...) o alemão Henrique Rhöris (...) foi encontrado morto enforcado. Rhöris viveu a tempos um acúmulo e amargava-se agora em trabalhos de lambilheira (...). É voz corrente que dificuldades pecuniárias o levaram ao suicídio."⁶⁷

Os infortúnios eram muitos e variados: rixas pessoais, acidentes de trabalho, doenças, perseguições, miséria, fome. Em 9 de novembro de 1897, no botequim Venezia, de Faustino Tafarelli, por motivo de 'rixão', o austríaco Francisco Josef, jornaleiro, foi assassinado por Matheus Basson, italiano, ferreiro.⁶⁸ Em novembro de 1875, um "infeliz alemão de nome ignorado" aproximou-se do negociante Germano Berg e, sem mais nem menos, "descarregou-lhe uma paulada na cabeça e outra num braço". Conduzido à presença da autoridade informou que "tinha cometido o delito a fim de ser recolhido a cadeia, pois que há três dias não comia, nem encontrava trabalho".⁶⁹ Em setembro de 1883, num desastre ferroviário, faleceram Angelo Giotta e Giacomo Caratti, enquanto outros três ficaram gravemente feridos. Todos italianos e trabalhadores da linha férrea.⁷⁰

Atividade hoteleira e italianos: uma singular relação

Considerando as particularidades econômicas e socio-culturais que envolviam Pelotas, era natural a presença na cidade de elementos oriundos dos mais diversos rincões da Província, do Brasil e do exterior. Vendedores, artistas, negociantes, peões, estancieiros, estudantes e muitos outros dirigiam-se à cidade na intenção de concretizarem os mais variados objetivos e para tanto podiam demorar-se um dia ou vários meses, até alguns anos, em especial, quando jovens em busca de instrução. Quando não possuíam contatos de amizade ou parentesco com que pudessem contar, contavam com a existência de um razoável número de hotéis e pensões das mais variadas categorias. Em 1891, Euclides B. de

⁶⁶ CM, 19/11/1891.

⁶⁷ CM, 5/10/ 894

⁶⁸ CM, 9/11/ 897.

⁶⁹ CM, 7/11/ 875.

⁷⁰ CM, 12/9/ 893.

Moura, diretor da repartição de estatística da Intendência, registrou a existência de 19 hotéis em Pelotas, sendo 4 'de primeira ordem'.⁷¹

Através das pesquisas efetuadas em jornais pelotenses do último quartel do século passado e nos registros de sociedades comerciais arquivados na Junta Comercial de Porto Alegre, foi possível constatar uma peculiar participação de elementos italianos no ramo hoteleiro em Pelotas, participação essa que teve início mesmo antes do grande surto imigratório italiano de 1875.

Em 1843, Santiago Prati e Gaetano Gotuzzo fundaram o Hotel Aliança, à Rua São Miguel, atual Quinze de Novembro, ponto central da antiga cidade.⁷² O Hotel Aliança é um marco na história de Pelotas, em especial das atividades italianas representadas pelo trabalho das famílias Prati e Gotuzzo. Atravessando a segunda metade do século XIX, o Hotel chega ao ano de 1899 sob a direção da viúva Prati e de Gaetano Gotuzzo, quando passa à firma Gotuzzo & Agrifoglio, formada pelo mesmo Gaetano Gotuzzo e José Francisco Agrifoglio, este último guarda-livros da Companhia de Seguros Pelotense e da Associação Comercial, casado com Adelina Prati, filha de Santiago Prati.⁷³ Hotel considerado 'de primeira ordem', em seus jardins a élite pelotense se reunia na 'estação calmosa' a saborear 'gasosas' e doces variados. Oferecia serviço de restaurante, fornecimento de refeições 'para fora', local para reuniões, banquetes, casamentos, etc, além de banhos de chuva e a vapor e indicador elétrico em todos os compartimentos. Em 1890, o Correio Mercantil noticiou a celebração de um jantar, nos jardins do Hotel Aliança, em homenagem à Dra. Antonieta Dias,⁷⁴ recém chegada do Rio de Janeiro, através da notícia observa-se um pouco da atmosfera de requinte que envolvia o Hotel.

"A mesa, em forma de ferdeuse, foi colocada próxima a elegante gruta azul, de marmelo e ouro e cristal e nela só existe luminoso por um tanque gástrico de óleo de gás. Ao lado, por cima de espelheira, uma linda estrela de gás cabendo excretava sobre o grilo, é de si admisível, um novo eerto impossível de descobrir (...). As 8 ½ horas foi servido o banquete. Menú: Potage à la bûche. Mayonnaise aux herbes à la - choucrout em madeira. Poêles sauté aux champignons. Vol au vent à A. Antonieta Dias. Filet trouillé aux croutons. Cucillettes milanaises aux herbes. Asperges en beurre noir. Dinde farcie avec jambon à A. J. Dias. Dessert: Crumblette soufflé. Crème rose, Torta de la salade. Fromages divers."⁷⁵

⁷¹ Conforme Boletim da Repartição de Estatística apresentado à intendência em 1891.

⁷² Almanaque de Pelotas, 1924, p. 101.

⁷³ CM, 98/1/1586.

⁷⁴ Sobre Antonieta Dias ver capítulo 4 - 'strangeiros e a incerteza'.

⁷⁵ CM, 3/1/1890.

Além do Hotel Aliança, foi possível identificar, na segunda metade do século passado, vários outros cujos proprietários eram italianos.

Situado na Rua Gal. Osório estava o Hotel Garibaldi, pertencente a Pedro Luiz Gotuzzo, que "fora por algum tempo empregado do Hotel Aliança, de propriedade do Sr. Santiago Prati, de quem era sobrinho (...)."ºº Na década de 90 o Hotel Garibaldi passa às mãos de Antonio Bonfiglio. Outro estabelecimento congênero, também situado à Rua São Miguel, foi o Hotel Piemonte, de propriedade do Sr. Graziano Bassi, que, em 1889, o negocia com Francisco Gigante.ººº O mesmo Francisco Gigante adquire, de Rosa Uriach, em 1890, o Hotel do Comércio, localizado na Praça da Reconexão.ºººº

Em outubro de 1885, mais um hotel passa a pertencer a italianos: o Hotel 'Brazil', localizado à Praça Pedro II, junto ao Teatro, de propriedade do Sr. Antonio Scotto. Antigo hotel que na época acabara de ser reformado, possibilitou a seu proprietário indicá-lo como o *primeiro de seu gênero na cidade*.ºººº Quatorze anos depois, em 1899, o Hotel 'Brazil' passa a firma 'Del Grande Irmãos', de Jerônimo Del Grande e José Del Grande, ambos italianos, sendo o último antigo proprietário do Hotel do Globo.ººººº

Em 1884, o Sr. Giovani Cavallin vende, ao Sr. Emílio Fonetti, o hotel denominado 'Itália'.ººººº Por fim, em 14 de outubro de 92, tem-se notícia de um lento banquete fornecido a cidadãos italianos, para festejar o 4º centenário da descoberta da América, nas dependências do Hotel Federativo.

Mesmo não se possuindo todas as datas relativas ao início e fim dos empreendimentos hoteleiros, é possível afirmar que, durante as décadas de 80 e 90 do século XIX, simultaneamente, funcionavam em Pelotas, no mínimo, cinco hotéis pertencentes a italianos: o Hotel Aliança, o Garibaldi, o 'Brazil', o Piemonte e o Itália. Ou seis, se fosse possível prever a nacionalidade do proprietário do Hotel Federativo, isto sem contar o Hotel do Comércio, que passa ao Sr. Francisco Gigante, em junho de 1890.

A existência desse significativo número de hotéis pertencentes a italianos, somado a uma localização privilegiada, ou seja, a zona central de Pelotas, apontam novamente para a característica urbana das atividades desempenhadas por esses estrangeiros em Pelotas. Mais do que lugares para se passar a noite, os hotéis

ºº CM, 1/6/1882.

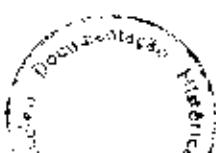
ººº CM, 26/9/ 889.

ººº CM, 18/6/ 890.

ºººº CM, 21/10/1885.

ººººº Clube Comercial do Brasil, contrato nº 2038. Atualmente a Ed. São De Cícero está no local do antigo 'Hotel Brazil'.

ººººº CM, 1/6/ 884.

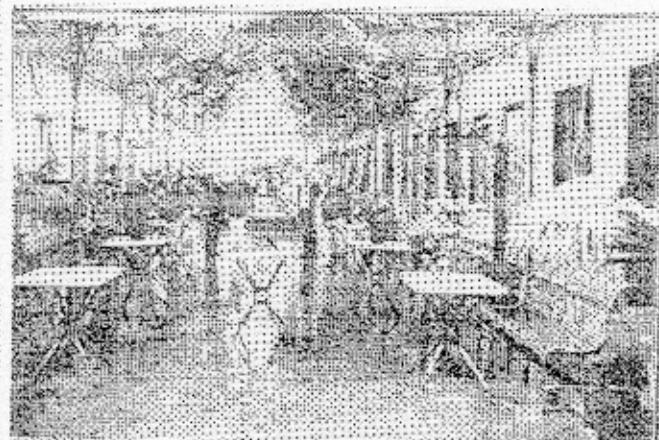


transformaram-se em pontos de encontro, restaurantes e cafés, além de escritórios de muitos negócios. Do Hotel Aliança, Santiago Prati fazia seu ponto de venda de 'frutos do país', produtos que cruzavam a Campanha em grandes carretas, além de comercializar, ali mesmo, vinhos, queijos, os famosos 'Chocolates Mcnier', presuntos, 'Biscuitos Franceses', frutas cristalizadas e até mesmo gelo.

Nesses hotéis, alguns conterrâneos recém chegados da Itália ou de outras províncias e ainda não ocupados, encontravam abrigo seguro enquanto aguardavam oportunidades. Nesses hotéis, o '20 de Setembro', data máxima da nação italiana, tinha comemoração certa. Eram banquetes e reuniões, planejamentos e discussões que uniam a comunidade italiana e auxiliavam na formação de uma identidade cultural. A peculiaridade quanto à propriedade de diversos hotéis na cidade por parte de elementos italianos, não permite, portanto, que se estranhe a fundação, em 1873, da primeira sociedade italiana pelotense, a 'Unione e Philantropia', nas dependências do Hotel Aliança.



Anúncio do Hotel 'Brazil'
(Álbum Pelotense, 1922)



Jardim do Hotel Aliança
(Álbum Pelotense, 1922)

Capítulo 4: Atuação Cultural

ATUAÇÃO CULTURAL¹

No último quartel do século passado, Pelotas assistiu a inúmeras realizações culturais patrocinadas pelo elemento estrangeiro. Estas iam desde a fundação de sociedades de natureza benéfica ou esportiva até a atuação de mestres na formação da juventude pelotense.

Presente no processo de modernização da cidade, o elemento estrangeiro, em especial o europeu, atuou como um referencial de urbanidade numa sociedade ávida por 'europeização', uma vez que "se 'europeizar' funcionava como um mecanismo para se diferenciar do meio rústico e rural".² Por outro lado, a participação em atividades culturais foi uma das formas encontradas pelo alienígena para promover seu processo de integração à sociedade local.

Estrangeiros e ação associativa

Em 1884, ao noticiar o surgimento de uma sociedade francesa de socorros mútuos em Pelotas, assim se expressava o Correio Mercantil:

¹ O termo 'cultura' suscita grandes problemas de definição. Anteriormente ligada essencialmente a arte, literatura e música, este termo tem suas utilizações substancialmente ampliadas. Isto é, autores como Roger Chartier, Natalie Davis e Peter Burke, recorrem a uma interpretação mais antropológica, utilizando o termo para referir-se a "aquele tipo que cede ter aparecido em uma certa sociedade como comer, beber, falar, silenciar e assim por diante" (Burke, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Os Livros, 1989, p. 25). Para esse autor, nortear-se a interpretação dos historiadores acima citados, no entanto, admite-se que, mesmo nelas, tal interrelação permitir a inserção de códigos ou noções subyacentes à vida cotidiana, este tipo de análise não foi privilegiada.

² CIRQUEIRA, Rinaldo Vargas; GUZAR, Lembrodas Antônio. "Os cênicos do final do século XIX e os tricôs no século XX e o quotidiano de Pelotas". In: *História em revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica do UFPB, v. 1, setembro de 1994, p. 37.

"Em todos os países possíveis como a nossa, onde avalia o elemento estrangeiro, este deve congregar-se intensamente com entidades comuns económicas ou sociedades de socorros mútuos, da onde, em caso de necessidade, cessem de ser os meios para viver e resistir às adversidades que sempre aparecem".¹

Longe da terra natal, num país hospedeiro onde o Estado era omissso quanto a aspectos sociais básicos como educação, assistência à saúde e amparo à velhice, era natural que os alienígenas buscassem a ação associativa como forma de prevenção contra adversidades. As associações de elementos de uma mesma nacionalidade se materializavam, em especial, através da criação de sociedades benéficas e de auxílio mútuo, mas também esportivas, literárias e educacionais, onde o estrangeiro, além de labutar por objetivos concretos, participava da elaboração de uma identidade cultural simpatizante.

Sob a chancela dessas entidades, a cidade transformou-se em palco de atividades representativas de um universo cultural ríco e variado. Contando, na segunda metade do século XIX, com entidades associativas de diversas etnias, Pelotas abrigou, entre outras, iniciativas musicais de grupos italianos, esportivas de cidadãos alemães, benéficas de associações portuguesas e patrióticas de comunidades francesas, consolidando o estilo cosmopolita da cidade no período. Determinados meses do ano caracterizavam-se por uma expressiva atuação das sociedades estrangeiras radicadas em Pelotas, em especial as italianas, francesas e portuguesas. Nos meses de setembro, os italianos comemoravam a unificação italiana, nos meses de julho, o dia 14 não passava desapercebido pelos franceses e, nos 1º de dezembro, os portugueses festejavam a restauração monárquica. Os jornais noticiavam as festividades, que variavam de seletas e íntimas reuniões a grandes desfiles pelas ruas, com direito a fogos de artifício, batismo de estandartes e calorosos discursos, onde o orador estrangeiro enaltecia a pátria natal e bendizia o país hospedeiro.

Em 1892, o Correio Mercantil de Pelotas anunciou o programa das festividades promovidas pela 'colônia italiana' em homenagem a unificação:

"Continuarão hoje as festas da colônia italiana em honra à data de 20 de Setembro e que foram iniciadas ontem com o baile realizado nas salas das sociedades italiane".

O programa que será executado hoje é o seguinte:

Às 10 horas de dia, saíra de 9º Uros à bandeira italiana em frente ao edifício das sociedades reunidas, e em seguida saudação para Banda Bela ao Sr. Vice-Cônsul de Itália.

As 11 ½ horas da manhã, reabertura e saída do estandarte da sociedade musical reunida, cujos membros se apresentarão trajando o uniforme nos oficiais militares italiani.

¹ CM, 207/387.

² Refere-se a Sociedade Unida e Mertenope e Circo o Gatozzi Reunidas.

A 5 horas da tarde, sessão solene comemorativa no edifício das sociedades reunidas, onde se organizará a noite gala patriótica que saírá às 7 horas, em "marche aux armées", com a bandeira nacional à frente, ostentando as principais ruas da cidade.

As festas concluirão com um grande serão, às 9 horas da noite, no Hotel Aliança, e para o qual foi convocada a imprensa.¹⁵

Os portugueses não ficavam atrás, veja-se o programa das festividades para comemorar o Iº de dezembro em 1897:

"Às 4 horas da madrugada salva de 21 tiros de bombas reais e uma gíroncia. Música de Bandeira e música em frente ao edifício social. Ao meio-dia salva de 21 tiros, gíroncia e música no concerto armado em frente ao edifício. Às 6 horas da tarde sessão solene e posse do novo diretorio (...). Acabado o encerramento da sessão será servido aos presentes lanche com doces e liquídos. A quadra estará emparcerada, e no concerto tocasié o mais belo canto do dia."¹⁶

Apesar de distantes de seus países de origem, os estrangeiros continuavam ligados a eles por fortes laços de subordinação, veneração e por afetos familiares. Através das entidades coletivas organizadas, o contato com a pátria mãe e a atuação frente a episódios de repercussão internacional tornava-se mais fácil, propiciando, àqueles estrangeiros envolvidos, um reforço positivo no íntimo de suas cidadanias enfraquecidas. Assim, em 1878, a comunidade francesa pelotense compadeceu-se da morte de Thiers; em 1883, a comunidade alemã da cidade uniu-se na tentativa de amenizar o sofrimento das vítimas das inundações e do inverno cruel que abalara a Alemanha naquele ano; em 1890, os portugueses em Pelotas fizeram subscrições e angariaram fundos para serem remetidos a Portugal, caso houvesse um conflito com a Inglaterra (questão da Zambesia); e, durante o ano de 1898, a 'colônia espanhola' mobilizou-se na formação de uma 'Liga Patriótica' para angariar donativos a serem enviados ao governo da Espanha, que se encontrava em guerra com os Estados Unidos.

Tais sociedades mostraram-se também como importantes espaços políticos, onde a hierarquia social, influenciada por padrões capitalistas, auxiliava na projeção dos bem sucedidos elementos estrangeiros na cidade. Santiago Prati, membro fundador, diretor e ativo integrante da 'Sociedade Italiana Unione e Philantropia', era co-proprietário do famoso Hotel Aliança; Carlos Ruelle, por vários anos integrante da diretoria da 'Société Cosmopolite de Socorros Mutuos L'Union Française', foi importante industrialista

¹⁵ CM, 90/9/1392.

¹⁶ CM, 1/1/1897.

pelotense; Felix Coufal, proprietário da loja de modas e fazendas 'A Triunfante', foi, por vários anos, presidente da 'Sociedade de Beneficência Alemã'.

Forte indicativo a respeito da importância política dessas sociedades encontra-se nas acaloradas disputas internas pelo poder entre as diversas facções existentes no seio das sociedades italianas. Tais disputas foram tão intensas que, por várias vezes, extrapolaram o recinto social estourando nos jornais.⁷

A primeira grande realização coletiva de integrantes de uma mesma nacionalidade em Pelotas foi, em sintonia com as raízes históricas da colonização portuguesa no Brasil, a criação da 'Sociedade Portuguesa de Beneficência', em 1857. No mesmo ano, de forma mais modesta, formou-se a 'Sociedade de Beneficência Alemã'.⁸ Na década de 70, surgiram a 'Sociedade Italiana Unione e Philantropia' (1873)⁹ e o 'Club de Tiro', formada por alemães (1876).¹⁰ Os franceses iniciaram sua atividade coletiva organizada com a fundação da 'Société Cosmopolite de Socorros Mútuos L'Union Française', em 1884.¹¹

Além destas identificou-se as seguintes:

Portuguesas: em 1882 a 'Caixa de Socorros Mútuos Marquez de Pombal'¹² e, em 1895, o 'Congresso Portuguez'.

Alemãs: o 'Club Germania', ao que parece, surge na década de 80, e, funcionando junto ao 'Club Alemão de Gymnastica', da qual não se tem data de fundação, o 'Club de Regatas Alemã', inaugurado em 1898.¹³

Italianas: 'Sociedade de Socorros Mútuos Círculo Garibaldi', em 1883;¹⁴ 'Sociedade 20 de Setembro', em 1891;¹⁵ 'Sociedade Unione e Philantropia e Círculo Garibaldi Reunidas', em 1885;¹⁶ 'Sociedade de Socorros Mútuos Cristoloro Colombo' e

⁷ Exemamente violentos foram os desentendimentos os 1870 e 1896, que resultaram em reclusões, exclusões e na organização de grupos dissidentes. Nesses oportunitades, as facções discordantes levavam a roupa seja em cílico¹, não ocupando termos vexatórios com os quais se agrediam, como 'laranjas-pretas', 'robes', 'tetas-verdes', 'coisa', 'homem nos olhos', etc.

⁸ CM, 9/1/1894

⁹ CM, 4/1/1875.

¹⁰ CM, 30/3/1876.

¹¹ CM, 9/7/1884. O CM, de 29/1/1892, e o de 12/8/1892, anunciam a existência de uma 'Sociedade italiana de Beneficência', de que não se dá nome.

¹² CM, 23/4/1889

¹³ A Opinião Pública, 26/9/1895

¹⁴ CM, 3/6/1883.

¹⁵ DR, 9/1/1891.

¹⁶ CM, 27/1/1885

'Sociedade Choral Italiana', ambas em 1892;¹⁷ 'Sociedade Italiana Corale Savoia', identificada em 1895,¹⁸ e 'Sociedade Unione e Benevolenza', em 1899.¹⁹

Por fim, foi possível identificar a formação da 'Sociedade de Socorros Mútuos entre Orientais', no ano de 1897,²⁰ e sua liquidação em 1900.²¹

Apesar dos alemães terem se antecipado cronologicamente frente aos italianos na formação de uma entidade associativa, é extremamente significativa a ausência de informações a respeito das atividades coletivas dos primeiros nos jornais pelotenses da época, em especial nas décadas de 70 e 80. Por outro lado, inúmeras são as chamadas jornalísticas e intensas são as realizações sociais postas em prática pelos elementos das entidades italianas surgidas no período analisado, o que demonstra que, apesar do mérito cronológico beneficiar os alemães, é dos italianos a maior expressão quanto às atividades coletivas de elementos estrangeiros não portugueses em Pelotas no último quartel do século passado.

Quanto ao teor das atividades postas em prática pelas entidades identificadas é interessante observar que, excetuando representantes alemães e italianos, todas as outras entidades coletivas de elementos estrangeiros eram voltadas principalmente ao auxílio mútuo. Apesar de não se descuidarem da segurança para o futuro, os alemães foram capazes de investir em atividades alternativas, principalmente esportivas, daí o surgimento do 'Club de Tiro', do 'Club Alemão de Gymnastica' e do 'Club de Regatas Alemão'.²² Por sua vez os italianos investiram muito em entidades artísticas como a 'Sociedade Philo-Dramática Italiana Dante Alighieri', a 'Sociedade 20 de Setembro', a 'Banda Bellini', a 'Sociedade Choral Italiana' e a 'Sociedade Italiana Corale Savoia'.

Foram também representações italianas e alemãs as únicas a investirem em educação. Em 1877, foi inaugurada a 'Escola Pública Italiana', iniciada pelo ilustrado Sr. Mazzolini e pelos cidadãos italianos Sr. Vicente Gentilini, Pascoal Falche e Jeronymo Canevaro.²³ Em 1884, nas dependências do 'Círculo Italiano Garibaldi', passou a funcionar uma escola noturna de primeiras letras para os associados e seus filhos, sob a direção de Carlos Cantaluppi, e, em 1887, tem início a 'escola gratuita para filhos de

¹⁷ CM, 3/9/1892 e 9/10/1892.

¹⁸ CM, 21/1/1895.

¹⁹ A. Opinião Pública, 7/1/1899.

²⁰ A. Opinião Pública, 23/1/1897.

²¹ Conforme A Opinião Pública, 9/3/1899 e CM, 2/9/1900.

²² O Clube Germânia localizou, em 1890, um teatro particular onde encadres se apresentavam, à sua vez, os mesmos. Conforme DP, 15/19/1890.

²³ CM, 16/3/1877.

'italianos', localizada na sede da 'Sociedade Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas'.²⁴ Em 2 de outubro do referido ano, no mesmo local, é estabelecido o 'Curso Noturno', sob a direção do Prof. Antonio Lorenzini, visando favorecer aqueles que, mesmo tendo os dias preenchidos pelas mais variadas atividades, ainda buscavam a instrução.²⁵ Tais cursos permaneceram funcionando durante todo o período em estudo, sob a direção de professores como José Marcchiaro, José Sgrillo, Luigi Garbini e Antonio Lorenzini.

Quanto às iniciativas educacionais postas em prática por elementos alemães, estas foram bem mais modestas e iniciaram somente em 1899, quando do surgimento de uma 'Escola Alemã' para ambos os sexos, mantida por uma associação de elementos alemães. Participavam desta entidade associativa, entre outros, os srs. Hans Kuhne, Guilherme Sauter, Luiz Carlos Bernhardt, Frederico Jacob Ritter, e o pastor W. Naunann, "teólogo e inteligente educationista", que atuava como diretor da escola.²⁶

'Unione e Philantropia'

A análise realizada nos jornais pelotenses do último quartel do século XIX permitiu que se identificasse uma intensa atividade socio-cultural posta em prática pela 'colônia italiana' radicada na cidade. Não raro era a publicação de anúncios, avisos e convites provenientes muitas vezes de diretorias ou grupos designados pelas sociedades italianas, sempre presentes no processo de desenvolvimento da cidade.

Pelotas chegou a contar com o surpreendente número de três entidades associativas italianas, funcionando concomitantemente. Entre os anos de 1883 e 1885, representavam os filhos de Itália a 'Sociedade Unione e Philantropia', a 'Sociedade Unione e Philantropia (primitiva)' e a 'Sociedade de Socorros Mútuos Circolo Garibaldi'; na década de 90, pode-se identificar a atuação da 'Sociedade 20 de Setembro', da 'Sociedade Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas' e da 'Sociedade de Socorros Mútuos Cristoforo Colombo', isso sem mencionar-se as entidades artísticas como a 'Sociedade

²⁴ OM, 18/9/1881.

²⁵ OM, 2/10/1881.

²⁶ A Opinião Pública, 19/12/1898.

'Philo-dramática Dante Alighieri'²⁷ inserida no primeiro período, e a 'Sociedade Choral Italiana' e a 'Sociedade Corale Savoia', no segundo.

Formalmente podemos afirmar que a primeira entidade associativa pelotense composta por elementos italianos e com objetivos de promover a união e beneficência destes foi a 'Unione e Philantropia', inaugurada em 01 de outubro de 1873, no Hotel Aliança, tendo como baluartes desta formação, entre outros, Gaetano Gotuzzo e Santiago Prati.²⁸ Grifou-se o 'formalmente', pois a entidade resultante do trabalho e inspiração dos elementos reunidos naquele dia não transformou-se na legítima sociedade aprovada pelo Presidente da Província e pelo Cônsul Geral da Itália pelo ato número 1056, de 4 de maio de 1877.²⁹ Isso se explica pelo fato de, em 12 de setembro de 1875, por motivos não identificados, os sócios fundadores, Vicente Gentilini, Pascoal Falche (vice-presidente) e Jeronymo Canevaro (tesoureiro e Agente Consular da Itália em Pelotas) terem sido expulsos da Sociedade,³⁰ o que gerou intensas discussões no seio da comunidade italiana pelotense, resultando na formação de dois grupos opositos em opiniões quanto à justiça ou não daquelas expulsões.

Em 9 de outubro de 1875, através do Jornal do Comércio, Felige Migheli Rusano comentou a expulsão em duros tons:

"O abaixo assinado, Felige Russo", membro desta sociedade, soube, com grande pesar, que na sessão de 12 do mês próximo passado foram expulso de nossa grandiosa e benéficiente associação os nossos conselheiros, cariocas e bem conselhos Srs. Jeronymo Canevaro, Pascoal Fliche e Vicente Gentilini (...)

Este ato é tão revoltante, indigno de tal maneira os bons sócios, que, sem uma reacção ou sampaio de alguma preferencia, que se achasse indecente de existir adiante, a nossa querida instituição terá imediatamente de cair, porque nenhum sócio de bom senso se sujeite as esnadas feitas e exequidas com meio ofício de analfabetos, que só acham conforto na infâmia e medo as coisas na perda".³¹ ³²

Quatro dias depois, respondendo ao artigo acima transscrito, escreveu Angelo T. Taddei.

²⁷ A Ortez reunia os beneficiados em seu leito próspero, à Rua São Miguel. Possuía 9 ordens de camarotes, com assentos incluídos de clamoroso de algodão verde e branco e havia na pista essaço com 80 caixas. O peró de bicos ("cintado" por Frederico Treboli, e, segundo o Correio Mercantil em 93/9/1884, até aquela data era a única entidade da sua gênero que dirigia tal progresso).

²⁸ CM, 1/7/1873.

²⁹ CM, 13/5/1877, 15/5/1877 e 10/4/1878.

³⁰ CM, 30/11/1875.

³¹ Alusão a Caetano Giacoboni, cozinheiro do Hotel Aliança, transformado em conselheiro da 'Sociedade' por auxiliar Prati na discussão das expulsões.

³² JC, 9/10/1875.

"Eis a verdade: - Tendo os Srs. Gentili, Carevam e Felche se portado mal, ou antes, para momente, com os sócios da dita sociedade, particularmente cara com seu presidente, enteodem a miseria dos sócios que devem ser expulsos os mesmos señores; (...) tudo por sóarem báculos à mais sórdida das pelejas - A UNIÃO (um deles quicô emouchar o castão de charo, não teruo para isso os atributos necessários e nem a simpatia dos sócios da Unione e Philantropia)." ³³

As acaloradas discussões através dos jornais se desdobraram por vários dias, resultando, por fim, na cisão da Sociedade e na formação de uma outra, que conservou a mesma denominação e que se identificava como 'Unione e Philantropia (dissidente)'. É esta sociedade dissidente que irá se registrar, em 4 de maio de 1877. É esta, também, que irá adquirir, em 14 de agosto de 1877, um terreno, situado à rua 16 de Julho (atual Cassiano), próximo à Sta. Casa de Misericórdia, com 47 palmos de frente por 148 de fundos, para construir a sede da Sociedade, terreno este que hoje pertence ao Consulado Italiano e é utilizado pela Sociedade Italiana de Pelotas.

Em 10 de abril de 1878, o presidente da então 'Sociedade Unione e Philantropia', antiga dissidente, através das páginas do Correio Mercantil, referindo-se à denominação da Sociedade, advertia que:

"(...) o cito dirigente peleou a oratoria perante o Dr. Alvaro Armeiro, Juiz-herói reboli[...] Que o grupo encabeçado por Santiago Piat, com a lura Giacomo Colazzo, foram rejeitados os estatutos de sua pacie e aprovados à Presidência da Província [sic] (...) em vista de heredito ilegítimo e indecoroso do cito grupo, que visam violar os interesses da sociedade e desrespeito às leis do Império, invoca-se a alegria os primeiros autoridades da Província para aplicação das penas e das multas que estão estabelecidas a respeito (...)." ³⁴

A partir desta data, artigos sobre a Unione e Philantropia (primitiva) raramente tornam a aparecer nos jornais.

Em três de junho de 1883, a comunidade italiana de Pelotas assistiu, na Rua Andrade Neves, a inauguração da 'Sociedade de Beneficência e Instrução Circolo Italiano Garibaldi', que tinha como objetivo "cultivar o espírito de seus membros por meio de leitura e conversações literárias e estabelecer um fundo de socorro para auxiliar os sócios enfermos".³⁵ Tal sociedade pouco tempo durou de forma independente, vindo a unir-se com a Unione e Philantropia, em 18 de outubro de 1885, formando uma só, chamada 'Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas'.³⁶ Nessa mesma ocasião, houve

³³ JC, 13/04/1878.

³⁴ CM, 10/11/1878.

³⁵ CTA, 5/5/1883.

³⁶ CM, 18/10/1885.

tentativas de uma reaproximação entre as duas antigas facções rivais da 'Unione', porém, sem sucesso. Com a criação de uma nova sociedade, resultante da fusão mencionada, os sócios deliberaram a formação de uma comissão provisória formada por Francesco Fusaro, Alberto Vignolo, Stefano Fiori, Giacomo Berta e Agostino Cariello, responsável pela elaboração dos estatutos²⁷ e de uma diretoria provisória, que resultou na eleição de:

Presidente: Alberto Vignolo
Secretário: Agostino Cariello
Tesoureiro: Francesco Fusaro
Conselheiros: Giacomo Berta e Stefano Fiori²⁸

A partir de então e até o final do século XIX, a 'Sociedade Italiana Unione e Philantropia e Circolo Garibaldi Reunidas' passou a ser a principal representante dos anseios dos filhos de Itália, em Pelotas. Patrocinadora de quase todos os eventos relacionados ao intercâmbio cultural entre italianos e a comunidade pelotense em geral tornou-se parte integrante do afã diário da cidade que crescia.

Em 19 de outubro de 1891, surgiu a "Sociedade 20 de Setembro", da qual foi membro fundador e principal atuante o professor Luigi Garbini. Tal Sociedade revelou-se um braço festivo da 'Sociedade Reunida', responsável por intensa agenda de programações culturais tendo como principal objetivo "festejar todos os anos a gloriosa data da unificação da Itália".²⁹ Da ação dos formadores da '20 de Setembro', surgiu a 'Banda Bellini', composta por amadores italianos, que passou a abrilhantar, com suas melodias, as festividades da comunidade italiana.

Em 1892, formou-se uma nova entidade de socorros mútuos entre italianos: a 'Sociedade de Socorros Mutuos Cristoforo Colombo'. A oficialização desta Sociedade aconteceu, em 16 de outubro de 1892, sob diretoria composta por:

Presidente: Frederico Guilherme Marcucci
Vice: Alberto Vignolo
Secretário: Giovanni Battaglia
Tesoureiro: Antonio Scotto

²⁷ CM, 23/10/1885.

²⁸ CM, 27/10/1885

²⁹ DS, 20/10/1891.

Orador: Carlos Cantaluppi

Diretores: Emilio Giudice, Rodolpho Astolfi, Francisco Grauderi, Giovanni Cervi, Laurino Cataldo e Domenico Mincolato.

Sete anos mais tarde a 'Cristoforo Colombo' uniu-se a 'Sociedade Reunida', formando a 'Sociedade Unione e Benevolenza', nome sugerido pelo 'Ministro Conde de Antonelli', quando de sua passagem por Pelotas.⁴⁰ Frágil, no entanto, foi a união destas duas sociedades, durando apenas oito meses.⁴¹

Pelo que se viu, conclui-se que a prática associativa foi extremamente difundida entre os italianos em Pelotas. Muito ativas, as sociedades organizavam-se com objetivos múltiplos, que iam desde auxílio mútuo até a promoção de debates literários e espetáculos artísticos.

Promovendo a integração do estrangeiro à sociedade local, as 'sociedades italianas' participavam de confraternizações e realizações em conjunto com outras entidades como, por exemplo, a participação da 'Unione e Philantropia (dissidente)' quando da formação da Biblioteca Pública Pelotense, em 1875, através de uma subscrição entre a comunidade italiana com o objetivo de angariar livros,⁴² ou a participação da 'Sociedade Reunida', em um 'brado precatório', organizado pelo Liceu Pelotense, em benefício dos desventurados carentes em luta contra a seca no ano de 1900.⁴³

Além do estímulo à integração local, preservação e formação de uma identidade cultural, estas sociedades foram palco de acirradas disputas entre facções rivais em busca de poder e influência. Grandes desentendimentos e longos ressentimentos resultavam das disputas internas. A grande quantidade e a intensidade dos conflitos registrados atestam a importância que estas entidades associativas alcançaram no seio da comunidade italiana e pelotense em geral.

⁴⁰ *A Crimina Pública*, 77/1899.

⁴¹ CMA, 19/9/1899.

⁴² CM, 97/ 1/ 1875.

⁴³ CMA, 30/9/1900.

Mestres e escolas

"Instituto fálico de instrução primária e secundária. A língua francesa será sempre falada no colégio, exceto na hora que forem consagradas em uso das outras línguas."⁴⁴

Extremamente influenciada por padrões culturais europeus, a cidade de Pelotas abrigou, durante a segunda metade do século passado, expressivo número de escolas e aulas particulares que utilizavam como tática de cooptação da clientela a origem européia de seus professores. Mesmo aqueles mestres que lecionavam a domicílio buscavam impressionar com seus predicados e antecedentes. Nesse sentido, encontramos inúmeros anúncios nos jornais pelotenses da época como, por exemplo:

"Mme. Audessau, discípula da Escola Normal de Bordeaux e depois professora do mesmo estabelecimento, querer o mto. conforme o anexo seu documento de habilitação, pertence aos srs. chefe de família que tem interesse visto nisto conceder um colégio para meus filhos, francês especializada e de outras diferentes matérias, como geografia e história, etc."⁴⁵

"O abaixo assinado, propõe-se ensinar filosofia e latim em colégio ou casas particulares (...)"

Enrico Schaeffer, professor formado pela Universidade de Strasbourg.⁴⁶

Os estabelecimentos de ensino, em sua maioria, distinguiam seus alunos por sexo, oportunizando-lhes uma aprendizagem variada, em conformidade com o porte da escola e habilidade dos professores.

Desta forma, em 1876, enquanto, Aristides Guidony organizava um curso especial de aritmética e escrituração mercantil,⁴⁷ Charles Bachelery, inaugurava "um colégio destinado aos estudos preparatórios exigidos nas diferentes academias do Império e Europa".⁴⁸ Charles Bachelery transferiu-se naquele ano de Porto Alegre para Pelotas, informando que tal se dava por ser Pelotas ponto mais central e apresentar maior comodidade ao pais de família de interior da província, cujos filhos desejavam preparar-se para os exames de preparatórios completos para as academias do Brasil.⁴⁹

⁴⁴ CM, 8/19/900.

⁴⁵ JC, 1/17/875.

⁴⁶ CM, 1/9/1863.

⁴⁷ Col. e CM, 4/1/876.

⁴⁸ CM, 25/1/1875.

⁴⁹ Idem, ibidem.

Quanto ao ensino das meninas, enquanto o saber comum aponta para um aprendizado bastante restrito, os documentos compulsados, ao contrário, demonstram a existência de estabelecimentos de ensino direcionados ao ‘belo sexo’ que apresentavam um currículo amplo e variado. Em 1876, o programa do colégio para meninas de ‘Mme. Audissou’ compreendia ‘o ensino de francês, história pátria e universal, antiga e moderna, geografia, contabilidade, escrita e noções científicas sobre os diferentes ramos dos conhecimentos humanos’.⁵⁰ O Colégio Victória, dirigido por Isabel Mac Ginity oferecia, em 1882, no curso primário: caligrafia, noções de aritmética, gramática nacional, história pátria; e no secundário: português, francês, inglês, alemão, geografia, aritmética e geometria.⁵¹

Já ‘Mme. Messeder’, em seu colégio, inaugurado em 1887, apesar de preocupar-se em dotar suas alunas de uma maior erudição nos diferentes ramos do saber, não se descuidava das obrigações a elas atribuídas pela sociedade da época, oferecendo, em seu estabelecimento, além das aulas de gramática portuguesa, francês, geografia, história, aritmética, mitologia, cosmografia, etc., também aulas de costura, trabalhos de agulha ‘úteis e agradáveis’ e “lementos de civilidade e cortesia adequados aos deveres de uma perfeita dona de casa”⁵².

O fato de ser o francês a língua estrangeira mais exigida pela sociedade da época, fazia com que os mestres franceses fossem os mais requisitados, portanto, os que mais oportunidades encontravam em seu mister. Sem dúvida, foram franceses a maioria dos professores de ensino particular que se ocuparam da formação dos jovens pelotenses, na segunda metade do século passado. Entre os anos de 1875 e 1900, foi possível se identificar os seguintes mestres franceses ou de origem francesa, atuando em Pelotas:

► Aristides Guidony: em 1875, era proprietário do ‘Colégio Francês’, de instrução primária e secundária. Aceitava pensionistas, meio-pensionistas e externos,⁵³ oferecendo aulas de ginástica, esgrima e dança. Fundou, em sociedade com Arnizaut Furtado, o Colégio Arnizaut Furtado & Guidony, que não deu certo e acabou fechando, em dezembro de 1875.⁵⁴

⁵⁰ CM, 8/1/1876.

⁵¹ Correto CM, 31/5/1882.

⁵² CM, 11/1/1887.

⁵³ CM, 11/1/875.

⁵⁴ CM, 19/3/1875. Há referências quanto à racionalidade do professor Arnizaut Furtado. Sabese que foi professor da escrituração mercantil e língua latina, entre outras, português às outras classes no Colégio Francês da Vila. Anteriormente é lhe professor do Colégio Victoria, em 1882. Correto CM, 26/4/1879 e CM, 31/5/1882.

► ‘Mme. Audissou’: proprietária do ‘Colégio Francês de Mme Audissou’, um pequeno estabelecimento onde era lecionado, em especial, o francês pela proprietária.⁵⁵

► ‘Mme. Berta Jeanneret’: proprietária de um importante colégio de meninas fundado em 1872 e que durou até dezembro de 1890.⁵⁶ Seu estabelecimento de ensino contava com professores afamados e talentosos como Bernardo Taveira Junior, Frederico Trebbi e José Henrique de Lara Ulrich. Suas discípulas além de aprenderem trabalhos de agulha, recebiam aulas de português, francês, inglês, aritmética, geografia, retórica, história universal e desenho.⁵⁷



Berta Jeaneret
(Litografia de Guilheme Stoffel. A Ventarola, 8/11/1888)

► Charles Bachelery: deixou Porto Alegre e inaugurou em Pelotas, em 1876, no sobrado do Sr. João Mendes de Arruda, no Fragata, seu ‘Colégio Francês’, que tinha o objetivo de preparar a juventude pelotense e da região para os exames preparatórios, que eram realizados na capital da Província.⁵⁸

► ‘Mme. Lamaignére’: no final da década de 70, era proprietária do ‘Colégio Francês’ e contava com o auxílio do professor Arnizaut Furtado.⁵⁹

► ‘Mme. Delouche Pineau’: detentora de diploma da Academia de Poitiers (França), em 1880, lecionava francês ao sexo feminino na sua casa e em casas particulares.⁶⁰

⁵⁵ CM, 15/7/1875 e 9/1/1876.

⁵⁶ CM, 31/12/1890.

⁵⁷ CM, 6/1/1876.

⁵⁸ CM, 25/1/1876.

⁵⁹ CM, 10/9/1878 e 26/4/1879.

⁶⁰ CM, 15/5/1880.

► Eduardo Wilhelmy: professor especializado na Alemanha, foi diretor do Colégio Osorio, fundado em 1880, onde aboliu os castigos corporais e usou, "pela primeira vez, utensílios pedagógicos como o 'contador mecânico', as 'letras movediças' e o 'relógio (...)'" e onde "os alunos pensionistas, de modo moralizador, participavam das mesmas refeições que o diretor e sua família, comendo em conjunto".⁶¹ Foi também professor do importante 'Colégio Comercial', onde, em 1886, em anexo, foi inaugurada uma escola de meninas, sob direção da professora D. Angelina Kleyn, habilitada nos melhores institutos da Alemanha e Bélgica e coadjuvada pela Sra. Cecília Wilhelmy.⁶²

► Affonso Emílio Massot Missimi: professor de francês e matemática, fundou, em 1875, o colégio denominado 'Curso Racional'.⁶³

► Irmãos Afonso Emílio Massot e Luís Carlos Massot: em janeiro de 1886, estabeleceram o 'Colégio Evolução', fechado em 1893, quando do início da guerra civil. Foi um dos mais importantes estabelecimentos de ensino do período, onde lecionaram, entre outros, Frederico Trebbi, Carlos Laquintinie, Dr. Miguel Barcellos e Cassiano do Nascimento.⁶⁴ Além do Colégio Evolução, foram também proprietários do 'Externato Nacional', um colégio para meninas fundado em 1º de fevereiro de 1890, onde lecionavam Antonia Rochefort e Josefina Laquintinie Queiroz. Luiz Carlos Massot foi também, durante muitos anos, 1º notário do Cartório de Registros Gerais de Pelotas.

► 'Mme. Messeder': aprovada pelo Conselho Diretor da Instrução Pública de Paris, abre, em 1887, um colégio para meninas, à Rua do Imperador, nº 200, onde recebia pensionistas e externas. Era coadjuvada por 'peritos professores' e por suas filhas. Uma delas, discípula do Conservatório de Paris, lecionava piano, em sua casa ou em casas particulares.⁶⁵

► Camilo Tarnac: professor e guarda-livros, natural de Bordeaux, França. Faleceu, em 1891, com 43 anos, quando estava "em véspera de voltar à França, sua pátria, e recolher a herança que lhe legara sua finada mãe".⁶⁶

► Carlos André Laquintinie: fundou, em 1864, o Colégio São Francisco de Paula,⁶⁷ foi professor do Colégio Evolução⁶⁸ e do Atheneu Pelotense.⁶⁹

⁶¹ OSORIO, Fernando Luis. *A cidade de Pelotas*. 2º edição, RJ, PDA, SP, Editora Guan. 2ª ed., 1969, p. 163.

⁶² CM, 27/10/1886. Observa-se através dos jornais que em 1896, o Colégio Comercial de Eduardo Wilhelmy ainda existia.

⁶³ CM, 17/1/1854.

⁶⁴ Confirme CM, 22/4/1887.

⁶⁵ Sua filha Iolanda Alvar e Adelida de Messeder.

⁶⁶ DE, 25/2/1891, s/n A Folia, 95/2/1891



► Henriqueta Garréau: diretora do Colégio Gama.⁷⁰

► "Mine. Grima": lecionava francês e piano em casas particulares.⁷¹

Tais professores, no entanto, não monopolizaram totalmente o ensino na cidade, havendo algum espaço para representantes de outras nacionalidades.⁷² Assim, em 1875, encontra-se no Jornal Correio Mercantil, notícia do falecimento de Eugenio Venderay, de nacionalidade Belga,⁷³ professor do famoso Colégio Reis, que se proclamava o mais antigo colégio da cidade. Thomas King⁷⁴ e João Benzon,⁷⁵ na década de 70, lecionavam a língua inglesa; Roberto Grant, em 1875, foi diretor da Lyra Pelotense, além de professor de música, piano e canto;⁷⁶ e Miguel Slocker, em 1881, possuía um curso de música onde, de forma arrojada e avançada, ministrava aulas de "canto, coral e instrumental a alunos de ambos os sexos sem distinção de cor".⁷⁷ Pode-se ainda mencionar o espanhol André Melá, músico e regente da Sociedade Musical Santa Cecília;⁷⁸ Henrique Kratz, professor de piano⁷⁹ e os professores portugueses ou de origem portuguesa, Bibiano de Almeida, Fernando Pimentel, Taveira Junior e João Afonso Correia de Almeida.⁸⁰

Quanto aos italianos identifica-se uma singular relação destes com a arte musical. Na década de 80, o violinista Roberto Stella lecionava em casas particulares;⁸¹ Rufino Bidaola era professor de piano e canto⁸² e Edoardo Finardi ensinava piano em escolas ou casas particulares.⁸³ Em 1894, Salvatore Riso era maestro do Club Beethoven.

⁷⁰ OSORIO, Fernando (ib. op. cit., p. 152).

⁷¹ CM, 28/4/1887.

⁷² CM, 9/1/1890.

⁷³ A. Discutir, 1/7/1881.

⁷⁴ CM, 9/5/1900.

⁷⁵ Deixou a escassa de fortes contínuos que informasse a nacionalidade dos elementos envolvidos na educação educacional em Pelotas, notou-se, neste momento, por privilegiar aqueles elementos que originariamente se tem esperado, no entanto, para não perder a objectividade da tarefa, deixou publicadas somente as factos comprovados, resguardando na não explicitação da nacionalidade de alguns dos elementos aqui citados.

⁷⁶ CM, 6/1/1875.

⁷⁷ CM, 13/7/1873 e 25/5/1877.

⁷⁸ CM, 21/3/1875.

⁷⁹ CM, 12/6/1875.

⁸⁰ CM, 13/9/1881.

⁸¹ CM, 26/4/1876.

⁸² CM, 21/7/1876.

⁸³ MACALHÃES, Mário Osório. *Ocupações e Cônjuges na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 9^a edição, Pelotas, EdUFSC, Coleção Maria Moreira, 1993, p. 929.

⁸⁴ CM, 3/7/1884.

⁸⁵ CM, 3/10/1888.

Com grau superior obtido na cidade de Palermo, lecionava piano e canto,⁵⁴ transformando-se, a partir de 10 de outubro de 1900, em crítico musical do 'Diário Popular'.⁵⁵ E, em 1895, Eduardo Cavalcanti ministrava aulas de violino e bandolim.

No entanto, é Luigi Garbini o mais ativo dos italianos envolvidos em atividades musicais da antiga Pelotas.⁵⁶ Participante de um grupo lírico itinerante, "aplaudido pelas mais cultas platéias do mundo",⁵⁷ o barítono, ao apresentar-se em Pelotas, na década de 90, resolveu demorar-se um pouco mais, na intenção de dar algumas lições de canto aos amadores pelotenses.⁵⁸ Encontrou, então, propício ambiente de trabalho, uma elite pelotense disposta a pagar por ensinamentos musicais, tão em conta na época, e uma comunidade italiana há muito formada e organizada. Em companhia de sua esposa, D. Elvira Garbini, não mais deixou Pelotas, transformando-se em incansável patrocinador da arte musical entre os italianos e a comunidade pelotense em geral.

Durante a década de 90 do século passado, reforçando a singular participação dos italianos residentes na zona urbana de Pelotas nas atividades musicais, envolveu-se na formação da 'Sociedade Choral Italiana', da 'Sociedade Italiana 20 de Setembro', da qual foi presidente por vários anos, e da Banda Bellini, além de trabalhar como professor na escola das 'Sociedades Reunidas' e participar ativamente da Filarmônica Pelotense⁵⁹ e do Club Beethoven,⁶⁰ tradicional e aristocrático clube musical da cidade.

Cercado dessas instituições, Garbini teve oportunidade de levar aos pelotenses inúmeros e diversos espetáculos musicais, onde confraternizavam elementos de várias nacionalidades, unidos por um sentimento comum de amor à arte, como exemplifica a notícia a seguir:

"No Teatro Sete de Abril, a 23 do corrente, realiza-se o segundo grande concerto anual organizado pelo professor barítono Garbini, com a execução de suas obras. Até dia 25, a

⁵⁴ CM, 16/9/1894 e 7/1/1900.

⁵⁵ CM, 17/10/1900.

⁵⁶ Luigi Garbini foi também vice-consul da Itália em Pelotas, assumindo o cargo no ano de 1891.

⁵⁷ CM, 8/7/1890.

⁵⁸ CM, 8/7/1890.

⁵⁹ Participavam da Filarmônica Pelotense, entre outros, na década de 90: Elvira Garbini, Amaro Lorenzini, Isidoro Verone, Giovanni Ratto, Giuseppe Cicali, Vincenzo Ratti, Taquiro Scipionezzi, Elmo Simionelli, Alfonso Caugno, Raffaele Lucchetti, Giuseppe Sarter e Francisco Brienza. CM, 26/7/95.

⁶⁰ O Club Beethoven reunia, em seu quadro social, representantes da elite da época. Além do professor e maestro Garbini, confirmado a presença singular dos elementos italianos e seus descendentes nas manifestações musicais da Pelotas do século passado, encontramos os maestros Salvatore Ratto e Eufônio Cavalcanti, os meninos de Imília Beruti - S. Pedro Beruti (clarinete), Anderson Beruti (marimbola) e Jerez Beruti (violino) - Jorge Gulinazzo, Carlo Carruccio, Michel Delphire, Alfredo Vigore, Alexandre Bacchini, Alberto Vignoli, Rodolino Avraf, José Machado, Artur Fumagali, Alberto Del Gierue, Enrico Giudice, João Del Gierue, Umberto de Fabris e a Sra. Rose Genolini de Fausti. Dados retirados do programa do concerto de sâojo que se realizou nos salões do BPD em 32 de setembro de 1894. Museu do BPD, não catalogado.

Banda Musical deliri, a Sociedade Choral Itaiara e o popular Clube Beethoven. Esta festa artística, pelos elementos que nela entram, e pelas composições a serem executadas, vai ser o primeiro que nesse gênero se tem realizado em Pelotas. Tomarão parte nela mais de 20 pessoas (...) Ia-se ao ouvir a solo, em todos escolhidos como todo o primor, as Exmas. Sess. D.D. Fabrício Mazzie, Amélia Meirel, Vilim Camões, Conceição Scortto, Antônio Góesco, Leonídia Pereira e Luiz Gatti.

A Sra. Messedore, professora de canto, executará com algumas de suas discípulas a sinfonia a 8 mãos da ópera Zampa. O Sr. Dr. Francisco Pellec executará um trecho musical ao violino. Como se está vendo, o programa não pode ser melhor esculhido e, em Pelotas, não nos lembramos de outro organizado com tão importantes e variados elementos. (...)"⁹¹

Pintores e fotógrafos

Os artistas plásticos que labutavam em Pelotas no último quartel do século passado, para sobreviver ocupavam a maior parte de seu tempo ensinando sua arte em cursos próprios de pintura e desenho ou em escolas particulares e, em especial, na confecção de retratos a óleo. Quanto a esse últimos,

'Eram sobretudo as entidades, as assistências sociais que se encarregavam de encorajá-los, com o objetivo de honraregizar os seus maiores herdeiros. Mas, de resto, manutinha a moda da época que os cidadãos mais respeitáveis' (...) se fizessem retratar, quase sempre individualmente, que faziam retratar também os membros da sua família e até os entrelaçamentos (...) São as salas da Biblioteca, os salões de honra da Serra Cosa, da Beneficência e no Fólio de Città os lugares públicos, em Pelotas, onde se encontram em maior número esses retratos.'⁹²

Exetuando um número significativo de artistas itinerantes que temporariamente se estabeleciham na cidade em busca da 'proteção do público em geral', foram dois o pintores profissionais a atuarem de forma regular em Pelotas: o italiano Frederico Trebbi e o espanhol Guilherme Litran. Pode-se citar também o italiano Giovanni Falconi, que permaneceu em Pelotas alguns anos, passando depois a atuar em Porto Alegre.

Quanto aos fotógrafos, identificou-se quatro profissionais trabalhando em Pelotas de forma regular: Carlos Serres, Baptista Lhullier, Augusto Amoretti e Jorge Wetzel. Estes 'artistas' também sofriam a concorrência de elementos itinerantes.

⁹¹ CM, 11/07/892.

⁹² MAGAdu ÁS, Mário Oscar, *Ocupação e Cultura*, op. cit., p. 203.

Frederico Alberto Crispin Francisco Arnoldi Trebbi nasceu em Roma, a 22 de maio de 1837. Estudou desenho e pintura na Academia de Belas-Artes de Roma, foi homem de negócios e, por vezes, fotógrafo. Entre os anos de 1858 e 1864 residiu no Chile, na Argentina, no Uruguai, Bolívia e Paraguai.⁹³

No Brasil, em fins de 1869, visitou a localidade de Mostardas, onde travou relações com a família Parasita e contraiu matrimônio com a filha do casal.⁹⁴ Em 1870, chegou a Pelotas. Dez anos mais tarde montou seu ateliê de pintura onde, além da confecção de suas obras, também preenchia seu tempo ensinando a representantes da sociedade pelotense a “difícil arte de desenhar e dar cor”.⁹⁵

Segundo a historiadora Heloisa Assumpção Nascimento:

“Treibl desenvolveu ali [em seu ateliê] o seu amor à natureza e à escultura. Na verdade, iniciou-se em 1870, época de sua viagem para Pelotas, até os primeiros anos deste século, ou seja, 1991. Seu método de ensino consistiu, a princípio, em trabalhos de cópia. Depois que seus alunos adquiriram ciência desse exercício plástico, seis com eles, pôde que pincelasse da natureza.”⁹⁶

Dentre seus discípulos, que foram muitos, deve-se citar Leopoldo Gotuzzo, o que mais se salientou, estudando depois na Europa e fazendo brilhante carreira artística neste século.⁹⁷

Treibl exerceu o magistério no colégio de Mine. Messeder, na década de 70, no Colégio Evolução, dos irmãos Massot, e “ocupou com proficiência a cadeira de desenho da Academia de Comércio de Pelotas”.⁹⁸ Igual função desempenhou no Colégio Pelotense, cujo quadro docente deixou por aposentadoria.⁹⁹

Em 4 de novembro de 1891, o Diário Popular, registrou em suas páginas a abertura, para o ano de 1892, de “um importante curso de pintura para o belo sexo”, ministrado por Frederico Trebbi, informando que o artista, há 20 anos residindo em Pelotas, estava “por demais recomendado à estima e proteção públicas, por seu talento e

⁹³ Conforme DAMASCENO, *Artes. Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Gobba, 1971, p. 290.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. *Nossa cidade era assim Pelotas*, no: *Livro do universo*, 1989, p. 335.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 335,336.

⁹⁷ Leopoldo Gotuzzo era filho de Cecília Cotuzzo, ex-proprietária do almeado Hotel Aliança. Nasceu em 2/4/1867 em Pelotas e faleceu em 11/1/1933 no Rio de Janeiro. A década de 20 desse século foi o período áureo de sua carreira. Foram também discípulos de Trebbi: Ipolita Teixeira Assumpção, Maria Francisca Mendonça de Assumpção, Maria Joséia Mendonça, Maria M. Pereira, Alice Wiering e Noemi Azevedo. Conforme DAMASCENO, *Artes* op. cit., p. 222.

⁹⁸ DAMASCENO, *Artes* op. cit., p. 299.

⁹⁹ *Ibidem*.

qualidades apreciáveis". Naquela época, Trebbi lecionava desenho geométrico, ornato, perspectiva aérea e linear, desenhos de figuras e anatomia externa, paisagens, composições, estética, aquarelas sobre papel, seda e cetim, pintura a óleo e iluminação de fotografia.¹⁰⁰

Athos Damasceno refere-se a Frederico Trebbi como um pintor neo-clássico e acrescenta que, apesar do isolamento em que se encontravam os artistas de então, "sua produção foi volumosa e, sem dúvida, estimável".

Em 1881, na 'Exposição Brasileiro-Alemã', realizada em Porto Alegre, o artista Pedro Weingärtner recebeu a medalha de ouro e Frederico Trebbi a medalha de prata. Trebbi reagiu à premiação considerando-sé vítima de injustiça e acusando o juri de imparcial. Salienta Magalhães que "alguma razão ele tinha: o seu retrato a óleo - um único que enviou - já fora inscrito pelos organizadores da exposição na categoria menor de *fotografia iluminada...*".¹⁰¹

Das criações de Trebbi pouco resta hoje. Heloisa Nascimento menciona algumas obras remanescentes da habilidade do artista em retratar, a óleo, personagens da sociedade da época. Entre elas estão os retratos do casal D. Mercedes M. Moreira e Alfredo Gonçalves Moreira, Vicente de Maia, Barão de Jaraguá, Senador Joaquim Augusto de Assumpção, Ana Pinheiro, D. Inês Moreira e D. Leonídia Moreira Osório, todos estes figurando na Galeria dos Benfeiteiros do Asilo Nossa Senhora da Conceição.¹⁰² Através de pesquisa própria, foi possível identificar-se o paradeiro atual de duas outras obras: uma delas, atualmente exposta na Sala da Diretoria da Biblioteca Pública Pelotense, consiste no retrato do Sr. Saturnino de Almeida, primeiro presidente daquela entidade cultural; a outra, tratando-se também de um retrato, está exposta no Museu Histórico de Piratini.

Trebbi não foi apenas artista plástico e mestre de pintura, pouco tempo após sua chegada tornou-se ativo empreendedor entre os membros da 'colônia italiana', da cidade. Em 1875, envolveu-se, junto a Vicente Gentilini, Alexandre Sattamini, Jerônimo Canevato e outros, numa tentativa dos representantes da Itália em arrecadar livros para auxiliar no surgimento da Biblioteca Pública Pelotense. Exerceu, nos anos de 1878 e 79, a presidência da Sociedade Italiana Unione e Philantropia e foi vice-cônsul da Itália em Pelotas, por vários anos.

¹⁰⁰ Corrêa DR, 4/11/1891.

¹⁰¹ Corrêa MACAIHÃES, Mário Oscar. *Cultura e Cultura...* op. cit., p. 207. Segundo Athos Damasceno, o relatório da 'Exposição' não se refere a Carlos Karriz. DAMASCENO, Athos. op. cit., c. 189

¹⁰² NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. op. cit., p. 10.

Segundo Athos Damasceno, o primogênito do pintor, Atilio Alberto Trebbi, herdou o talento do pai:

"Desenhista de pulso seguro, Atilio se dedicou à arquitetura e, na qualidade de engenheiro da Secretaria das Obras Públicas no Estado, assinou vários projetos, entre os quais (...) projeto planejístico de reurbanização da área que compreende a Praça da Matriz e ergo trecho de suas adjacências, e ainda o projeto do edifício do Arquivo Público [obras em Porto Alegre] que, durante alguns anos, passou por ser de autoria do Eng. Alfonso Hebecker, apenas executado de 1909."¹⁰³

Em 1896, Trebbi fixou-se em Porto Alegre por algum tempo, assumindo, nas primeiras décadas do século, a direção artística do Atelier Fotográfico de Jacinto Ferrari.¹⁰⁴ Retornando a cidade que tão bem o acolhera, em Pelotas passou seus últimos anos de vida. Segundo Heloisa Assumpção, aos 85 anos Trebbi ainda exercia a profissão de pintor, vindo a falecer somente após 1923.¹⁰⁵

Guilherme Litran nasceu em Almeria, Província de Granada, estudou na Espanha e terminou sua instrução em Portugal. No Brasil, antes de transferir-se para Pelotas, em 1879, residiu no Rio de Janeiro, depois em Campos, no Estado do Rio e em Rio Grande. Apesar de ser autor de obras como 'Carga de Cavalaria', pertencente ao Museu do Estado, e 'Reconhecimento - Guerra dos Farrapos', de propriedade da família Leopoldo Souza Soares, Litran foi, em especial, figurista. Dentre seus retratos a óleo, podem ainda hoje serem admirados o do Barão de Arroio Grande, do Visconde da Graça e de Antonio Joaquim Dias, na Galeria de Benefícios do Asilo de Mendigos, e o retrato do General Osório, de propriedade do Club Comercial de Pelotas.¹⁰⁶

Segundo Heloisa Assumpção, muitas das obras de Guilherme Litran "estão em Pelotas, em instituições pias ou igrejas, para as quais foram pintadas. Algumas, (...) estão na cidade de Rio Grande. Outras, em coleções oficiais do Governo do Estado. Outras ainda em poder de membros da sua família e de particulares."¹⁰⁷

¹⁰³ DAMASCENO, Athos. op. cit., p. 922. Em 1914, surgiu em Pelotas o jornal 'O Rebolo', de redação local, cujo filho do pintor.

¹⁰⁴ DAMASCENO, Athos. op. cit., p. 994.

¹⁰⁵ Conforme NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. op. cit., p. 9.

¹⁰⁶ Idem, ibidem. p. 6.

¹⁰⁷ Idem, ibidem.

Além de pintor, Litran foi professor. Dentre seus alunos "destacaram-se as Sras. Corina e Pepita Mautell, o jovem Bento Azambuja e os Srs. Lourenço Bordagorry, Joaquim Fernandes da Cunha Júnior e Pedro Torres Crehuet."¹⁰⁸

Casou-se com D. Mathilde Tallone. Seus filhos D. Marieta Litran Sousa Soares, Carlos Luiz Salvador Litran, Dolores Litran Duval e José Francisco Litran, residiram em Pelotas.¹⁰⁹

Em 1890, o artista, através do jornal *Cortejo Mercantil*, tentava vender uma de suas telas, "cópia do célebre quadro de Rafael, intitulada *Pasmo [spasimo, segundo Damasceno] de Sicília*".¹¹⁰ Observa-se que o artista encontrava-se em precária situação financeira para atender sua numerosa família. Litran faleceu com mais de 50 anos, em 13 de agosto de 1897¹¹¹ e está sepultado no quadro velho do cemitério local, juntamente com sua esposa.

Giovanni Falconi: "Conógrafo, decorador e paisagista a óleo e aquarela", assim Athos Damasceno define o mestre italiano Giovanni Falconi.¹¹² O mesmo autor admite também que escassas são as fontes sobre o artista, sabendo que este chegou a Porto Alegre em agosto de 1892, com a intenção de radicar-se no Estado. Porém, as pesquisas realizadas nos jornais pelotenses comprovam que Giovanni Falconi encontrava-se em Pelotas no ano de 1887, cinco anos antes, portanto, da data indicada por Damasceno.

Desse período, identifica-se como obras suas os trabalhos de decoração do 'Hotel Brazil', de propriedade do Sr. Scutto, também italiano, onde "as galerias das arcadas foram pintadas com todo esmero e gosto" e "lindas paisagens e alegorias, banhadas de esplêndida luz" faziam o assunto dos quadros,¹¹³ além da decoração e trabalhos de pintura no palacete que o Sr. Campos Moraes possuía em Rio Grande.¹¹⁴

Carlos Serres: natural da França, foi um dos primeiros fotógrafos profissionais a atuar em Pelotas. Junto com seu irmão prestou bons serviços à população pelotense. Não foi possível identificar a data de sua chegada à Pelotas, no entanto, examinando trabalhos

¹⁰⁸ MAGALHÃES, Mário Osório. *Civilizações e Culturas... op. cit.*, p. 210.

¹⁰⁹ Conforme NASCIMENTO, *Revista Assunção*, op. cit., p. 5.

¹¹⁰ CM, 1/1/ 890.

¹¹¹ CM, 1/1/1897.

¹¹² DAMASCENO, Athos, op. cit., p. 309.

¹¹³ Conforme CM, 29/11/ 887.

¹¹⁴ Conforme CM, 29/1/ 890.

fotográficos seus, pode-se observar que seu atelier situava-se na Rua das Flores. Tal rua manteve esta denominação somente até 1869, concluindo-se, portanto, que antes desta data o fotógrafo Serres já situava em Pelotas. Faleceu em 20 de agosto de 1890, com 62 anos.¹¹⁵

Baptiste Lhullier: Em 1875, já era fotógrafo profissional na cidade. O Museu da Biblioteca Pública Pelotense conta com algumas de suas obras. Teve atelier na Rua General Osório e na Sete de Setembro.

Augusto Amoretty: Em 13 de janeiro de 1876, o Correio Mercantil informava que o Sr. Augusto Amoretty, "artista fotógrafo de incontestável merecimento e excessivamente hábil na profissão", tencionava instalar-se na cidade, comprando o atelier fotográfico de Baptiste Lhullier, à rua Sete de Setembro. Recomendava ao público o acolhimento ao artista.

Amoretty granjeou, de logo, as simpatias da população, o que se nota pelas positivas notícias de suas realizações publicadas nos jornais da cidade e pelos inúmeros trabalhos fotográficos realizados, muitos dos quais, felizmente, nos chegaram. Em 1883, a 'colônia italiana' de Pelotas ofereceu ao município uma 'magnífica' tela elaborada por Frederico Trebbi, representando José Garibaldi. Acompanhando o convite de inauguração de tal evento estava a fotografia de Augusto Amoretty, "reproduzindo fielmente o magnífico quadro". Dois anos depois, quando da primeira experiência brasileira com radiografia executada em Pelotas, foi Amoretty o fotógrafo escolhido para registrar o evento, não o fazendo por estar ocupado com outros trabalhos.¹¹⁶

Na Exposição Brasileiro-Alemã, de 1881, o artista recebeu medalla de ouro¹¹⁷ com a apresentação de "três excelentes quadros fotográficos, sendo um com fotografia retocada a creion e dois com retratos em fotominiatura (...)"¹¹⁸

Em 1897, transferiu seu estabelecimento fotográfico para a Rua 15 de Novembro, esquina General Telles. Nesta época, fazia dos retratos retocados a crayon e de crianças a sua especialidade. Quanto à nacionalidade do pintor, se tem duas pistas a indicar a mesma direção: a primeira é o 'y' utilizado na grafia do seu sobrenome, o que

¹¹⁵ CM, 21/8/1890.

¹¹⁶ Conforme MAGA-HÄS, Mario Osório, *Cultura e Cultura*, op. cit., p. 213.

¹¹⁷ *Correio de Artes*, 8/1/1882.

¹¹⁸ DAMASCENO, Alvaro, op. cit., p. 191.

aponta para uma descendência francesa; a segunda, refere-se a um artigo publicado no jornal Correio Mercantil de 29 de julho de 1892 onde é anunciada a realização de uma Assembléia Geral da 'Sociedade Francesa de Beneficência' na casa do fotógrafo.

Jorge Wetzel: Mário Magalhães o considera como um dos principais fotógrafos estabelecidos em Pelotas no último quartel do século passado, no entanto, pouco registra sobre sua atuação. Na verdade, a respeito desse fotógrafo, sabe-se mais sobre seu pai, o alemão Henrique F. Wetzel, que, em 1876, se instalou em Porto Alegre, onde fundou um curso particular de desenho linear e à mão livre.

Segundo Damasceno, em 1878, Henrique Wetzel exercia atividades no Colégio Rio-Grandense, de Apeles Porto Alegre, gozando de geral estima na cidade.¹¹⁹ No entanto, observa-se, através do Correio Mercantil de 1884, que em setembro daquele ano Henrique Wetzel encontrava-se estabelecido em Pelotas, à Rua do Imperador (atual Félix da Cunha) afinando pianos, e outros instrumentos de cordas, além de realizar trabalhos de escultura, dourados e gravuras.¹²⁰ Aceitava assinaturas para afinar pianos, o que indica planos de permanência na cidade. Um ano depois, seu filho, Jorge Wetzel, inaugurava a 'Fotografia Wetzel'.¹²¹



Verso de uma fotografia de Carlos Serres
(Museu da BPP)

¹¹⁹ Idem, ibidem, p. 964.

¹²⁰ Conforme CM, 27/9/1884.

¹²¹ Conforme LOPES NETO, João Simões. *Revista do 1º Centenário de Pelotas*. Pelotas, nº 78, 30/4/1912, p. 100. Segundo Simões Lopes, Jorge Wetzel foi o primeiro no Brasil a fazer uma radiografia.



Verso de uma fotografia de
Augusto Amoretti
(Museu da BPP)



Verso de uma fotografia de
Baptista Lhullier
(Museu da BPP)



Verso de uma fotografia de
Jorge Wetzel
(Museu da BPP)

Estrangeiros e a imprensa

O primeiro jornal de Pelotas, circulou de 7 de novembro de 1851 a 21 de março de 1855,¹²² chamava-se 'O Pelotense', e era de propriedade de Cândido Augusto de Mello. Em seu trabalho sobre a vida e a obra de João Simões Lopes Neto, Carlos Reverbel afirma que "em que pese o aparecimento tardio em relação à de Porto Alegre, a imprensa pelotense não demorou a equiparar-se à da capital."¹²³ De fato, em poucos anos, a cidade passou a contar com inúmeros jornais diários e periódicos semanais, muitos dos quais de alto padrão, e que nada ficavam a dever aos da capital gaúcha. Os principais periódicos a circular em Pelotas, na segunda metade do século passado, foram:

O 'Diário de Pelotas' (1868-1889), órgão do Partido Liberal, de propriedade de Ernesto Augusto Gerngross; o 'Jornal do Comércio' (1870-1882), de propriedade de Antônio Joaquim Dias até 1875, quando o vende a Artur de Lara Ulrich; o 'Correio Mercantil' (1875-1915), de propriedade de Antônio Joaquim Dias até 1892 e de seu filho, César Dias, até 1906; o 'Onze de Junho' (1868-1889), de Antônio da Silva Moncorvo Júnior; o 'Cabrion' (1879-1889), de propriedade do português Araújo Guerra e do litógrafo francês Eduardo Chapon, que, entre abril de 1887 e janeiro de 1890, editou sozinho o

¹²² OSORIO, Fernando Luis. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas, Of. Tip. do Diário Popular, 1992, p.198.

¹²³ REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional: vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. UCS - Mestrado Livreiro, 1981, p. 41.

semanário 'A Ventarola'; o 'A Discussão' (1881-1888), órgão abolicionista, de propriedade de Fernando Osorio, Epaminondas Piratinino de Almeida, Saturnino de Arruda e Marçal Escobar e o 'A Pátria' (1886-1891), de Fernando Pimentel e Ismael Simões Lopes.

Significativa foi a participação de elementos estrangeiros no desenvolvimento da imprensa pelotense, começando com a atuação do notável Carlos von Koseritz. Em 1854 surgiu o segundo jornal pelotense, chamava-se 'O Noticiador' e circulou até 1868. Na tipografia desse jornal, Koseritz imprimiu suas primeiras obras: 'Resumo de História Universal para Uso dos Colégios' (1857), 'Compêndio de História Natural' (1858) e 'Compêndio Resumido de Geografia' (1858).¹²⁴ O mesmo Koseritz, em 1857, fundou o 'Ramilhete Rio-Grandense' e, em 1861, o 'Jornal de Pelotas'.

Dentre os proprietários dos jornais acima citados, pode-se observar a presença de alguns sobrenomes a indicar a presença estrangeira, como Ernesto Augusto Gerngross, Artur de Lara Ulrich e Antonio da Silva Moncorvo, no entanto, não foi possível identificar, com certeza, a nacionalidades destes. Registrhou-se também a existência de um jornal alemão chamado 'Deutsche Presse', em 1881,¹²⁵ e dois italianos, 'O Echo da Colônia Italiana', em 1886¹²⁶ e o 'Il Venti Setembro', em 1883, de Carlos Cantaluppi,¹²⁷ porém, desses jornais não se localizou nenhum exemplar.

Outro importante nome na história da imprensa em Pelotas é o do francês Eduardo Chapon. Artista gráfico, responsável pela confecção da 'Coleção Brasiliense',¹²⁸ Chapon editou, entre 1879 e 1889, junto a Aratijo Guerra,¹²⁹ o periódico caricato 'Cabrión', que tratava, de forma irônica, assuntos políticos e sociais, publicava poesias, romances e charadas, abusando das charges a respeito de acontecimentos locais e nacionais. Entre 1887 e 1890, editou, então sozinho, o semanário humorístico e ilustrado 'A Ventarola'. Com redação à Rua 7 de setembro nº 21, saía com 8 páginas e trazia, normalmente em sua capa, a título de homenagem, o retrato a bico de pena de alguma personalidade expoente na época, e, logo após, algumas linhas biográficas sobre o homenageado. Explorava, com bom humor, fatos do cotidiano da cidade. Conforme

¹²⁴ OSORIO, Fernando Luiz, op. cit., p. 200.

¹²⁵ CM, 22/1/ 381.

¹²⁶ CM, 16/3/ 886.

¹²⁷ OSORIO, Fernando Luiz, op. cit., p. 201.

¹²⁸ A Coleção Brasiliense tratava-se de uma série de cartões postais com ilustrações coloridas a lápis e personalizadas, dicas e episódios históricos, riograndenses e nacionais, idealizada por José Simões Lopes Neto. Mais sobre a 'Coleção' ver REVERTE, Carlos, op. cit., p. 205.

¹²⁹ Aratijo Guerra era português. Além de fundar o 'Cabrión', em Pelotas, trabalhou, em Porto Alegre, no 'Século' e foi proprietário do 'Lente', em 1882 mudou-se em São Paulo onde fez belíssimo carreiro. Conforme REVERTE, Carlos, op. cit., p. 205.

Reverbel, o semanário 'A Ventarola' teve como ponto alto o grupo de colaboradores que conseguiu reunir: Bernardo Taveira Júnior, Damasceno Vieira, Alfredo Ferreira Rodrigues, Francisco de Paula Pires, Revocata de Melo e Lobo da Costa.¹³⁰ Contava também com a habilidade do alemão Guilherme Stoffel, principal ilustrador do semanário.



Frontispício do jornal 'A Ventarola', do francês Eduardo Chapon

Ainda relativo ao meio jornalístico é necessário que se comente a ação de Antonio Joaquim Dias. Nascido em Portugal, veio para o Brasil com 13 anos de idade.¹³¹ Na cidade de Rio Grande fundou o 'Diário de Rio Grande' e o 'Artista', além da revista literária 'Arcádia'. Em 1869, radicou-se em Pelotas, onde fundou o 'Jornal do Comércio', em 1870. Cinco anos depois, sob sua propriedade e direção, surgiu o 'Correio Mercantil', importante jornal da Província, diário, de grande formato e com quatro páginas.

Polêmico personagem, Antonio Joaquim Dias é tido, por um lado, como grande empresário e filantropo, por outro, como vigarista e gente da pior espécie. A professora Eliane Peres o considera "um homem de idéias 'avançadas' para a época".¹³² Maçon,abolicionista e republicano, foi responsável por muitas iniciativas na cidade de Pelotas, idealizador de grandes obras como a Biblioteca Pública Pelotense e o Asilo de Mendigos. No entanto, estava constantemente envolvido em problemas, confusões e discussões. Segundo Eliane Peres,

¹³⁰ Idem, ibidem, pp. 206,207.

¹³¹ Conforme Histórico do Asilo de Mendigos de Pelotas: 1882-1935. Pelotas, Editora A Universa, 1935.

¹³² PLRS, Eliane Tevesinha, *Templo de Luz: os círculos rotativos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*, Porto Alegre, dissertação de mestrado para a Faculdade de Educação, UFRGS, agosto de 1995, mimeo, p. 78.

"(...) em 1875 envolveu-se na chamada 'Questão Religiosa'. Seu jornal, o *Correio Mercantil*, publicou ao longo do ano, vários artigos atacando a Igreja Católica e os jesuítas. Em 1890 foi protagonista de mais uma polêmica: foi acusado de trazer ao Brasil, vindo do Uruguai, dinheiro falso. Outras questões menores envolveram o jornalista como algumas brigas com membros da diretoria da Biblioteca Pública Pelotense e com membros da sociedade literária 'Culto às Letras' que iniciou suas atividades junto à Biblioteca."¹³³

Já a historiadora Beatriz Loner observa o seguinte:

"(...) [Joaquim Dias] é considerado como inspirador de grandes obras como a Biblioteca Pública Pelotense, da qual nunca conseguiu ser presidente, e o Asilo de Mendigos, por exemplo. Contudo, sua entronização como 'grande homem' e benemerito visto cônscio, só se deu após sua morte, talvez por iniciativa de seu filho, César Dias. O conceito que gozava em vida era muito ambíguo, algumas vezes servindo até de motivo de troça para seus adversários políticos, especialmente com relação ao jornal 'A Pátria', no recubrimento simbólico de Mendes Lopes. Alguns como Mafra¹³⁴ tentam inclusive vinculá-lo à criação do Congresso Operário, mas isto não é comprovado por documentação.

Quanto ao Asilo de Mendigos, ele colejava objetivos e iniciou as tratativas para levá-lo, mas sempre terminou brigando com os outros e por isso as obras não seguiram a hérte.¹³⁵

De concreto se tem que Antonio Joaquim Dias foi diretor e vice-presidente da Biblioteca Pública e primeiro presidente do Asilo de Mendigos. Fundador e diretor do Correio Mercantil, transformou o jornal em um conceituado periódico da Província e um dos mais importantes da cidade de Pelotas. Quando de seu falecimento, em 8 de março de 1892, seu filho César Dias assumiu a direção do jornal. Sua filha, Antonieta César Dias, alcançou o mérito de ser a terceira médica formada no Brasil.¹³⁶



Antonio Joaquim Dias

(Litografia de Guilheme Stoffel. A Ventarola, 3/7/1887)

¹³³ Idem, Ibidem.

¹³⁴ Ver MARÇAL, João Batista. *Primeras lutas operárias no R.G.S.*. Porto Alegre, Livraria do Globo S.A., 1985.

¹³⁵ Do arquivo pessoal de historiadora e professora da Universidade Federal de Pelotas, Beatriz Loner.

¹³⁶ A prima também é pelotense, Dra. Rita Lobato Vieira Lopes, filha do charmeador Francisco Lobato Lopes.

Espaços de sociabilidades

Até o último quartel do século passado, os espaços públicos de sociabilidades em Pelotas funcionavam em especial aos domingos e feriados, durante o dia. Pouco conhecida, a noite estava diretamente associada ao medo e ao perigo, resultado da deficiente iluminação conseguida com os obsoletos lampiões a azeite espalhados por alguns pontos da cidade. Nessa época, a preferência quanto à diversão dos pelotenses recaia sobre as festas religiosas como a do padroeiro São Francisco de Paula, a da Luz, a dos Reis, e a do *Corpus Christi*,¹³⁷ que realizavam-se nos largos e ruas da cidade. Nos espaços familiares, o saraú era a diversão preferida, constituindo-se de apresentações musicais, declamações e recitação de poemas.

A partir de 1875, com o incremento da iluminação a gás hidrogênio, os hábitos de diversão e sociabilidade dos pelotenses se alteraram, o espaço público foi redescoberto. Os saraus passaram a acontecer também em ambientes públicos como a Biblioteca Pública e o Teatro Sete de Abril. Os bailes na Soirée Pelotense e na Sociedade Terpsicore invadiam a madrugada. Em 1891, o relatório de estatísticas da Intendência identifica na cidade 26 botequins e cafés, 20 casas de bilhares, 5 confeitorias, 9 quiosques e 19 hotéis, casas de pasto e restaurantes.¹³⁸ As bandas que animavam os eventos públicos multiplicaram-se. Na década de 80, existia a 'Lira Pelotense', a 'União', a 'Santa Cecília', a 'Carlos Gomes', a 'Philarmônica Pelotense', a 'Satelina' e a 'Apolo'.¹³⁹

Segundo Sennet, o ambiente público é onde se vive uma vida pública, isto é, "uma vida que se passa fora da vida da família e dos amigos íntimos", onde "grupos sociais complexos e dispares entram em contato inelutavelmente".¹⁴⁰ A construção do ambiente público e de uma cultura pública - "espécie de nova linguagem facilitadora da comunicação entre estranhos, também conhecida como cosmopolitismo"¹⁴¹ - se consolida em Pelotas no último quartel do século passado.

Núncia Constantino informa que a cultura pública "tem como cenário preferencial a cidade moderna que deverá estar de acordo com padrões estabelecidos para salubridade, urbanismo, arquitetura, moda, comportamento". No último quartel do século

¹³⁷ Corleone MAGALHÃES, Mário Osório. *Ocupação e Cultura...* op. cit., n. 150.

¹³⁸ Corleone do núm da Repartição de Estatística apresentado à intendência em 1891.

¹³⁹ Corleone MAGALHÃES, Mário Osório. *Ocupação e Cultura...* op. cit., n. 155.

¹⁴⁰ SENNET, Richard. *O destino do homem público: As divisões da intimidade*. São Paulo, Clássica Letras, 1998, p. 32.

¹⁴¹ CONSTANTINO, Núncia. 'A conquista do tempo urbano: Porto Alegre moderna'. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUC RS, v. XX, nº2, 1991, p. 61.

XIX, Pelotas está ficando moderna. É desse período o aformoseamento das ruas e praças, a iluminação pública a gás, a rede de esgoto, o sistema de transporte público, o fornecimento de água aos domicílios e chafarizes públicos, a fundação da Biblioteca Pública e a presença de grandes jornais como o Correio Mercantil, A Pátria, o Diário de Pelotas, o Jornal do Comércio, o Onze de Junho e A Discussão. Nesse período, a cidade é cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio cultural proporcionado pela atuação de representantes de diversas etnias que em Pelotas se fixaram.

Presentes nesse processo de formação de uma cultura pública identificou-se alguns espaços de sociabilidades pertencentes a elementos estrangeiros:

Já analisados no terceiro capítulo, os hotéis foram importantes espaços de sociabilidades por abrigarem restaurantes e cafés, além de oferecerem local adequado a reuniões de negócios e eventos festivos. Em 1887, o 'Hotel Brasil', de propriedade do italiano Antonio Scotto, convidava o público em geral para "conhecer os melhoramentos feitos no caramanchão e jardim ali preparados, para receber as Exmas. famílias que durante as tardes e noites calmosas queiram servir-se de fiambres e gelados".¹⁴² Em 1883, o Hotel Garibaldi anunciava a realização de "grandes e esplêndidos bailes a fantasia nos vastos salões", onde os jardins "convertidos em florescentes bosques" foram iluminados a "giorno".¹⁴³

Também representantes da participação dos estrangeiros nos espaços públicos de sociabilidades da Pelotas de então foram o 'Jardim Ritter', o 'Recreio Pelotense' e o 'Parque Pelotense'.

Inaugurado em dezembro de 1888, o 'Recreio Pelotense' pertencia ao Sr. Scotto e situava-se à Praça D. Pedro II (atual Coronel Pedro Osório). Estrategicamente localizado, recebia famílias pelotenses, que, ao final da tarde, saboreavam 'gasosas' e doces variados. Quando de sua inauguração assim referiu-se o Correio Mercantil:

"Na tarde dia 11 mo. passado o pilotozinho quiscaus 'Recreio Pelotense', de propriedade do sr. A. Scotto e fil. à Praça Pedro IIº, em frente ao Hotel Brasil, também propriedade do mesmo sr. Scotto. A árvore do zé covinho foi encerrada e o local apresentava um aspecto deslumbrante. À noite, no maior brilhantismo reluzia-se no elegante salão que o seu acústico".

"Em matéria colhida de simples burgues não há no município local algum mais distinto do que os jardins na Praça Pedro II, em um dos quais está instalado o Recreio Pelotense".¹⁴⁴

¹⁴² CM, 22/11/1887.

¹⁴³ CM, 10/1/1883.

¹⁴⁴ A Voz do Rio, 9/12/1889.

O 'Jardim Ritter', de propriedade da firma Carlos Ritter & Irmão, localizava-se onde hoje está a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas e a praça de esportes do 9º Batalhão de Infantaria do Exército. Ocupando grande área arborizada, o 'Jardim Ritter' atraia por sua beleza natural e por sua localização e facilidade de acesso, através dos bondes de tração animal da 'Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas'. Em 1887, sobre as vantagens da localização do 'Jardim', assim se referia 'A Ventarola':

'Estabelecido aquele gracioso jardim nos limites urbanos, podendo-se dizer que em um dos mais importantes parcos da cidade [...], ferita così la forma a resultados de cíclicos que, nos determinados dias [domingos e feriados], fica ele repleto de tudo quanto há de mais gracioso nesse sucedâneo.'¹⁴⁵

Assim como no 'Recreio Pelotense', a participação das bandas musicais eram constantes no 'Jardim Ritter'. Em 1º de janeiro de 1886, comemorando a entrada do novo ano, apresentou-se a banda musical 'Apolo', que encantou os pelotenses com o programa do Maestro Mascarenhas, constituído de 'polkas', 'havaneiras', 'matchas' e 'valses'. O acesso ao 'Jardim' se dava mediante o pagamento, por parte dos homens, da quantia de 500 réis, com direito a uma garrafa de cerveja. As mulheres nada pagavam.

Mais afastado da cidade ficava o 'Parque Pelotense', de propriedade de José Alvarés de Souza Soares. Nascido em Vairão, Portugal, em 1846,¹⁴⁶ Souza Soares chegou ao Brasil muito jovem e residiu, inicialmente, em uma das províncias do Norte, de lá transferindo-se para Rio Grande e depois, em 1873, para Pelotas. Apesar de ser um estranho perante a população local, conseguiu fundar, em 1874, o 'Laboratório Homeopático Rio-Grandense',¹⁴⁷ onde vendia algumas fórmulas importadas e outras por ele mesmo manipuladas. A vida lhe sorriu quando do lançamento do afamado xarope 'Peitoral de Cambará'. Aplicando avultados recursos em propaganda - importante inovação de marketing para a Pelotas da época - fez do 'Peitoral' o remédio da moda, o que rendeu-lhe bons frutos, inclusive a publicação do livro 'Auxílio Homeopáthico'.

Em 1880, no lugar denominado Villa do Prado, junto ao Prado Pelotense, a três quilômetros da cidade, Souza Soares comprou uma campina, pobre de águas e de vegetação. Durante três anos trabalharam no lugar mais de vinte homens sob sua direção.¹⁴⁸ Ao final do trabalho naquela campina estabeleceu o 'Parque Pelotense', rico em

¹⁴⁵ A Ventarola, 20/11/1887.

¹⁴⁶ NASCIMENTO, Heloisa Assunção, op. cit., p. 311.

¹⁴⁷ Conforme LOPES NETO, João Simões, cc. ct., nº 6, 30/3/1912, p. 85.

¹⁴⁸ Zé Pôrto, 7/12/1883.

edificações, abundante em águas, cascatas e fontes, composto de "bosques de agradável sombra, de encantadoras ilhotas artificiais, de jardins, estufas, morros, chalés, labirintos."¹⁴⁹ A entrada no 'Parque' era gratuita nos dias úteis, e cobrada nos domingos e 'dias santos'.

Em 1885 o Diário de Pelotas publicou algumas normas de conduta a serem seguidas pelos visitantes do 'Parque':

"Os cava eiros só poderão brincar os que hanquessas dos canos, haverão para isso um lugar apropriado elin de guardarem os animais".

"Os carros deverão estacionar na praça Praia de Júlio".

"Nos pregos, Abolição, I. e demais zonas Artísticas, assim como em frente ao restaurante, a Escola e à casa da Cigarra, estando colocadas uma cimadeira no topo de um mastro, elin de no caso de necessidade, ser chamado o respetivo empregado".

"A trita telefônica em comunicação com o Parque Pelotense fechar-seá às 7 horas da noite, e no inverno às 5 ½ Horas".

"Nos domingos e dias santos, no verão às 8 horas e no inverno às 6 ½".¹⁵⁰

No Parque Pelotense, José Alvares de Souza Soares estabeleceu seu 'Laboratório Homeopático Rio-Grandense' e a fábrica do 'Peitoral de Cambará', premiados com a medalha de ouro pela Academia de Paris e pela Exposição Brasileira-Alemã. Por ser distante, era nos finais de semana que o 'Parque' abrigava grande quantidade de famílias a divertirem-se em atividades esportivas, piqueniques e caminhadas. Bandas alegravam o ambiente. Em meio a comentários dos acontecimentos da semana, namoros e fofocas, os pelotenses viam e eram vistos.

¹⁴⁹ NASCIMENTO, Felisa Assumpção, op. cit., p. 311.

¹⁵⁰ Diário de Pelotas, 20/10/1885.



CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho de pesquisa foi analisar a participação do elemento estrangeiro no processo de modernização da cidade de Pelotas, no último quartel do século XIX. A constatação da existência de um equivocado saber corriqueiro, que atribui aos luso-brasileiros a quase exclusiva responsabilidade nesse processo, foi o principal fator motivador deste estudo.

Buscou-se realizar um trabalho objetivo, composto por argumentos capazes de comprovar o equívoco do senso comum a respeito do tema. Para tanto, compulsou-se a documentação arquivada no Museu da Biblioteca Pública Pelotense, em especial, os jornais e periódicos locais e os contratos de sociedades comerciais registrados na Junta Comercial do Estado. O resultado final da compilação e análise das informações coletadas é esta dissertação, onde, em sintonia com as hipóteses formuladas, se concluiu que:

1º) A cidade de Pelotas, um dos principais centros urbanos da Província de São Pedro, recebeu excepcional impulso em direção a um processo de modernização no último quartel do século passado. Melhoramentos em infra-estrutura, aformoseamento de largos e ruas, e novos padrões de linguagem em arquitetura e comportamento comprovam tal afirmação. No período em questão tem-se: o incremento da iluminação pública a gás hidrogênio, provocando alterações no comportamento social dos pelotenses, com o aumento do tempo de se viver em público; o início do

fornecimento de água à população, através dos serviços da Cia. Hidráulica Pelotense; a inauguração do serviço de saneamento projetado pelo engenheiro francês Gregório Howyan e o início do trânsito de carros de passageiros da 'Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas', a encurtar distâncias. É desse período também a desobstrução da foz do São Gonçalo, permitindo a entrada em Pelotas de navios de grande calado, a construção da estrada de ferro, ligando Rio Grande a Bagé com estação em Pelotas, a inauguração da Biblioteca Pública Pelotense e a presença de grandes jornais como o Correio Mercantil, A Pátria, o Diário de Pelotas, o Jornal do Comércio, o Onze de Julho e A Discussão.

2º) O processo de modernização verificado na cidade atraiu elementos estrangeiros desejosos de satisfazer as mais variadas ambições pessoais. Oriundos de fracassadas tentativas colonizadoras na Serra dos Tapes, vindos do norte do estado, de outras províncias, ou até mesmo diretamente de outros países, os estrangeiros, não afetos a prática da agricultura ou pecuária, buscaram na cidade meios para sobreviver. Lá chegando, encontraram um ambiente urbano impregnado por valores culturais europeus, onde o estrangeiro, enquadrado em limites rígidos de aceitação, ou seja, trabalhador e de boa conduta, não encontrou maiores obstáculos a sua permanência, sendo, ao contrário, favorecido pelo simples fato de ser estrangeiro, em especial quando detentor de alguma qualificação profissional. Quanto à representação numérica desses estrangeiros, as análises quantitativas realizadas demonstraram que o elemento português foi preponderante na zona urbana, ficando em segundo lugar o italiano, seguido de perto pelo uruguai e pelo espanhol. Mais atrás figuravam o alemão e o francês.

3º) Carregando consigo novas idéias e práticas socioeconómicas, o elemento estrangeiro foi um agente social capaz de

atuar nas mais variadas áreas do ambiente urbano pelotense. Parte integrante do processo de modernização, tornou-se responsável pela transformação da antiga cidade de características luso-brasileiras em uma nova e cosmopolita cidade. Sua atuação foi confirmada nas mais variadas atividades econômicas, sendo relevante seu papel como proprietário de estabelecimento comercial, pois esteve presente em mais de 70% das firmas identificadas.

Algumas particularidades também foram constatadas como, por exemplo, a grande participação de elementos italianos no ramo hoteleiro e a atuação de expoentes alemães no ramo fabril, como Jacobs Klaes, introdutor da indústria de fumos na cidade; Frederico Carlos Lang, proprietário da importante 'Fábrica Lang' de sabão e velas e os descendentes de colonos alemães, os srs. Carlos Ritter e Frederico Jacob Ritter, proprietários da 'Cervejaria Ritter' e do 'Jardim Ritter'. Isso sem mencionar-se a influência direta dos arquitetos italianos José Izella Merote e Guilherme Marcucci na construção de um novo padrão de linguagem em arquitetura urbana, caracterizado por um estilo neo-renascentista misturado a detalhes do barroco e adaptações locais.

4º) Inúmeras foram as realizações culturais patrocinadas pelo elemento estrangeiro em Pelotas. Estas iam desde a fundação de sociedades de natureza benéfica ou esportiva até a atuação de mestres na formação dos jovens pelotenses. Observou-se que, a respeito das atividades associativas, apesar dos representantes alemães terem se antecipado, cronologicamente, frente aos italianos, é destes últimos a maior expressão quanto a realizações sociais postas em prática por entidades associativas de estrangeiros não portugueses no período.

Pode-se afirmar também que, quanto ao teor das atividades realizadas por estas entidades, excetuando as alemãs e italianas, todas as outras estiveram voltadas especialmente ao auxílio mútuo e beneficência. Apesar de não se descuidarem da segurança para o

futuro, os alemães foram capazes de investir em atividades alternativas, principalmente esportivas, já os italianos investiram muito em entidades artísticas como a 'Sociedade Philo-Dramática Italiana Dante Alighieri', a 'Sociedade 20 de Setembro', a 'Banda Bellini', a 'Sociedade Choral Italiana' e a 'Sociedade Italiana Coral Savoia'.

Registrhou-se também a influência do elemento estrangeiro no processo de transformação da sociedade pelotense em direção a uma cultura urbana através da atuação de artistas plásticos, fotógrafos, jornalistas e mestres educadores. Quanto aos últimos, constatou-se a importância que os pelotenses atribuíam a uma 'formação europeia', o que fez dos mestres de origem europeia, em especial os franceses, os mais requisitados no período.

Apesar de todas essas conclusões, muitas perguntas sobre o tema ainda estão sem resposta, carecendo de estudos apropriados. Entre elas pode-se citar as questões relativas à atuação de estrangeiros na formação da classe operária. Apesar desta dissertação não privilegiar tal estudo, alguns indícios convidam à reflexão: os uruguaios, por exemplo, mostraram-se numericamente expressivos na zona urbana, no entanto, pouco figuraram nas atividades analisadas. Ocupariam eles de forma característica algum lugar social delimitado, isto é, estariam presentes de forma significativa entre os operários?

E quanto à influência do alienígena na formação do imaginário social da época? Que olhares repousavam sobre eles? Com que olhos decifravam a cidade e seu redor? A própria charge publicada no segundo capítulo deste trabalho inspira reflexões a cerca do assunto.

A análise de cada uma destas questões é suficiente à elaboração de uma nova dissertação. Esse trabalho que agora termina, deve ser útil quando do surgimento de novos estudos a respeito da presença do estrangeiro no ambiente urbano pelotense do século XIX.

Fontes

1- Manuscritos arquivados no Museu da Biblioteca Pública Pelotense

CUNHA, Alberto Coelho da. *Síntese Histórica da Santa Casa de Misericórdia*. 1898, vol. 612.

CUNHA, Alberto Coelho da. Textos diversos. 1922, vol. 659a.

CUNHA, Alberto Coelho da. Textos diversos. 1911, vol. 660b.

CUNHA, Alberto Coelho da. Textos diversos. s.d., vol. 660c.

2- Impressos arquivados no Museu da Biblioteca Pública Pelotense

2.1. Atas, Estatutos e Relatórios oficiais

Atas da Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros em Pelotas (1849-1855). Vol. 476.

Boletim da Repartição de Estatística apresentado a Intendência em 1891. Não catalogado.

Estatística do Município de Pelotas organizada pela Intendência em 1897. Vol. 632.

Estatutos da Cia. da Desobstrução da Foz do Rio São Gonçalo. 1876, vol. 635a.

Estatutos da Sociedade Alta Viação Pelotense em 1º/02/1878. Vol. 556.

Estatutos do 'Congresso Português 1º de Dezembro' em 1º/10/1905. Não catalogado.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osorio em 20/09/1922. Vol. 632.

Relatório da Praça do Comércio de Pelotas. 1877, vol. nº 522.

2.2. Jornais e periódicos pelotenses

A discussão (1881-1885)

A Opinião Pública (1897-1899)

A Patria (1889-1891)

A Ventarola (1887-1889)

Correio Mercantil (1875-1900)

Diário de Pelotas (1885-1889)

Diário Popular (1890-1891)

Jornal do Comércio (1875-1876)
Onze de Junho (1881-1882)
O Sul do Brasil (1887-1888)
Zé Povinho (1883)

2.3. Revistas e Almanaques pelotenses

Álbum Pelotense, 1922.

Almanaque de Pelotas, 1914 e 1924.

O Menestrel. Periódico de Divulgação Literária. Pelotas, Ano XII, nº 2, 1986.

Pelotas Memória. Pelotas, fascículos I/1989 e I/1994.

Revista do Centenário de Pelotas. Pelotas, nº 1, 15/10/1911.

_____ nº 2, 25/11/1911.

_____ nº 3, 30/12/1911.

_____ nº 5, 29/02/1912.

_____ nº 6, 30/03/1912.

_____ nº 7-8, 30/5/1912.

3- Outras

Arquivo pessoal da historiadora e professora da Universidade Federal de Pelotas, Beatriz Loner.

Contratos comerciais de firmas pelotenses arquivados na Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (1877-1900)

Convite da 'Compagnie Imperial du Chemin de Fer de Rio Grande do Sul' à Câmara Municipal. Museu da Biblioteca Pública Pelotense. 19/11/1881, vol. 522.

CUNHA, Alberto Coelho da. "Antigualhês de Pelotas". In: A Opinião Pública, Pelotas, 19/10/1928.

NEIS, Pe. Rubem. "Pelotas em 1815". In: Correio do Povo, Porto Alegre, 08/07/1972.

Histórico do Asilo de Mendigos de Pelotas: 1882-1935. Pelotas, Editora A Universal, 1936.

4- Bibliográficas

ARRIADA, Eduardo. Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano. Pelotas, Editora Armazém Literário, 1994.

- BECKER, Klaus. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas, Editora Regional LTDA, vol. 05, 1958.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo, Contexto, 1992.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara; CÉZAR, Teimistocles Américo. "Os periódicos do final do século XIX e do início do século XX e o quotidiano de Pelotas". In: *História em revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, nº 1, setembro de 1994.
- CHAVES, Antônio José Gonçalves. *Memórias Economo-políticas sobre a administração pública do Brasil*. Porto Alegre, ERUS, 1978.
- CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.
- CONSTANTINO, Núncia. "A conquista do tempo noturno: Porto Alegre 'moderna'". In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUC-RS, v. XX, n.2, dezembro 1994.
- DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Gobo, 1971.
- DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovilho. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST, 3^a ed., 1984.
- DE PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO A ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Censos do RS: 1803 - 1950.
- DIÉGUES JR., Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/MEC, 1964.
- FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre, Martins Livreiro Editora, 1984.
- GIRON, Loraine Slomp. "A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes". In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2^a ed., 1992.
- GRANDO, Marinês Zandavalli. *Pequena agricultura em crise: o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, FEE (teses nº 14), 1990.
- GUTIERREZ, Ester J. B.. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas, Editora Universitária/UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

- HUNSCHE, Carlos H.. *Pastor Heinrich Wilhelm Hunsche e os Começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil*. São Leopoldo, Editora Rotermund, 1981.
- ISABELLE, Arsene. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Tradução e notas de Dante de Laytano. Porto Alegre, Martins Levrero, 2^a ed., 1983.
- JANTZEN, Sylvio Arnoldo Dick. *A Ilustre Pelotense: tradição e modernidade em conflito*. Porto Alegre, dissertação de mestrado na Faculdade de Educação da UFRGS, mimeo., 1990.
- LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxén. "Capitalismo e colonização: os alemães no Rio Grande do Sul". In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2^a cd., 1992.
- LEÓN, Zélia de. *Pelotas: casarões contam sua história*. Pelotas, Gráfica D. M.. Hofstätter, 1993.
- MACEDO, Clara Maria. *A prosperidade de Pelotas pela iniciativa de sua gente*. Pelotas, monografia do Curso de Pós-graduação a nível de especialização em História do Brasil, UCPEL, mimeo., 1983.
- MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas, EdUFPel/Livraria Mundial, 2^a ed., 1993.
- _____. *Os passeios da cidade antiga (guia histórico das ruas de Pelotas)*. Pelotas, Armazém Literário, 1994.
- MARÇAL, João Batista. *Primeiras lutas operárias no R.G.S.* Porto Alegre, Livraria do Globo S.A., 1985.
- NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. *Nossa cidade era assim*. Pelotas, Livraria universal, 1989.
- OSORIO, Fernando Luis. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas, Of. Tip. do Diário Popular, 1922.
- OSORIO, Fernando Luis. *A cidade de Pelotas*. RJ, POA, SP, Editora Gobo, 1962.
- PEREIRA DA CRUZ, Glenda. "Pelotas: Espaço Construído no Início da República". In: WEIMER, Günter (org.). *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS/ Prefeitura de Porto Alegre, 1992.
- PERES, Eliane Teresinha. *Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*. Porto Alegre, dissertação de mestrado para a Faculdade de Educação, UFRGS, mimeo., agosto de 1995.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *O espetáculo da Rua*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura de Porto Alegre, 1992.
- REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional: vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. UCS/Martins Livreiro, 1981.
- ROSA, Mário. *Geografia de Pelotas*. Pelotas, Editora da UFPEL, 1985.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. Rio de Janeiro, Ariel Editora LTDA, 1935.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las formas de socialización*. Alianza Universidad, 1986.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo, Nobel, 1988.
- ULLRICH, Carl Otto. "As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul: Conselhos aos Emigrantes para o Sul do Brasil". R. Jannasch (org.), Berlim, 1898. In: *Ensaios FEE*, Porto Alegre, ano 5, nº2, 1984.
- VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira; TONI, Jakson Silvano de. "A evolução urbana de Pelotas: um estudo metodológico". In: *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL. Pelotas, nº 01, setembro de 1994.